UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FÁBIO ARAGAKI GISHITOMI

Encontros na terceira idade – autobiografia e devir

São Paulo

2014

FÁBIO ARAGAKI GISHITOMI

Encontros na terceira idade – autobiografia e devir

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Livre Docente Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gishitomi, Fábio Aragaki.

Encontros na terceira idade – autobiografia e devir / Fábio Aragaki Gishitomi; orientador Andrés Eduardo Aguirre Antúnez. – São Paulo, 2014.

225 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Idosos. 2. Terceira Idade. 3. Autobiografias. 4. Safrá, Gilberto, 1952- 5. Ética. 6. Projeto de Vida. 7. Universidade de São Paulo I. Título.

BF724.8

Nome: Gishitomi, Fábio Aragaki

Título: Encontros na terceira idade – autobiografia e devir

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

À minha família, em especial a meus pais, meu irmão, à vovó e a tia Kiyoko, com amor, gratidão e admiração, por aqueles que sempre me incentivaram a realizar todos os meus sonhos, com muito carinho, fé e paciência, e não mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Fui premiado por receber esse cuidado, amor, força e dedicação incondicional de vocês.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, que admiro muito e me acompanha desde a graduação, aceitou me orientar nessa nova etapa dando suporte, atenção, e importantes contribuições. Obrigado por todo o tempo em que trabalhamos juntos durante as supervisões na graduação, as aulas na graduação e na pós, e as reuniões do mestrado. Agradeço também pela disponibilidade, especialmente nos últimos meses, e pela compreensão, apoio e organização nesta etapa final do trabalho.

A Profa. Dra. Rosa Yuka Chubaci, que com sua simpatia ímpar, me recebeu na Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e gentilmente se tornou a responsável pelo projeto dentro EACH-USP, meus sinceros agradecimentos. Sua disponibilidade, atenção, e confiança foram essenciais para que eu me sentisse confortável e acolhido para a realizar a pesquisa. Muito Obrigado!

Aos idosos participantes do projeto, que confiaram, e se implicaram de corpo e alma, minha gratidão e carinho. Pessoas que portam a sabedoria da vida e se dispõem a compartilhá-la. Vocês trouxeram vivências riquíssimas e valiosas, sempre saíamos preenchidos dos encontros. Sua presença e dedicação durante o projeto foram inestimáveis. Muito obrigado!

Aos Profs. Drs. Kleber Duarte Barreto e Marcelo Afonso Ribeiro, que prontamente aceitaram compor a mesa de qualificação e deram contribuições significativas ao presente trabalho. Essa colaboração foi essencial para a reformulação da escrita e torná-la mais próxima e autêntica.

Aos professores da Universidade de São Paulo que tive a oportunidade de conviver, e que deixaram marcas e me influenciam na maneira de refletir, sentir e agir. Durante o convívio, comunicavam o compromisso ético, abriam novos horizontes, e serviam de exemplo de onde queria chegar. São eles Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, Gilberto Safra, Sueli Damergian, José Moura Gonçalves Filho, Léia Prizskulnik, Lilian Frazão, Leila Tardivo, César Ades, Vera Silvia Raad Bussab, Patrícia Izar Mauro, Ecléa Bosi, Marcelo Afonso Ribeiro, Eva Maria Migliavacca, Lino de Macedo, Thamy Ayouch, Helena Coharik Chamlian.

Aos secretários do departamento de Psicologia Clínica, em especial à Cláudia e à Ana Maria, que foram de muita ajuda, sempre muito atenciosas, cordiais e competentes.

As “meninas”: Andréia Geralda do Nascimento, Cátia Cristina Rocha de Souza, Kássia Siqueira Ribeiro, Priscilla Bahia Mesquita, e aos amigos Alan Bahia Andrade e Miguel Cruz, que com sua força, garra, alegria, inteligência, crítica, e presença marcante, possibilitaram ultrapassar diversas barreiras, inclusive aquelas que eu achava que não conseguiria. Vocês são pessoas maravilhosas, de valor incalculável, sou eternamente grato à amizade de vocês, seres insubstituíveis que encontrei durante minha caminhada pela vida.

Aos amigos, Mayra Miyuki Yamada, Vivan Marina Kaneko, Gabriel Ogawa Cruz, Verena Larm Hermann, Rachel Saksanian Hallak, Márcia Sayuri Sakuda Shimabukuro, Lilian Tidori Konta, Diego Rozenbergas Isquerdo, Sofia Martins Peres Antunes, Roberta Alterman, Melanie Zamami, Kikuyo Nakasone, Elena Tokashiki, Naomi Shiroma, Mei Lian Higa. Queridos amigos, alguns mais presentes, outros mais distantes, mas que marcaram a minha vida. Obrigado por compartilhar os momentos significativos da vida, agradeço ao apoio, amizade, gentileza, alto astral, viagens, conversas, insights, brincadeiras e pelo companheirismo. Gabriel, obrigado também pela ajuda na formatação!

A prefeitura da cidade de Okinawa-Shi pela oportunidade de estágio, durante o período de mestrado, onde puder ter contato com outra cultura, com o registro dos meus ancestrais, com a gentileza, a receptividade, o respeito e a humanidade do povo da ilha de Okinawa. Essas vivências preciosas, além de irem ao encontro do presente trabalho, me enriqueceram, e me fizeram crescer como pessoa e como terapeuta.

Aos familiares pela torcida, pelas risadas, pela companhia e pelo carinho. Obrigado pelos momentos de diversão, festa, brincadeiras, e risadas. E o mais importante, por sempre torcerem pelo meu sucesso.

A vovó Tamako, à obá Chie, ao vovô Seizo (*in memoriam*) e ao oji Shoken (*in memoriam*), muito obrigado pela trajetória de vida de vocês, de muita luta, superação, persistência, e sucesso! Vocês são exemplos, e estão sempre presentes em nossas vidas, seja através de histórias, seja participando delas. A ideia do narrar a história de vida começou com vocês e foi fundamental para a realização deste mestrado.

Aos meus pais, Tamiko e Jorge, ao meu irmão Erick, e à tia Kiyoko, muito obrigado pelo companheirismo, pela força, pela convivência e pelas risadas. Vocês são muito especiais, e não me ajudaram apenas para que este trabalho desse frutos, mas sempre. Mãe, Pai, vocês são extraordinários, não apenas pela história de vida que carregam, mas por toda a paciência que têm, por dar o tempo e a sustentação necessárias para que seus filhos amadureçam, decidam e criem o seu próprio caminho pela vida. Muito obrigado pelo apoio, compreensão, carinho, confiança, dedicação ao extremo, sempre colocando os filhos na frente de qualquer outra coisa, pela acolhida, pelo amor e presença incondicionais. Fui privilegiado ao nascer nessa família e ter a oportunidade de receber esse tipo de cuidado. Ao atender pessoas, tanto na clínica quanto nos encontros com os idosos durante o mestrado, levo muito de vocês e as preciosidades que recebi, modelos de ética e de cuidado. Muito obrigado pela vida e por fazerem parte dela, vocês são maravilhosos, insubstituíveis, os melhores pais do mundo!

A todos, meus sinceros agradecimentos. Sem vocês este trabalho não teria sido possível.

“Os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso”.

João Guimarães Rosa

Resumo

Gishitomi, F. A. (2014). *Encontros na terceira idade – autobiografia e devir*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O número de idosos no planeta jamais foi tão grande em toda a história da humanidade. Ao longo do século XX e no início do XXI, o aumento do contingente de idosos nas populações, suscitou o aparecimento de novas maneiras de encarar a velhice. Em face dessa nova realidade, pensar nos possíveis aportes, compreensões e intervenções que a Psicologia pode oferecer, se faz necessário. Tendo em vista a perspectiva de desenvolver novas abordagens quanto ao atendimento de idosos, o presente trabalho visa se aproximar da experiência do ser idoso na atualidade e contribuir com o tema da velhice. O presente estudo é uma pesquisa clínica, que utilizou metodologia de abordagem qualitativa, envolvendo o delineamento de pesquisa participante. Para sua operacionalização utilizamos uma modificação dos *Ateliês Biográficos de Projeto* de Delory Momberger, e fundamentados na teoria de Gilberto Safra, desenvolvemos nosso projeto com de treze idosos na Universidade aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Os *Ateliês* foram divididos em sete etapas, totalizando dezesseis encontros: a) os dois primeiros encontros tiveram caráter explicativo e elucidativo das atividades que foram desenvolvidas ao longo do processo, b) seis encontros destinados à produção da autobiografia, c) dois encontros para socialização da narrativa de vida (autobiografia), d) dois encontros destinados à troca de experiências, e) dois encontros para a elaboração do projeto de vida, f) um encontro para a socialização dos planos futuros (projeto de vida), g) um encontro de fechamento. A análise dos dados ocorreu a partir do material compartilhado durante os encontros, dos diários reflexivos e dos projetos de vida elaborados pelos participantes, além do diário de campo do pesquisador. Durante todo o processo de coleta de dados, e nas discussões utilizou-se a teoria de Gilberto Safra, que proporciona contribuições no processo de constituição do ser humano, na maneira singular de manifestação de cada ser, e nos manejos clínicos fundados na ética. Chegamos à conclusão de que os encontros fundamentados nos elementos constitutivos do ser humano: Sobornóst, hospitalidade, amizade, presença e encontro com o Outro e com o ethos, possibilitaram que os participantes compartilhassem a sua história, retomassem o sentido de si, recuperassem a confiança em suas ações, prosseguissem caminhando em direção ao futuro, desenvolvessem a vontade de contribuir com a humanidade, e o intuito de deixar registros de sua existência no mundo. Esse trabalho também permitiu identificar o sistema de desumanização presente atualmente, que gera graves consequências, como o sofrimento e o desalojamento humanos e as fraturas éticas.

Palavras Chave: Idosos. Terceira Idade. Autobiografias. Safra, Gilberto. Ética. Projeto de Vida. Universidade de São Paulo.

Abstract

Gishitomi, F. A. (2014). Third age meetings – *autobiography and becoming*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The number of elderly people on the planet has never been seen in the history of mankind. Throughout the twentieth century and early twenty-first, the increasing number of elderly in the population, caused the emergence of new ways to face old age. This new reality demands to think of the possible contributions, insights and interventions that psychology can offer. Glimpsing the development of new approaches to the care of elderly, this study aims to approach the experience of being old today and to contribute to the theme of old age. This study is a clinical trial that used qualitative methodology approach, involving the design of participative research. For its operationalization we used a modification of the *Biographical Ateliers of Project* from Delory Momberger, and the theory of Gilberto Safrá. The project was accomplished with thirteen seniors from the Open University for Elderly of the School of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo. The workshops were divided into seven stages, totaling sixteen meetings: a) the first two meetings were explanatory and illustrative of the activities that were developed throughout the process, b) six meetings for the production of autobiography, c) two meetings of life narrative (autobiography) socialization, d) two meetings for the exchange of experiences, e) two meetings to design a project of life, f) one meeting for the socialization of future plans (life project), g) closing meeting. Data analysis were based on what participants shared during the meetings, participant's reflective diary and developed projects of the future, and the researcher's field journal. The theory of Gilberto Safrá were used at the process of data collection, and at the discussions, providing contributions at the human constitution process, the natural way of expression of each human being, and clinical management strategies based on ethics. We concluded, with this research, that the meetings based on the constituent elements of the human being: *Sobornost*, hospitality, friendship, presence and encounter with the *Other* and the *ethos*, enabled participants to share their history, to rebuild the sense of self, to recover the confidence in their actions, to walk ahead facing the future, to develop the will to contribute with humanity, and the intention of leaving records of their existence in the world. This work also allowed to identify the current system of dehumanization. This arrangement generates serious consequences such as displacement, human suffering and the ethical fractures.

Key Words: Elderly. Third Age. Autobiographies. Safrá, Gilberto. Ethics. Project of Life. University of São Paulo.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	13
1.1 – Ateliês biográficos de projeto	18
1.2 – Universidade aberta à terceira idade	20
1.3 – Revisão literatura	22
2 – JUSTIFICATIVA	25
3 – OBJETIVO	26
4 – METODOLOGIA	27
4.1 – Participantes da Pesquisa	29
4.2 – Aspectos éticos	29
4.3 – Coleta e análise de dados	31
4.3.1 – Análise dos dados durante o processo pelos participantes	34
4.3.2 – Análise dos dados após o processo à luz da Estética, da Ética e da Hermenêutica de Gilberto Safra	35
5 – DESENVOLVIMENTO - A JORNADA	36
5.1 – O Mundo	36
5.2 – Os idosos	37
5.3 – Desalojamento, exclusão e desenraizamento	41
5.4 – A sabedoria que leva à cura	45
5.5 – Ação	47
5.6 – Compartilhar	49
5.7 – O manejo	53
5.8 - A intervenção	58
5.9 – O começo e o fim	63

5.10 – Devir e a coisa	65
5.11 – A cura	67
5.12 – O viver	72
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	82
ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO DO PESQUISADOR E DIÁRIO REFLEXIVO DOS PARTICIPANTES	88
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	154
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	157

1 – Introdução

O prolongamento da vida se apresenta como uma questão crucial de nossa época, que intervém e interfere em todos os níveis e instâncias da existência humana, trata-se de um fenômeno que, ao mudar o perfil etário da humanidade, desafia os poderes instituídos, demandando novos conhecimentos, reorientando a economia e apontando para uma revisão dos significados, direções éticas, científicas, políticas e sociais (Freitas & Py, 2011).

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo em nível sem precedentes na história. No ano de 2050 um quinto da população mundial será composta de idosos. (<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidosos.htm>). Projeções apontam o Brasil no ano de 2020 como o sexto país do mundo em número de idosos, com 30 milhões de pessoas acima de 60 anos. (Veras, 2009).

Segundo o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (PROSAUDE) ainda é grande a desinformação sobre a saúde do idoso, as particularidades e desafios do envelhecimento populacional para a saúde pública em nosso contexto social. O aumento da expectativa média de vida aumentou acentuadamente no país, este aumento de número de anos de vida, no entanto, precisa ser acompanhado pela melhoria ou manutenção da saúde e qualidade de vida. (http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/envelhecimento_ativo.pdf).

Além da desinformação, há o desafio econômico da longevidade no Brasil e nos países em desenvolvimento, ao compararmos a grande diferença deste fenômeno em países que estão envelhecendo antes de enriquecer, e do processo ocorrido nas nações “desenvolvidas”, que enriqueceram e depois envelheceram (Felix, 2007). Felix (2007) afirma que os países “desenvolvidos” tiveram recursos e tempo para este processo, e dá o exemplo da França, que levou 115 anos para dobrar de 7% para 14% a proporção de idosos na população, enquanto o Brasil deve fazê-lo em 19 anos (http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/45.pdf). Essas

observações refletem o papel designado ao sujeito idoso na sociedade moderna, que o exclui socialmente, o marginaliza, e o vê como um encargo social. Fica clara a falta de preparo dos indivíduos diante do inevitável processo de envelhecimento humano, com as limitações trazidas pelo tempo somado a uma cultura que não tolera limites, nem frustrações (Goldfarb, 2009).

Retornando um pouco no tempo, os pensadores russos da chamada Idade da Prata (século XIX), citados por Safra (2004), já mostravam preocupação com o futuro da humanidade, pois observavam de maneira cada vez mais frequente a propagação do estilhaçamento das condições humanas. As condições anti humanas pareciam intensificar-se com o passar dos anos (Safra, 2004). Além das condições de exclusão, invisibilidade e desenraizamento (Weil, 1943), outra condição que desaloja o ser humano, é a pouca atenção dada aos objetos que estão à nossa volta. Hoje raramente olhamos para as coisas e captamos que elas são encontros de relações entre vários homens, até de seres que viveram em épocas diferentes (Safra, 2004). Safra (2004) chama a atenção para o valor das coisas, que transpiram cultura através de suas tradições, perspectivas e sabedoria de vida. O estilo de ser no mundo é fruto do encontro da constituição de uma pessoa com sua história e a história de seu meio ambiente (Safra, 2005).

As características do mundo moderno, leva a novas formas de sofrimento, e portanto devemos desenvolver novas formas de contemplar as necessidades daqueles que nos procuram. Safra (2004) faz considerações a respeito de alguns dos aspectos que devem ser considerados:

Enquanto seres humanos, estamos subordinados às grandes questões do destino humano: o nascer, a ignorância, a finitude, a morte, a transcendência do Outro¹, o Outro em si mesmo, a situação de fronteira da existência humana, etc.

¹ O Outro, escrito com letra maiúscula é entendido por Safra (2004) como Sobórnost, ou seja, ao mesmo tempo é aquele que concilia os ancestrais, os contemporâneos, os descendentes, a coisa, a Natureza e o mistério, aspectos fundamentais na constituição da morada humana. A partir do conceito de Sobórnost, Safra (2004) assinala que cada ser humano é a singularização da vida de muitos, ou seja, cada ser humano traz consigo a vida de seus ancestrais além de ser o pressentimento daqueles que virão, ou seja o sentido de si, é um fenômeno ontológico comunitário. A verdade de si mesmo acontece e se revela somente pelo reflexo do rosto do outro.

Elas abrem um lugar: comunidade de destino. O analista está, decididamente, implicado com o analisando nas questões fundamentais do destino humano. A clareza da compreensão sobre esse ponto é necessária para se lidar com o sofrimento humano. De uma forma geral, essa compreensão é ainda muito mais fundamental para abordarmos o sofrimento humano no mundo contemporâneo.

Ao se implicar junto com a pessoa que busca ajuda nas questões fundamentais do destino humano, comunidade de destino, realizamos o trabalho na perspectiva de Sobórnost² que determina que entre o analista e o analisando sempre haja um terceiro: o mistério (Safrá, 2004):

Ele é o que não se formula, o que não se coloca, o que não há possibilidade de ser destinado pelo ser humano. Uma das grandes questões do mundo contemporâneo é a enorme dificuldade existente entre os homens de abrirem espaço para o mistério (...) ao estarmos frente a alguém, estamos frente à singularização dos ancestrais e àquelas questões do destino humano, que naquele grupo humano, do ponto de vista transgeracional, se põem em devir em direção ao que ainda não-é. Cada ser humano carrega potencialidades de ser. Ele é aparição dos ancestrais e é clareira do futuro. Ele é único e múltiplo. Ele ao dizer desvela, velando. Vive no horizonte de mundos. O que nos demanda uma posição ética e epistemológica assentada no paradoxo. (...) Essa concepção compreende que o acontecimento humano é acontecimento que ocorre em meio à comunidade humana, como fenômeno transgeracional enraizado nos solos do mundo cultural humano e do mundo natural. O homem não existe sem a natureza e sem a cultura.

Gilberto Safrá (2005), um psicanalista contemporâneo, comenta que para o indivíduo se sentir vivo e existente, é necessário que ele entre no mundo, e essa entrada deve ser realizada de maneira singular e pessoal. Uma das necessidades básicas do Homem é se apropriar do mundo e compartilhá-lo com os outros, vivendo

² *Sobornost* (Safrá, 2004), que na língua russa é um substantivo e se refere ao comunitário, ao que promove a unidade, a conciliação, sem prejuízo das diferenças e da liberdade. Esta ideia nasceu no campo da Teologia russa e assinala a presença do Múltiplo no Uno, ou seja, o conceito de que cada homem é constituído por seus ancestrais, por seus contemporâneos e pelas gerações futuras, mas também pela natureza e pelas coisas que fabrica e que fazem parte do mundo que o rodeia. A partir dessa perspectiva, o ser humano é a singularização de toda a história da humanidade (Safrá, 2004). Ab'saber (2004), comenta que Sobórnost aparece como as condições humanas para o advir do humano, em uma perspectiva coletiva (cada ser humano seria a singularização da vida de seus ancestrais, e o pressentimento daqueles que estão por vir), em que eu e o outro estamos conectados em um destino comum, o do sentido da experiência humana.

em comunidade. Safra (2004) traduz uma passagem de Berdaiev (1936), que ilustra essa necessidade básica do ser humano, o viver em comunidade:

A pessoa humana realiza-se somente em comunidade com outras pessoas. A pessoa não pode realizar a plenitude de sua vida quando trancada dentro de si. O homem não é somente um ser social e não pode pertencer inteiramente à sociedade, ele é também ser social... É necessário fazer uma distinção entre a comunalidade e a sociedade. A comunidade (comunalidade) é sempre um encontro da pessoa com pessoa. O eu com o tu em um nós. Na autêntica comunalidade não há nenhum objeto, porque uma pessoa nunca é um objeto, mas é sempre um tu... Sobórnost é o nós existencial. Sobórnost, racionalmente, não pode ser expresso como um conceito, não está sujeito a objetificação. A objetivação de Sobórnost o transforma em uma sociedade, provavelmente até um estado.

O homem é produtor, no espaço e no tempo da sua passagem pelo humano, através dos campos que carregam as possibilidades de sentido, e que por sua vez nos marcam com a sua qualidade (Ab'saber, 2004). O mundo atual baseado na tecnologia e na ciência, muitas vezes apresenta barreiras a vivências humanas básicas, necessárias ao seu desenvolvimento, e à sua caminhada devir. Apesar das dificuldades, o Homem traz consigo a sabedoria constitutiva, de suas necessidades, seus anseios, o caminho à cura, e segue em direção a eles, tentando deixar sua marca no mundo.

Frente a essa realidade do mundo contemporâneo, diversos campos de conhecimento são convocados ao diálogo juntamente à disciplina da Gerontologia, a fim de se compreender o processo de envelhecimento de forma multidimensional (Neri, 2004). No contexto de uma sociedade que envelhece progressivamente, a reflexão dos possíveis aportes, compreensões e intervenções, que a Psicologia pode oferecer, ajustada às novas possibilidades do envelhecer, se faz importante para que este período da vida humana seja acompanhado de qualidade, saúde, prazer e realização.

Fleck (2003) frisa que a investigação sobre as condições que permitem uma boa qualidade de vida na velhice, bem como as variações que a idade comporta, se revestem de grande importância científica e social. O contexto atual, onde o envelhecer com qualidade de vida, bem estar, prazer e realização pessoal são

valorizados e visados, convoca a Psicologia e as outras áreas do conhecimento, a fim de desenvolver potenciais recursos ajustados às demandas dessa população que vêm aumentando a cada dia. Em conformidade com essa perspectiva, Bleger, no prefácio livro de Bohoslavsky (2007) defende o a função e a contribuição do psicólogo em todos os âmbitos relacionados ao Homem: “O psicólogo deve atuar em todas as esferas onde intervêm seres humanos, antes que as pessoas adoeçam, ou quando correm o risco de adoecer” (p. XXIV). Bohoslavsky (2007) também fala da importância dos recursos psicológicos a favor da promoção da saúde:

A psicoprofilaxia pode ser entendida como toda atividade que... mediante o emprego de recursos e técnicas psicológicas, procure promover o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, seu amadurecimento como indivíduo e, finalmente, sua felicidade. (p. 11)

A partir desse cenário e das necessidades explicitadas, optamos em utilizar uma modificação dos *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2008), pois estes mostram sua potencialidade ao revisitar a história passada, as influências, as vivências e as paisagens percorridas a partir da memória, e que a pessoa conta e tem para si como verdadeira. Vale ressaltar que “a verdade” é impossível de ser resgatada, uma vez que olhamos o passado a partir do tempo presente (aqui e agora), e a memória e os mecanismos psicológicos nos pregam peças com o passar do tempo. A partir dessa revisita ao passado, esperamos chegar à possibilidade de se vislumbrar o futuro, o vir a ser (devir), representado pelo projeto de vida. As obras de Gilberto Safra (2004, 2005, 2006) contemplam as dimensões *Estética* (*A face estética do self*), *Ética* (*A pó-ética na clínica contemporânea*) e *Hermenêutica* (*Hermenêutica na situação clínica*), e se mostram importantes ao apresentar diversos aportes teóricos fundamentados em anos de experiência para a compreensão do ser humano. Safra faz contribuições essenciais quanto as condições do mundo atual, e suas consequências para o ser humano, por isso elas nos acompanharão durante todo trabalho, funcionando como guia para os atendimentos, para as intervenções e para a reflexão final.

Os diversos autores e estudos vêm demonstrando os esforços empregados para a construção de uma nova perspectiva frente ao envelhecimento, recorrendo a novos enquadres, solicitando novos saberes teóricos e clínicos, novos serviços ajustados à essa população, visando a superação dos obstáculos presentes no mundo moderno. É com esse intuito que o presente trabalho nasce e pretende contribuir.

1.1 – Ateliês Biográficos de Projeto

A proposta foi a de utilização do procedimento de *Ateliês Biográfico de Projeto* de Christine Delory-Momberger (2006), pois é um recurso que possibilita, a partir da memória, tocar em vivências passadas, presentes e futuras, e vai de encontro com a nossa proposta de aproximação à experiência de ser idoso na atualidade. . A autora faz considerações a respeito dos ateliês:

O ateliê biográfico de projeto é um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito, e a história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. (p. 359)

Os idosos se constituem a partir de uma história anterior (antepassados), vivem no mundo atual (contemporâneos), e tem o potencial para vislumbrar um caminhar em direção ao futuro (devir).

Chamlan (2010) descreve a proposta dos ateliês:

A proposta dos *Ateliês Biográficos de Projetos*, de Christine Delory-Momberger (2006), foi desenvolvida com a intenção de explorar a dimensão de projeto que a produção de histórias de vida possibilita. Nesse caso, a narrativa de vida é representada como uma forma de balanço prospectivo, que liga três

dimensões do tempo (passado, presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito, fazendo emergir seu projeto pessoal. (p. 151)

Partindo do modelo apresentado por Delory-Momberger (2006), Chamlian (2010) descreve resumidamente as etapas dos ateliês, facilitando a sua visualização:

Explicações sobre a proposta; elaboração, negociação e ratificação coletiva do contrato biográfico; produção da primeira narrativa autobiográfica, e a sua socialização em tríades; socialização da narrativa autobiográfica no grupo e a escolha de um escriba, que produz outra narrativa a partir da escuta; o tempo de síntese, que é composto pela produção de um novo relato e da constituição de um projeto a partir dele, forjado e discutido nas tríades e, também, socializado no grupo. Finalmente, um mês depois, a realização de um encontro para um balanço de incidência da formação no projeto profissional de cada um. (p. 151-152)

Chamlian (2010) e Momberger (2006) utilizam os *Ateliês Biográficos de Projeto* com o intuito de pesquisar a área educacional, na formação de professores e como se dá a aprendizagem. Nós realizaremos os ateliês com o intuito de nos aproximarmos da experiência da velhice em suas diversas facetas e dimensões, sem a obrigatoriedade de se falar do período escolar, ou do percurso de formação educacional como fio condutor da narrativa. Adicionaremos às seis etapas previstas, assim como fez Chamlian (2010), a escrita de um *diário reflexivo* durante o período do ateliê. O diário será produzido pelos participantes, e seu conteúdo será baseado nas vivências de cada etapa do processo, como por exemplo, o que foi significativo e o que não foi, se houve algum insight, houve a possibilidade de facilitação, a fim de que alguma dificuldade fosse colocada em movimento, além de críticas e sugestões.

Momberger (2008) considera a biografia como o percurso de vida e de formação do sujeito, que organiza temporal e estruturalmente as aquisições e os sucessivos aprendizados no âmbito de uma história, sendo este percurso de formação habitado por conteúdos de conhecimento, pelas experiências relacionais, afetivas e sociais.

O modelo foi escolhido pois ia de encontro à nossa proposta. Vale lembrar que no decorrer do processo, alterações foram realizadas, a fim de contemplar as necessidades explicitadas pelos participantes.

1.2 – Universidade Aberta à Terceira Idade

Desenvolveremos essa pesquisa com idosos que frequentam a Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. A instituição foi escolhida por ser parte da Universidade de São Paulo e pelo seu histórico de oferecer acolhimento, educação continuada, e um espaço onde se pudesse ocupar/habitar na velhice.

Iremos nesta seção, realizar um breve histórico da Universidade iniciando suas atividades visando a população idosa. Cachioni & Ordonez, (2011), em levantamento bibliográfico nas bases de dados ISI-Web of Science, PsycInfo, PubMed, ERIC, LILACS, apontaram que o primeiro artigo publicado sobre o tema da Universidade Aberta à Terceira Idade se deu no ano de 1975, pelo idealizador da ideia Pierre Vellas (Vellas, 1975). A primeira Universidade da Terceira Idade (U3A) surgiu na França, no início da década de 1970, com a iniciativa do professor Pierre Vellas (Universidade de Ciências Sociais de Toulouse), que percebeu que a Universidade poderia melhorar a vida de pessoas idosas, consideradas como um grupo cada vez mais numeroso (Cachioni & Ordonez, 2011).

O modelo sul-americano foi fundamentado no modelo francês, e trouxe importantes contribuições para a oferta educacional voltada à população idosa (Cachioni & Ordonez, 2011). Ele teve início na década de 1980, quando o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade chegou à América Latina no Instituto de Estudos Superiores de Montevideu (Uruguai). O programa era aberto a todas as pessoas, sem limite de idade, nem de formação escolar, e seus objetivos eram: recuperar o valor social, moral e econômico do idoso, promover saúde psíquica e física, além do bem estar social por meio da educação (Cachioni e Ordonez, 2011).

Cachioni e Ordonez (2011) relatam que no Brasil, o modelo de Universidade Aberta à Terceira Idade foi implantado em 1982, inicialmente no âmbito da extensão universitária, na Universidade Federal de Santa Catarina, no Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Porém foi na década de 90, com a criação da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que a proposta conheceu seu apogeu e houve a disseminação desses programas em diversas universidades brasileiras.

Falando mais especificamente da Universidade de São Paulo, onde realizaremos a coleta de dados, ela estruturou o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade em 1993, quando foi aprovada e acolhida uma proposta realizada pelo Instituto de Psicologia, solicitando à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão a abertura de cursos da universidade para pessoas idosas. O programa atualmente é desenvolvido em todos os campi e unidades da USP: em São Paulo, na Cidade Universitária e na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, em Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto e São Carlos. No início do segundo semestre de 2006 a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP), através da iniciativa de docentes do Curso de Gerontologia, abriu as portas para a Universidade Aberta à Terceira Idade (<http://each.uspnet.usp.br/site/conteudo-extensao-unati-historico.php>).

No site da EACH-USP, encontramos como pressuposto que a atividade promove a saúde, o bem-estar psicológico, social e a cidadania dessa clientela genericamente chamada de terceira idade. Esses programas oferecem oportunidades para participação em atividades intelectuais, físicas e sociais. A inclusão dos mais velhos nesses locais tem servido de espaço para o rico contato intergeracional, de revisão de crenças e atitudes acerca da velhice, ao demonstrar que é possível aprender e se desenvolver durante a última etapa do ciclo vital (<http://each.uspnet.usp.br/site/conteudo-extensao-unati-historico.php>).

A partir do exposto acima, fica claro que é fundamental que existam locais onde as pessoas com maior idade possam frequentar, como as universidades. Além dos espaços físicos, se faz necessário também desenvolver pesquisas, serviços, tratamentos, e atividades que sejam voltados a essa população.

1.3 – Revisão da Literatura

A revisão de literatura foi realizada em Janeiro de 2013, na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), que é referência em periódicos, congregando além do Brasil, periódicos de outros países como Portugal, Espanha, Chile, Argentina, Cuba, México, entre outros,. Ela possui a vantagem de não ser uma base especificamente da Psicologia, uma vez que o assunto que abordamos é tema de várias áreas do conhecimento. Vale ressaltar que todos os resultados foram levados em consideração (mesmo aqueles com mais de dez anos de publicação).

Ao inserirmos as palavras: “idoso e projeto”, chegamos em 33 artigos, os quais tratavam da violência contra idosos (Freitas & Teófilo, 2010), da auto avaliação de idosos com ou sem hipercifose torácica (Gasparotto, Reis, Ramos & Santos, 2012), de instituições asilares (Mazza & Lefèvre, 2004), do perfil de uso de medicamentos por idosos (Bueno, Bandeira, Oliveira, & Colet, 2012), das atividades físicas para idosos (Salin, Mazo, Cardoso & Garcia, 2011), do diabetes em idosos (Lima-Costa, Peixoto, Araújo & Uchoa, 2007), da hipertensão em idosos (Firmo, Uchôa & Lima-Costa, 2004), da auto percepção da saúde entre gêneros (Alves & Rodrigues, 2005), da avaliação de doenças crônicas e incapacidades físicas entre idosos (Ramos et al., 1998), entre outros. A maioria dos artigos contidos no resultado da busca estava relacionada à saúde física dos idosos (auto percepção da saúde, doenças crônicas, uso de medicamentos, atividades físicas, entre outras), por isso nem todos os artigos foram citados. Encontramos 3 artigos que se mostraram interessantes ao presente trabalho, pois trabalham com grupo de idosos, ou mostram-se preocupados com o seu bem estar psicológico e social. O primeiro deles é o trabalho de Fleck, Chachamovich e Tretini (2003), onde a partir da aplicação do instrumento WHOQOL (escala da Organização Mundial da Saúde, que mede a qualidade de vida), e da posterior entrevista com os participantes, os pesquisadores chamam a atenção para o fato de os idosos constituírem um grupo particular e, como tal, apresentarem especificidades de importante relevância para a sua qualidade de vida. O segundo é o artigo de Assis, Hartz, Pacheco e Valla (2009), que através de encontros, dinâmicas e observação participante,

conversavam com os idosos a respeito da saúde, do tempo, do envelhecer e das atividades físicas, o que resultou na melhora da socialização e o reforço da autoestima. Essa experiência ocorreu na Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e vai de encontro ao nosso trabalho, já que trabalhou com idosos na Universidade Aberta à Terceira Idade. E por fim o terceiro artigo de Lamb, Pinto e Cnop (2000), realizou um projeto de intervenção com mulheres idosas, que participavam de um grupo de convivência. As atividades desenvolvidas tinham como objetivo propiciar trocas de experiências, buscando refletir sobre diversos assuntos, bem como a construção da percepção delas mesmas enquanto membros de um grupo, ressaltando a importância do idoso no contexto do desenvolvimento sociocultural.

Quando a busca foi realizada com as palavras “velho e projeto”, encontramos 9 artigos, que falam a respeito do mutirão de mulheres na construção de casas (Fertrin & Velho, 2010), da sorologia da Sífilis (Santos Júnior et al., 2007), dos homicídios e desigualdades sociais na cidade de São Paulo (Drumond Júnior, 1999), entre outros que não estavam alinhados ao tema desta pesquisa.

Para a combinação “idoso e devir”, não foi encontrado nenhum artigo relacionado às palavras, e para o arranjo “idoso e futuro”, foram encontrados 5 artigos, que discorriam sobre a relação entre enfermagem e políticas de atendimento ao idoso (Darder & Carvalho, 2012), o idoso em situação de rua (Mattos & Ferreira, 2005), deficiência de ferro no corpo do idoso (Gualandro, Hojaij, & Jacob Filho, 2010), e problemas de mortalidade no Brasil e na Alemanha (Imhof, 1985), este último artigo apareceu duplicado.

Ao procurarmos por “ateliês e biográficos e projeto” (Mombberger, 2006), encontramos apenas o artigo da autora que utilizaremos neste trabalho, e ao pesquisamos por “Gilberto e Safrá e Idoso”, não há nenhum resultado, assim como para a combinação “idoso e biografia”, ou idoso e autobiografia.

O Currículo Lattes do professor Gilberto Safrá também foi acessado a fim de se procurar por sobre trabalhos publicados, e orientados sobre idosos, foi encontrada a tese de mestrado de Izabel de Madureira Marques (2012), a qual fala a respeito do encontro transgeracional entre adolescentes e idosos, e a tese de

doutorado de Fernando Genaro Junior (2013), na qual se implantou um serviço de psicologia clínica voltada a pessoas idosas no Serviço Único de Saúde (SUS).

Na pesquisa bibliográfica realizada na base de dados Scielo, no mês de Janeiro de 2013, encontramos três estudos sintonizados com a nossa pesquisa, que tratam de grupo idosos, qualidade de vida, e Universidade Aberta à Terceira Idade. Há, no entanto, escassez de material que fosse de encontro com a nossa proposta de Ateliês Biográficos de Projeto com um grupo de Idosos e relacionados à teoria de Gilberto Safra.

2 – Justificativa

Frente ao cenário anteriormente descrito, estudos específicos com grupos etários de idade avançada por profissionais da saúde se mostram de extrema valia. O presente estudo se justifica diante da necessidade de se refletir sobre o assunto, e da possibilidade da criação de novos instrumentais teóricos, clínicos e institucionais, ajustados às necessidades e demandas da população em questão, ampliando assim, as modalidades de intervenção junto ao idoso dentro das instituições em que ele se insere. A construção de ferramentas psicológicas específicas a esse segmento da população, somada às pesquisas de outras especialidades (geriatria, gerontologia, nutrição, fisioterapia, etc.), se mostram importantes ao gerar possibilidades de manutenção da saúde desse idoso de maneira complementar.

Este trabalho surge, na tentativa de nos aproximarmos da experiência de ser idoso na atualidade, com a possibilidade de revisitar vivências passadas guardadas na memória dos participantes por meio da autobiografia, refletir a respeito do mundo atual e verificar como a população estudada vislumbra o futuro. Para tanto utilizamos a perspectiva teórica de Gilberto Safra (2004, 2005, 2006), bem como a modificação dos *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2006), tentando contemplar a perspectiva da Psicologia que investiga o potencial, a ética, e a sabedoria enquanto recursos no contexto clínico institucional.

3 – Objetivo

A intenção desse estudo é a aproximação da experiência de velhice na atualidade, e o desenvolvimento de um modo de atendê-los em suas especificidades, por meio de treze encontros, que se darão semanalmente com uma população de idosos que frequentam a Universidade Aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, a partir da perspectiva teórica de Gilberto Safra (2004, 2005, 2006), e de modificação dos *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2006).

4 – Metodologia

O presente estudo trata de uma pesquisa clínica³ que utilizará metodologia de abordagem qualitativa envolvendo o delineamento de pesquisa participante para sua viabilização. Para Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade a esse mundo. Essas práticas, que incluiriam entrevistas, conversas, notas de campo, fotografias, lembretes e gravações, transformariam o mundo em uma série de representações. A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas tentando entender, ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Pinto (2004), afirma que o constante processo dialético entre objeto de estudo e o pesquisador durante uma pesquisa qualitativa em psicologia, sempre pode ser considerada como uma pesquisa ação, onde o objeto seria investigado e interpretado, ao mesmo tempo em que seria passível de uma intervenção. Tendo em vista que o processo pesquisa-intervenção é indissociável de nossa proposta de estudo, optou-se pelo modelo de pesquisa participante. Assim, o pesquisador ao mesmo tempo em que se constitui como observador e cientista, também faz o papel de integrante, e influencia o meio que se está estudando.

Quanto à proposta de pesquisa participante, Severino (2007) a situa como um delineamento de pesquisa de caráter qualitativo, onde o pesquisador compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa. Gil (2010), no que se refere a esse delineamento de pesquisa, enfoca a descoberta do universo vivido pela população, compreendendo o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem, e para

³ Linha de Pesquisa: O presente trabalho está inserido na linha de pesquisa intitulada: **Práticas Clínicas Psicológicas: Fundamentos, Procedimentos e Interlocuções**, e se encontra sob a orientação do Professor Livre Docente: Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo), e com a preciosa colaboração da Professora Doutora Rosa Yuka Sato Chubaci (Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

tanto os pesquisadores devem adotar uma atitude positiva de escuta e de empatia. O autor acrescenta que a pesquisa participante não se encerra com a elaboração de um relatório, mas com um plano de ação. Em nosso caso, o plano de ação foi o projeto de vida desenvolvido pelos participantes.

A utilização da pesquisa participante, permeada pela compreensão da perspectiva clínica de Safra (2004, 2005), e dos Ateliês de Projeto (Mombberger, 2006), possibilitou a aproximação da experiência de ser idoso na atualidade. O intuito foi de que durante os encontros, os participantes revisitassem a sua história passada (infância, adolescência, idade adulta), e a partir da narrativa de suas vidas, construíssem uma autobiografia. Em seguida os idosos deveriam compartilhar as suas sensações, percepções e vivências no tempo presente, a posição ocupada no mundo, o entendimento que eles tinham sobre o tempo, as dimensões do viver na terceira idade, e comparar o passado vivenciado com o presente. Por fim, investigamos a possibilidade de os participantes vislumbrarem o futuro, e desenvolverem um projeto de vida. Observamos também as possibilidades terapêuticas dos encontros para aqueles que não tinham um projeto de vida constituído, e se seria possível a abertura ao devir. Isso proporcionou uma melhor compreensão sobre as possibilidades, limitações, e a viabilidade da aplicação deste modelo de intervenção.

Este estudo se apoia no referencial teórico de Safra (2004, 2005, 2006), que nos inspirou quanto ao modo de abordar as situações que surgiram durante os encontros, no manejo, nas intervenções realizadas, e também foi o fio condutor da discussão. Nos utilizamos ainda dos *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2006), que propõe atividades para retomar o passado e o presente a fim de elaborar um possível projeto de futuro. Aos ateliês, somaram-se mudanças ao processo original a pedido dos participantes. Além da proposta dos diários reflexivos (Chamlan, 2010).

De acordo com pedido realizado pela instituição coparticipante (EACH-USP), seis monitores participaram de parte da coleta de dados. As atribuições dos monitores era de registrar os acontecimentos por escrito, e também eram responsáveis pela lista de frequência e pelo controle do tempo dos encontros.

4.1 – Participantes da Pesquisa

Este projeto foi autorizado pela docente responsável pela área de cultura e extensão da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Fizeram parte dele treze idosos selecionados por ordem de inscrição. Os inscritos foram selecionados independentemente de gênero, cor, e etnia. Os únicos critérios utilizados foram: ter idade igual ou superior a 60 anos, com capacidade de leitura e escrita, e que frequentassem a Universidade Aberta à Terceira Idade da EACH-USP.

Os participantes tinham entre 58 e 87 anos, a maioria residia na zona leste da cidade de São Paulo, apenas uma pessoa morava no centro da cidade. Os participantes tinham origens distintas: região Nordeste, interior de São Paulo e da própria cidade de São Paulo.. O grupo foi composto por doze mulheres e um homem.

4.2 – Aspectos Éticos

Martins (2004) discorre a respeito da ética na pesquisa qualitativa, mostrando as diversas facetas e dimensões que devemos ter em mente e nos pautar ao realizar qualquer tipo de trabalho ou intervenção:

A metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados... Refiro-me, particularmente, às possíveis consequências para a vida de pessoas, grupos e culturas da presença (e da intromissão) de indivíduos portadores de saber, estilo de vida e cultura diferentes. A presença de pesquisadores, muitas vezes disfarçada, pode envolver os observados, pode manipulá-los de acordo com seus interesses e objetivos, introduzindo tensões, provocando rupturas. Segundo Zaluar (1986, citado por Martins, 2004), o cientista social não deve esquecer que a relação que se estabelece entre o observador e o observado é uma relação social e política... Seja como cientistas (ou mesmo como assessores), a nossa relação com o outro, que também é sujeito portador de um conhecimento, não deve ser marcada pela intenção de fornecer uma direção, segundo um projeto político que é o nosso. Ou de olhar para o “nosso objeto” a partir de uma concepção política que, antes de permitir uma análise objetiva, nos leve a realizar avaliações. Temos que fornecer um conhecimento que ajude esses sujeitos a se fortalecerem enquanto sujeitos autônomos, capazes de elaborar o seu projeto de classe. A autonomia dos sujeitos pressupõe a liberdade no uso da razão. O papel dos cientistas deve ser, portanto, o de fornecer um conhecimento que ajude o outro a se fortalecer como sujeito autônomo capaz de elaborar seu próprio projeto político. Não cabe ao cientista reforçar ideologias existentes, mas fornecer instrumentos para desvendá-las e superá-las. (p. 295-296)

Safra (2006) discorre a respeito da ética⁴ na situação clínica, onde toda a fala dá ao interlocutor uma posição no mundo que é apresentado e, desta maneira aquele que escuta é afetado por isso. A apresentação de um mundo e o posicionamento do outro neste mundo é um fenômeno universal. A comunicação com a Polifonia (diversas vozes que habitam cada pessoa: pais, amigos, professores, entre outras) da fala do “analisando” afeta o “analista” de diversas formas (Safra, 2006), e isso demanda uma postura ética rigorosa e uma escuta clínica cuidadosa.

Nesta escuta clínica, levamos em conta a *dimensão afetiva* (Safra, 2006), que reflete a maneira da pessoa se apresentar, nos convidando a ocupar uma posição em seu mundo. Implica também a maneira como a pessoa move o analista para diferentes afetos e sentimentos, informando sobre a própria situação, permitindo a compreensão do que é necessário para a sua cura. Esse movimento é realizado à revelia do terapeuta, ou seja, independe dele.

⁴ A ética para Safra (2004) se caracteriza pelo cuidado, que estabelece as condições necessárias ao acontecer humano.

A *dimensão estética* (Safra, 2006) apresenta a maneira que o ser humano constitui seu mundo, o modo de organizar o espaço, o tempo e a materialidade de maneira singular, afetando quem o acompanha. Os elementos estéticos (espaço, tempo, ritmo) são facetas importantes para a compreensão do modo de ser do outro.

Por fim, a *dimensão empática* (Safra, 2006) manifesta a capacidade do psicólogo em acolher o que o analisando lhe propõe, implica a disponibilidade e a possibilidade do clínico em acompanhar a descrição das experiências de modo a acolhê-las em si mesmo.

Tendo como referência as ideias dos autores citados acima (influências éticas, políticas, afetivas, empáticas e estéticas presentes em qualquer pesquisa/estudo), e pautado no código de ética profissional do psicólogo, a realização do presente estudo teve início após o consentimento dos participantes. A autorização do uso do material se deu pelo preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido, aprovado pelo comitê de ética, colocando em prática todos os aspectos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, e esclarecendo os direitos destes indivíduos garantindo assim a sua privacidade. Os nomes dos participantes são fictícios, visando a garantia do sigilo.

O termo de consentimento livre e esclarecido, cadastrado na Plataforma Brasil, Processo (CAAE) Nº 12436813.3.0000.5561, Parecer Nº 243.266, foi aprovado pelo Comitê de ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 08/04/2013.

4.3 – Coleta e Análise de Dados

O procedimento de coleta de dados previsto para o presente estudo ocorreu a partir da proposta de *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2006) e da teoria de Gilberto Safra (1999, 2004, 2006), que proporciona contribuições no processo de constituição do ser humano, na maneira singular de manifestação de cada ser e nos manejos clínicos fundados na ética. Para tanto, foram realizadas dezesseis

encontros com periodicidade semanal, com duração de 120 minutos, em uma sala de aula localizada na Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, localizada na Rua Arlindo Bétio, 1000, Ermelino Matarazzo, São Paulo, CEP: 03828-000.

Os ateliês foram divididos em sete etapas, totalizando dezesseis encontros: a) os dois primeiros encontros tiveram caráter explicativo e elucidativo das atividades que foram desenvolvidas ao longo do processo, b) seis encontros destinados à produção da autobiografia, c) dois encontros para socialização da narrativa de vida (autobiografia), d) dois encontros destinados à troca de experiências, e) dois encontros para a elaboração do projeto de vida, f) um encontro para a socialização dos planos futuros (projeto de vida), g) um encontro de fechamento.

Durante a primeira etapa (a), houve o esclarecimento do trabalho que seria realizado, bem como as fases do processo, ênfase na importância da continuidade do trabalho e tentativa de estabelecimento de um bom rapport inicial. Também houve a apresentação dos participantes, dos monitores, da professora responsável e do pesquisador. Os participantes receberam termo de consentimento livre e esclarecido, seguido da leitura pelo pesquisador e explicação do mesmo, os sujeitos o levaram para casa a fim de terem tempo para pensar a respeito, e para decidirem quanto à autorização ou não da utilização do material produzido. O não consentimento não trouxe nenhuma consequência, e nem seria impeditivo da participação da pessoa no grupo e nas atividades, a privacidade das pessoas foi respeitada acima de tudo. Ainda na primeira etapa, entregamos o calendário de atividades, e abrimos espaço para possíveis dúvidas que poderiam ter surgido. No início desta etapa foi solicitado o desenvolvimento de um diário reflexivo, contendo as percepções, sensações, sugestões, elogios e críticas de cada encontro, para auxiliar o pesquisador na condução do processo.

Na segunda etapa (b), demos início às oficinas de autobiografia, onde os participantes se dividiram em trios e ocorreu a produção das narrativas autobiográficas, seguidas de sua socialização nas tríades. Em cada tríade, havia um *narrador*, que contou a sua história, um *escriba*, que registrou a narrativa em primeira pessoa (essa narrativa foi entregue ao narrador posteriormente para auxiliar

na escrita da própria autobiografia), e um *moderador* que controlou o tempo, fez perguntas e questionamentos sobre a história contada, a importância de não se utilizar interpretações, e nem de afirmações (postura ética e respeitosa frente a história do outro) foi enfatizada. A dinâmica de quem será o *escriba*, o *moderador* e *narrador* em cada rodada será decidida pelo grupo. Iremos sugerir alguns temas para a história, como família, escola, vida social, e vida profissional (qualquer atividade remunerada ou não) como disparadores para reflexão, vale lembrar que os participantes tinham a liberdade para falarem do que tivessem vontade. Foram abordadas as perspectivas da infância, adolescência, idade adulta e terceira idade. Na última oficina, a tarefa foi de escrever a autobiografia em até duas páginas, a partir do relatado oralmente e do registrado pelos escribas para socialização na etapa posterior.

A terceira etapa (c) constou de encontros com o intuito de socializar a biografia de vida de cada um dos participantes. Cada um lia a sua própria história para o grupo. Até este momento todos estavam restritos aos trios. Ao final desta etapa foi pedido que os participantes escrevessem um relato ampliado de suas vidas sem limite de linhas incluindo tudo o que pudessem lembrar, pensar e refletir, a respeito da própria história para ser utilizada após 1 mês, para tanto seria disponibilizado um livro para que cada participante o fizesse. Nesta etapa, os participantes comunicaram o desejo de não mais se reunirem em trios, eles desejavam compartilhar as histórias com todo o grupo. Solicitaram também que não escrevessem mais durante os encontros, para que eles ganhassem naturalidade. Escreveriam apenas posteriormente, em suas residências, nos diários reflexivos.

A quarta etapa (d), seria constituída por encontros, os quais os participantes em trios iriam produzir um projeto de futuro totalmente racional, seguido de um projeto “louco” (sonhos, fantasias) e refletir sobre eles, conforme Chamlian, H. C. comunicou em aula, no dia 02 de Outubro de 2012. Mas a pedido dos participantes, substituímos essa etapa por encontros destinados à troca de experiências, onde eles poderiam falar do que quisessem.

Na quinta etapa (e), os participantes iriam socializar seus projetos de vida, explicitando a maneira como sonham o devir (vir a ser), porém com a alteração realizada, se deram encontros para que eles pensassem sobre um projeto de vida

totalmente racional e um totalmente “louco”. A partir desses dois projetos, eles deveriam formular um projeto de futuro.

A sexta etapa, (f) foi constituída pela socialização dos planos futuros.

A última etapa (g), foi um encontro de fechamento.

A análise dos resultados se deu à luz das contribuições a respeito da *Estética*, da *Ética* e da *Hermenêutica* contidas na trilogia de Gilberto Safra (1999, 2004, 2006). A perspectiva de manejo, intervenções e olhar ético nos encontros, também adotou como base referencial clínico de Safra.

Vale registrar que uma característica interessante da pesquisa participante que utilizamos, é que ela possui um caráter dialético, e não se encerra com a elaboração de um relatório, mas de um plano de ação (em nosso caso, representado pelo projeto de vida), que não se encerra em si mesmo, assim como a dinâmica da vida, tenderá a gerar novas indagações, exigindo novas ações, como postula Gil (2010). Gilberto Safra diz: “Sabemos que a existência humana é povoada de questões, que se sucedem infinitamente” (p. 149).

4.3.1 – Análise dos dados durante o processo pelos participantes

Por se tratar de uma pesquisa orientada pelo delineamento de pesquisa participante, o surgimento das demandas se deu durante os encontros. Com o decorrer do processo, a partir dos compartilhamentos, do encontro com os outros participantes e com o psicólogo, sob uma perspectiva ética (Safra, 2004), se deu a possibilidade de ser, estar e do gesto em direção ao Outro, conduzindo à elaboração de um “plano de ação” (Gil, 2010), que foi representado pelo projeto de vida. Os resultados dessa modalidade de pesquisa, se assemelham à vida, pois não são encarados como conclusivos, mas tendem a gerar novos problemas que exigem novas ações, devido ao seu caráter dialético (Gil, 2010). Ao final dos encontros, os

participantes mostravam abertura para a vida, desejo de caminhar em direção ao futuro, vontade de deixar marcas no mundo, e de contribuir socialmente, tendo uma vida com mais sentido.

4.3.2 – Análise dos dados após o processo, à luz da Estética, da Ética e da Hermenêutica de Gilberto Safra

As dimensões *estética, ética e hermenêutica* contidas nas obras de Gilberto Safra se mostram importantes ao apresentar diversos aportes fundamentados na situação clínica para a compreensão de outra pessoa. Analisaremos, o material compartilhado nos encontros, as autobiografias, os diários reflexivos e os projetos de vida, nos baseando na importância da presença do Outro, de Sobórnost, da hospitalidade, do cuidado, da amizade, e da ética para o ser humano.

A partir dos dados obtidos, das análises e das discussões, será possível também refletir sobre as possibilidades psicoterapêuticas do modelo aplicado à idosos na Universidade Aberta à Terceira Idade, e também a situação do mundo atual e a sua influência na velhice do ser humano.

5 – Desenvolvimento – A Jornada

5.1 – O mundo

Para iniciar qualquer pesquisa é necessário que se explicita a visão de mundo e a concepção do ser humano adotadas, e a época em que foi realizada. É importante ter em mente também que todo trabalho é influenciado e se dá a partir de um recorte da realidade, não é possível abarcar o ser humano, o mundo ou a época em sua totalidade, sempre haverá o não dito, o mistério, o fugaz, aquilo que escapa. Iremos expor os pressupostos adotados e relacioná-los às vivências dos ateliês, a fim de que o leitor acompanhe o trabalho como um conjunto.

O ser humano é ininterruptamente afetado pelos acontecimentos do mundo como as transformações socioculturais, econômicas e políticas. No mundo contemporâneo, os efeitos desses acontecimentos na ética, na estética e nas relações entre os homens, produz novas formas de subjetivação, que são acompanhadas por novas modalidades de sofrimento humano (Safrá, 2004). Desde o racionalismo, o projeto intelectual do ocidente tem sido teorizar sobre o ser humano, reduzindo-o a um conceito, a uma coisa, a uma ideia, a um objeto (Safrá, 2004). Para o autor, esse caminho, suspende a condição enigmática do homem, já que há a tentativa de explicar o fenômeno humano por um conceito universal, criando hiper-realidades (simulacros que passam a determinar e organizar o viver humano), que levariam à constituição do aparente, do falso, conduzindo o ser humano a um desenraizamento de seu *ethos*⁵ (morada, pátria).

Safrá (2004) comenta que a proliferação de hiper-realidades propicia o aparecimento de falsos selves, e personalidades simulacro. Para Florensky (citado por Safrá, 2004) no lugar do rosto, que apresenta o mistério, que assinala o

⁵ Para Safrá (2004), o *ethos* é compreendido como as condições fundamentais que possibilitam o ser humano morar, estar e constituir-se como um habitante no mundo humano.

nascimento do homem como uma indagação, que se desdobra ao longo da vida e que jamais é respondida, se instauraria a máscara, a redução ao registro social, e ao aprisionamento no registro dos códigos sociais, levando a uma experiência de vazio existencial profundo, que se dá em casos de personalidades simulacro, falso self e normóticos. O mistério coloca-se frente ao homem, com suas questões do nascer, do Outro, do convívio com os outros, da geração, da precariedade da vida e da morte (Safra, 2004).

Na clínica contemporânea, as pessoas chegam em desespero profundo por não encontrarem o rosto em si e no outro, há a experiência do viver com uma máscara entre outras máscaras e, no momento que as retiram, há um nada (Safra, 2004). Frente ao outro fazem a pergunta: há alguém atrás dessa máscara? São agonias, que testemunham e delatam as hiper-realidades.

Gilberto Safra (2004) faz comentários a respeito da prática como terapeutas e psicanalistas no mundo hoje, pois esta, muitas vezes, se encontra adoecida ao assentar-se sobre hiper-realidades, sobre procedimentos técnicos, que lançam as pessoas em direção ao conceituável, ao mensurável, retirando delas o indizível e os mistérios de seu ser. Observamos como a conjuntura atual influencia a nossa prática como terapeutas, e como se faz fundamental a instauração de uma reflexão crítica e fundamentada a fim de repensarmos nossas condutas, manejos e intervenções.

5.2 – Os idosos

Durante a vida, temos diversos encontros, desencontros e acontecimentos. Pode acontecer de determinada experiência ou situação suspender ou fragmentar as dimensões fundamentais do ethos humano. Safra (2004) comenta que é importante ter clareza das questões fundamentais do ethos humano, pois ele pode ter sido abalado por alguma falha ambiental no início da vida, ou pode ter sido atingido no percurso do indivíduo, decorrente de condições inóspitas no mundo. As pessoas podem ter sido recebidas de maneira razoavelmente ou suficientemente

boa no início de suas vidas, porém durante a sua caminhada se deparam com alguma experiência que fratura o ethos humano, e quando isso acontece, pode ocorrer o aparecimento de agonias. Para o autor, as agonias que aparecem ao longo da vida são fenômenos decorrentes das situações de exclusão e de desenraizamento: étnico, ético e cultural. Safra (2004) enfatiza o fato de que a exclusão e o desenraizamento não são só fenômenos sociais, mas também acontecimentos ontológicos, são fenômenos que rompem a possibilidade de o ser humano habitar eticamente o mundo. O autor ressalta o fato de que existem fenômenos que ocorrem no campo social, porém atingem o registro ético.

Cada pessoa carrega dentro de si a sabedoria da vida, um saber que vem da própria condição humana, do ethos humano, como a busca pelo Outro, que é um anseio por um saber que não é produto de elaboração mental ou intelectual, mas advém das experiências e sofrimentos éticos vividos pela pessoa (Safra, 2004). Para Safra (2004), “buscar é esperar encontrar”, e a esperança sustenta e norteia a busca do Outro no desejo, no sonhar e na comunicação. Esperança para o autor, é a presença da memória do que impossibilitou, do que se deteve, do que se fragmentou, do que não aconteceu, e a partir da esperança é que se pode empreender a busca em direção à realização. Para Winnicott (1971) a pessoa mais adoecida é a pessoa sem esperança, uma vez que a esperança daria a medida da memória preservada em seu próprio ethos.

Durante este trabalho, encontramos idosos que desenvolveram uma relação satisfatória com o mundo até então, porém, em determinado ponto, algo impediu a continuidade de seu caminhar. As falas dos participantes, expressavam o sentimento de inadequação ao tempo, espaço e aos encontros humanos do mundo moderno. O que era dito, os colocava na posição de estranhos, à margem de contatos significativos com as outras pessoas. Contavam com nostalgia os anos e os espaços do passado. Os participantes frisavam a importância de contar a sua história, de narrá-la, a transmissão oral de sua trajetória funcionava como uma espécie de enraizamento, de pertencimento, de existência, a partir da qual caminhavam, mas que os tempos atuais dificultavam, ou não ofereciam as condições necessárias para a continuidade da ação. Eles se encontravam

desgostosos, pois o seguir em direção ao futuro com significação, junto aos outros membros da comunidade humana, parecia tarefa improvável.

Relatavam com frequência a grande diferença entre a geração dos netos, filhos e bisnetos, à deles. Naquele tempo, toda a família costumava se reunir em roda, em torno dos avós, que costumavam contar várias histórias e causos. Era um costume, uma tradição, onde as pessoas eram inseridas na história familiar. Tratava-se de um momento de felicidade, alegria, contato com o passado familiar e com outra época, com outro mundo. Era comum que se ouvisse a mesma história uma, duas, três, repetidas vezes, com deleite, interesse e animação, pois cada vez que era contada, a história tomava contornos, cores, sons e aromas, novos, surpreendentes e diferentes. Eles não se cansavam de ouvir as histórias dos avós. Em suas falas, descrevem a postura receptiva e acolhedora, que adotavam, um ouvir com qualidade, que percorria em companhia do contador as diversas paisagens e situações, se tratava de uma perspectiva artesanal, de acompanhar o tecer da história em companhia do narrador. Era história viva, que refletia a natureza, seu tempo, seu espaço, não poderia ser acelerada, senão perderia seus elementos constitutivos. Era como o plantar uma árvore, onde se deveria semear, irrigar, esperar germinar, aguardar crescer, contemplar o florescer, presenciar o frutificar, para depois colher e saborear os frutos. Caso solicitassem ao narrador que avançasse a história, iriam comer um fruto verde, e se pedissem para interromper o conto, poderiam não vislumbrar nem o germinar da semente, pois o processo foi suspenso no plantar da semente. Os participantes expressavam saudades desse tempo antigo, ao compará-lo com a modernidade, que gerava grande incômodo neles. Hoje ninguém se dispunha a ouvi-los, nem os filhos, nem os netos, nem os amigos. Os idosos justificavam e aceitavam tal condição relatando a falta de tempo das pessoas, por conta dos muitos compromissos e afazeres. Apesar da falta de tempo, algumas vezes eles encontram uma oportunidade de compartilhar algum episódio, ou vinheta de sua vida, com sua família, mas as pessoas não estavam interessadas em ouvir. Ao compartilharem uma história “repetida”, seus netos ou filhos, diferentemente da época de seus avós, os rotulavam de inconvenientes, chatos, pois o que se narra já havia sido contado anteriormente, era tedioso ouvi-los. Eles exemplificaram as falas dos parentes: “Ai que chato!”, “De novo essa história?”. Os parentes reclamavam também que eles queriam muita atenção, por muito tempo

(lembrando que a noção de tempo mudou muito, eles relatam uma sensação de aceleração temporal, então o que é muito tempo hoje em dia, não é tanto tempo para eles). Os participantes comentam que por mais enfadonha que seja a história, ela é importante, pois é a história que os formou.

Essa vinheta reflete o status técnico que a narração e a linguagem ganharam, agora elas seriam passíveis de nomeação, replicação, delineamento. A história não é mais encarada e valorizada como uma entidade viva e passível de mudanças, foi reduzida a um objeto. Diferentemente da postura adotada pelos idosos quando eram crianças, trata-se de um posicionamento onde o passado e a história familiar são desvalorizados, onde não há paciência, interesse, e nem curiosidade em direção ao idoso. Atualmente há a tendência de pensar que as matizes e facetas de uma história contada mais de uma vez são sabidas de antemão, a história foi desprovida de vitalidade.

O local para compartilhar a própria história, sem medo de ser tachado de chato e com pessoas interessadas, não era mais encontrado pelos integrantes do grupo. Os encontros constituíram locais, onde era possível narrar as suas vidas, compartilhar as diversas experiências com os outros idosos e comigo, lugar onde as lembranças, a moda da época, os costumes, os comerciais de revistas e da televisão, os incômodos e sofrimentos inerentes à época atual, o distanciamento da natureza e do tempo humano, puderam emergir. O psicólogo foi colocado ao mesmo tempo no papel de representante do mundo moderno, e por isso recebia críticas e ataques, no início do processo, e depois na posição de filho/neto que podia escutá-los com paciência e interesse, uma testemunha de suas trajetórias, de suas experiências, de sua inserção na história da humanidade, e de sua dificuldade em se inserir no mundo atual, e vislumbrar um futuro carregado de sentido, vivo.

5.3 – Desalojamento, exclusão e desenraizamento

Nos capítulos anteriores falamos a respeito do mundo atual e de suas características. Abordamos também o estado que encontramos os idosos no início de nosso trabalho. Neste momento, iremos abordar as vivências de exclusão e desenraizamento (Weil, 1943) relatadas pelos participantes, que se caracterizaram como experiências de sofrimento.

Gilberto Safra (2004) faz considerações a respeito da psicologia e da psicanálise, que tradicionalmente enfatizam o estudo da subjetividade, levando à concepção de homem independentemente de seu meio, de seu acontecer e de suas ações no mundo. Para o autor, esse vértice concebe as dimensões psíquicas do ser humano sempre a partir de uma problemática subjetiva, ele encara os elementos subjetivos apenas como parte integrante dos fatores a serem estudados. O homem é um ser complexo, e não pode mais ser encarado como uma metamorfose de um organismo biológico, e nem apenas como fruto das interações sociais, pois as duas perspectivas jogam a pessoa para fora de sua condição humana (Safra, 2004). O homem é Sobórnost (presença dos antepassados, dos contemporâneos e dos que estão por vir, da natureza e do mistério).

A partir desse olhar mais amplo, abordaremos o fenômeno da exclusão e do desenraizamento, situações de sofrimento constantemente presentes nas falas dos idosos. Safra (2004), cita Simone Weil (1943) a fim de tecer considerações a respeito das fraturas éticas e do sofrimento humano. A autora pondera que o ser humano tem uma raiz na participação real, ativa e natural dentro da existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Durante a vida, as pessoas podem passar por situações que as desenraiza (Weil, 1943) da coletividade em que se inserem e das atividades que exercem. Esse desenraizamento, pode se dar pela imigração, pelo desemprego, pela falta de instrução, entre outras razões. A autora atenta para o fato de que o desenraizamento é a mais perigosa doença das sociedades humanas, pois multiplica a si própria.

Ao abordarmos a questão da exclusão e do desenraizamento, um elemento que possui grande influência e abrangência hoje, é a mídia, que fornece um mundo de informações por meio de organizações estéticas. Safra (2004) comenta que a estética da mídia é assentada no mundo da informática, nos posicionando frente a uma temporalidade cada vez mais veloz e mais distante do tempo da corporeidade e da subjetividade humanas. Em sua experiência clínica, o autor testemunhou os efeitos decorrentes da contemporaneidade em seus pacientes, como, por exemplo, as inúmeras formas de sofrimento e agonias, decorrentes de fraturas da cidadania e estilizações da ética, fenômenos que se encontram na literatura psicológica e social sob a categoria de exclusão social. Safra (2004) menciona que o sofrimento de muitos dos pacientes se dá pelo desenraizamento, por terem sido coisificados, ou reduzidos a ideias ou abstrações, já que a época em que vivemos facilita a constituição de pessoas que são “filhos da técnica”, e sofrem da agonia do totalmente pensável, do totalmente controlável, do totalmente replicável.

O desenraizamento étnico se dá pela perda de conexão com os elementos sensoriais e culturais que remetem o ser humano à memória de sua origem, surgindo a solidão devido a impossibilidade de pertencer e de encontrar seus iguais. O desenraizamento estético se dá quando as organizações rítmicas, temporais e espaciais já não mais se aparentam à organização corporal humana e às dimensões da natureza. Há também o desenraizamento ético, que surge num mundo nem sempre regido pela responsabilidade pelo ser humano, tudo o que não é congruente com o ethos humano, levando à desesperança.

Os participantes comentavam que renasceram na USP. Antes de frequentarem a UnATI, elas estavam quase acreditando que ser velho era ruim, que não serviam pra mais nada, e se sentiam desvalorizados dentro e fora de casa. Na USP eles encontraram um lugar que os valorizou, e que podiam aprender diversas coisas. Os idosos conseguiam viver, conversar, ir aos compromissos, mas comunicavam experiências de sofrimento. Muitos idosos eram migrantes de Pernambuco, do interior de São Paulo, de Fortaleza, e da Bahia, e vieram pela dificuldade econômica que a sua região apresentava. Eles contavam que realizaram uma longa viagem de caminhão, de sua terra natal até São Paulo. O início foi difícil, pois os conterrâneos que chegaram antes deles, tentavam enganá-los para ganhar

dinheiro, já que eles não conheciam nada, nem ninguém e confiavam nas pessoas que tinham a mesma origem geográfica, se sentiam próximos a eles. Além disso somava-se a angústia de não conhecer ninguém, num lugar totalmente novo e diferente de onde estavam acostumados. Relatavam que no início tiveram muita dificuldade em se adaptar aqui, dada a cultura diferente, o clima (em Pernambuco fazia calor o ano inteiro, e aqui, o inverno de São Paulo era frio, e eles ficavam doentes, mas não sabiam o motivo, que tinham que se agasalhar melhor), as condições de trabalho (do trabalho no campo, eles passaram a trabalhar em oficinas de costura, em bancos e indústrias como auxiliares de limpeza, em hospitais como enfermeiros, etc). A paisagem natural, foi substituída por um cenário urbano, de cor acinzentada, chamavam São Paulo de selva de pedras, que na mesma medida em que oferecia abundância de ofertas de emprego, mostrava suas diversas facetas anti humanas. Morar em São Paulo, implicava que as pessoas não confiavam umas nas outras, você não iria conhecer os seus vizinhos, a natureza se encontrava distante, e o ar puro foi substituído pela poluição das indústrias.

A questão da rejeição se deu nas situações mais amplas, pois o arranjo do mundo não valoriza o idoso, a sua experiência, o seu ritmo mais lento, e o deixa a margem. O desenraizamento (Weil, 1943) se deu em situações específicas, como quando eles relatavam levar uma vida onde faltava alguma coisa, não havia um outro disposto a acolher a sua história, o seu caminho de constituição, o que prevalecia era o desinteresse e a impossibilidade de encontro. A invisibilidade (Safra, 2004) foi outra situação verbalizada, onde os participantes vivenciaram experiências de não serem vistos no campo social depois de terem se tornado velhos. A invisibilidade se geralmente se dá com as posições hierárquicas mais baixas, ou com a população mais carente, ou marginalizada. Os idosos contavam, por exemplo, que ao dar sinal para o ônibus, este via que eram velhos e não paravam no ponto, ou então só eram vistos quando alguém precisava de um favor, como usar o seu carro, ou ganhar algum presente. Apesar de frequentarem a igreja, fazerem serviços voluntários, cuidar dos netos, entre outras atividades, eles continuavam com a sensação de falta. falta de um local para se enraizar, para poder compartilhar a sua história, para serem eles mesmos, era uma espécie de impedimento de existir, algo faltava e bloqueava seu caminho. Eles não encontravam um local para fincar raízes, nem ressonância com os contemporâneos

(não entendiam de tecnologia para conversar com os netos, e seus temas eram considerados chatos), condição essencial ao ser humano, nem conseguiam deixar marcas nas outras pessoas, ao registros de sua existência. Quando os participantes falavam, explicitavam uma questão muito sensível, soava como se fossem imigrantes no mundo moderno, sem uma inserção onde pudessem ser eles mesmos, num espaço inóspito, e muitas vezes sendo violentados pelo arranjo atual. Safra (2005) comenta que a imigração ou a migração, pode deixar feridas profundas no sentimento de si, “trata-se de um tipo de desenraizamento (...) É frequente ouvir dessas pessoas a queixa de que sentem uma ruptura em si mesmas e um desalojamento da continuidade de ser, proporcionados por suas não inserções no fluxo de vida de seus ancestrais (p. 135).”

Safra (2004) pondera que essas modalidades de sofrimento podem nos ensinar muito a respeito dos fundamentos da condição humana, a fim de que estejamos abertos a um saber que vem da dor experimentada no mundo contemporâneo e que nos coloca em contato com os grandes elementos de cura da alma: a cultura, o sagrado e a poesia. Com base em sua vasta experiência clínica, e em anos de estudo, Safra (2004) compartilha conosco a perspectiva de Sobórnost, a fim de destinar-se em direção ao humano que procura por ajuda. A dimensão de Sobórnost, carrega a ideia de que cada ser humano está fundado, em registro ontológico, a seus contemporâneos, a seus ancestrais, a seus descendentes, à natureza, às coisas (os artefatos humanos) e ao mistério, simultaneamente. A fratura de qualquer uma dessas facetas ou mesmo sua redução a um registro diferente do ontológico (por exemplo, sociológico ou psicológico) leva o homem a um adoecimento (Safra, 2004). O adoecimento ético do ser humano é a perda da condição de Sobórnost, onde o Outro seria representante da humanidade: o mistério, o contemporâneo, o ancestral, o descendente, a natureza (Safra, 2004). O encontro com o Outro permitiria o morar, pertencer, ser um e muitos ao mesmo tempo, viver em comunidade, possibilitando o reestabelecimento do ethos humano.

As características do mundo atual, conduzem ao sofrimento decorrente da impossibilidade de a pessoa criar seu lugar na sociedade pela singularidade de seu gesto (Safra, 2004), ela não encontra um outro para acolhê-lo. O self em seu processo de devir (se desenvolver, caminhar em direção a Telos) se detém e o

indivíduo experimenta a vivência de não-ser no abismo, que se abre entre ele e o campo social. Para o autor, o acontecer humano demandaria a presença de outra pessoa, não existe self⁶ sem outro, o self aconteceria no mundo. O terrível para o homem é ver-se sempre avizinado pelo nada, o não-ser, que o ameaça com a possibilidade de não-vir-a-ser e com a ausência de sentido (Safra, 2004).

5.4 – A sabedoria que leva à cura

A professora Samila do curso de Gerontologia inicia a aula inaugural da UnATI falando sobre o tema da sabedoria, e em determinado momento da aula solicitou que discutíssemos com os colegas próximos e elegêssemos uma pessoa sábia. Eis que as idosas ao meu lado se auto elegem como sábias, e também me elegeram como sábio, explicando que cada um em sua vivência carrega a sabedoria consigo. Esse comportamento me surpreendeu, pois eu havia pensado em Santos Dumont, Freud, Darwin, Salvador Dalí ou Tchaikovsky, e de repente surge essa resposta inesperada. Desde a primeira aula, os idosos transmitiam uma noção muito importante, e que utilizamos neste trabalho, em que cada pessoa traz dentro de si a sabedoria da vida, do vivido até aquele momento, das influências dos antepassados e do tempo presente, é um saber que vem da própria condição humana. A busca pelo Outro e por condições éticas de vida, por exemplo, são anseios que não são produtos de elaboração mental ou intelectual, mas advém das experiências e sofrimentos éticos vividos pela pessoa (Safra, 2004).

Durante este trabalho, encontramos pessoas que desenvolveram uma relação satisfatória com o mundo até então, porém, em determinado momento de suas vidas (na chamada terceira idade), eles se sentiam não mais pertencentes ao tempo e ao espaço atuais, apareciam como estranhos, contando com nostalgia os anos e os

⁶ Self para Gilberto Safra (2005), é uma organização dinâmica que possibilita ao indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo. É uma organização que acontece dentro do processo maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. A cada etapa do processo há um integração cada vez mais ampla em decorrência das novas experiências de vida.

espaços do passado. Em algum momento de sua trajetória, dadas as dinâmicas do mundo, eles encontraram uma situação de impasse, onde se viram desalojados, marginalizados, imobilizados em seu devir, vivendo a vida como se ela passasse por eles, haviam poucos espaços onde eles se inseriam e que podiam contribuir com algo, a fim, de carregar a vida com sentido. Os participantes buscavam algo e à medida que o processo avançava, foram comunicando diversas facetas, as quais necessitavam para caminhar em direção à solução dos impasses. Assim como dito por Safra (2004), não se tratava de anseios produtos da elaboração mental, e nem intelectual, mas derivavam de sofrimentos éticos vividos por eles. A vida no passado proporcionava um local de pertencimento e inserção, favorecido pelos contos familiares, pela proximidade e pela confiança nos vizinhos, a paisagem natural se fazia presente, podia-se brincar sem preocupações, a experiência de tempo era o da natureza, pois trabalhavam na lavoura. Durante os encontros, esse passado, visto como bom, generoso, confortante, contrastou a maior parte do tempo com a vida no presente, denominada de lugar ruim, onde tudo era muito distante, o contato com a natureza e com as pessoas, a tecnologia os marginalizava, jogava-os para um mundo veloz, que entrava em conflito com o tempo do envelhecimento, mais vagaroso.

A travessia da vida, para Gilberto Safra (2004), seria realizada em uma linha estreita, sendo possível somente pela presença do outro ser humano que porta historicamente o atravessamento das questões da existência humana. Para o autor, cada pessoa é única e múltipla, pois ao mesmo tempo em que se individualiza, faz presente a presença de seus ancestrais e daqueles com quem compartilha a sua existência. Uma das necessidades fundamentais do homem no estabelecimento de seu ethos, para Safra (2004), é a de ser recebido no mundo humano pelo Outro, e quando isso não se dá, em algum momento da vida, produz fraturas, lançando a pessoa numa situação sem comunicação, desenraizada (Weil, 1943). Para o autor, no momento em que essas situações podem ser alcançadas pelo trabalho clínico, entrando em contato com o registro do Outro, elas passam a estar subordinadas à criatividade, à ação da pessoa para desenhar a própria existência. Em algum momento de sua trajetória, dadas as dinâmicas do mundo, os idosos encontraram uma situação de impasse, onde se viram desabrigados, desrespeitados em sua condição, paralisados em seu devir, era uma existência como passageiro (posição

mais passiva), não como autor (posição mais ativa). Os participantes guardavam em sua memória as condições necessárias para o seu desenvolvimento, além da esperança de seguir em direção ao futuro, porém não encontravam no mundo atual lugares, nem pessoas que se dispusessem a acolher a demanda que traziam. Estavam à espera de encontros que contemplassem seus anseios de reconhecimento, companhia de outras pessoas, hospitalidade, amizade, acolhida, morada, de alguém que os ouvisse de maneira interessada e disponível, para a partir daí se colocar em situação de devir.

Safra (2004) comenta:

Aponto aqui para um rigor no trabalho clínico, decorrente de um caminho ético ... É uma maneira de trabalhar que se funda na singularidade do Outro. O analista coloca-se frente ao paciente de maneira a deixar-se ensinar pelo que o paciente diz e apresenta: a historicidade de seu ser. Esse é o trabalho clínico em Sobórnost (p. 122).

5.5 – Ação

Na introdução de seu livro *A Po-ética na Clínica Contemporânea* (2004), Gilberto Safra traz o caso de Mário, de quatro anos de idade, que se encontrava desalojado, desencontrado dos amiguinhos e impossibilitado de brincar. Dentro do processo psicoterapêutico, o garoto apresentava as dimensões de seu sofrimento e a maneira pela qual o outro poderia ir de encontro a ele, a fim de auxiliá-lo a atravessar o impasse no qual ele se encontrava. O autor comunica que situações como esta que nos mostram o caminho para ir de encontro àqueles que nos procuram, aparecem no dia-a-dia do trabalho clínico. A passagem abaixo, extraída de Safra (2004), ilustra esse movimento de comunicação da sabedoria constitutiva que nos leva ao encontro do outro, e à instalação de si no mundo como necessidade:

Pacientes de diferentes idades desvelam, frente a seu analista, um conhecimento a respeito de si que parece brotar da angústia mesma. Ela, a angústia, revela as dimensões do sofrimento e da fragilidade humana. Não é um conhecimento que vem de uma aprendizagem ou pedagogia, mas sim do próprio fato de o ser humano ser lançado em meio à existência na busca das condições que possibilitem seu alojamento, mesmo que precário, no mundo com os outros.

Partindo da solidão essencial, o ser humano entra no mundo na condição de exilado, surpreendido, acolhido no abraço e no olhar de alguém para que um lugar se estabeleça e um iniciar-se possa acontecer. Esse é um lugar que se constitui no horizonte da existência, onde se preserva a fronteira de mundos e de possibilidades de estar. (...) Nascer é ser atravessado pelas questões e pelo mistério da existência; é conhecer a posição humana e as condições necessárias à instalação de si no mundo com outros (p. 24).

No presente trabalho, a maneira pela qual poderíamos ir de encontro às demandas dos participantes, se deu com o pedido para realizar alterações ao processo original. Já havíamos passado pela etapa da escrita e dos compartilhamentos das autobiografias nos trios, e iniciamos a fase de compartilhamento das histórias com o grupo todo. A ação em direção a mim de deu, após todos compartilharem as suas histórias. Eles perguntaram se, a partir daquele momento, seria possível realizar as atividades com todos os participantes do grupo e comigo participando também. Solicitaram também que não mais escrevessem, apenas falassem durante os encontros, preferiam deixar a atividade de escrita para o diário reflexivo, feito em casa.

Pensar em modificar os procedimentos estabelecidos, estudados, descritos na literatura, muitas vezes gera certa insegurança, medo, e paralisia. Esses sentimentos são comuns num primeiro momento, porém se esvaem no momento em que o terapeuta confia na sabedoria portada pelos participantes a respeito das próprias necessidades e da maneira como eles o chamam para contemplá-las. Safra (2004) traz uma passagem muito representativa da posição ética que devemos adotar:

Ao voltarmos o olhar para a situação clínica, veremos que ela se caracteriza pelo cuidado que estabelece as condições necessárias ao acontecer humano. Esses são fatos que me levam a afirmar que a clínica é essencialmente ética e a ética é clínica.

Nessa perspectiva, cai por terra toda a concepção que busca definir a situação clínica a partir de procedimentos técnicos. A técnica, assim compreendida, jogaria o paciente em direção ao conceituável, roubando-lhe o indizível e os mistérios de seu ser. Este é o homem-coisa e não mais ser, não mais presença (p. 27).

A partir do exposto, acreditamos que o ser humano porta a sabedoria, e nos ensina o caminho que leva à sua própria cura. O gesto realizado em direção ao psicólogo foi entendido e acolhido. O modelo dos ateliês (Momberger, 2005) foi modificado para dar conta do pedido realizado pelos idosos. Então as tríades foram desfeitas e um círculo constituído, assim eles poderiam observar, compartilhar e ouvir uns aos outros, constituindo um grupo. Foi construído um espaço onde se pudesse conhecer os vizinhos, confiar neles (especialmente no quesito sigilo), onde eles poderiam tirar a máscara e mostrar seu rosto, sua presença. O formato circular do grupo remetia à disposição adotada pelos participantes, quando ouviam as histórias de seus pais e avós. Assim como o modo de compartilhar, apenas falando, também retomava a tradição da contação de histórias de seus familiares.

5.6 – O Compartilhar

A linguagem atualmente é tratada de maneira objetificada, fora do registro ontológico, reduzindo-se a um sistema de signos que informa e refere (Safra, 2004). Ao mudar o paradigma, e abordar a linguagem a partir do conceito de Sobórnost, Safra (2004) confere a ela status de fluxo histórico, presença do passado, do presente e do futuro, permitindo que o dizer seja gesto humano, ação transgeracional geradora de possibilidades de existência. Para o autor a linguagem em Sobórnost possibilita o aparecimento do fenômeno humano, revela a condição humana, e aparece poeticamente, reinstaurando o ethos.

A linguagem encarada de maneira objetificada, visa a nomeação, o delineamento, a explicação e a descrição de algo tecnicamente, não há espaço para que o novo, o surpreendente e para que o mistério surjam. Os idosos

frequentemente relatavam que ao tentar contar suas histórias de vida aos familiares (filhos, netos), eram considerados chatos e inconvenientes, particularmente quando contavam a mesma história mais de uma vez. Reclamavam que os familiares não dispunham de tempo, vontade e nem paciência para ouvi-los. No início tentavam compartilhar suas histórias, porém após diversas tentativas frustradas, a fim de evitar a estigmatização, suas angústias foram escondidas, seus medos guardados, e seus pensamentos não verbalizados. Os idosos passaram a se ocultar atrás de uma máscara, para se proteger e poder conviver com as outras pessoas. Com a máscara, se mostravam pessoas simpáticas, felizes, agradáveis, não portavam nenhum tipo de problema, inquietude, e nem carências. O uso deste artifício fazia com que fossem aceitos e bem vistos nos lugares que frequentavam, porém não se sentiam satisfeitos, pois não havia verdadeiras trocas e compartilhamentos da condição humana (fragilidade, sofrimento, etc.), apenas falavam sobre amenidades.

Os idosos contrapunham sua vivência passada, rica, cheia de história e de vida, com uma experiência vazia no presente, sem verdadeiras trocas, sem a possibilidade de ser, a verdadeira comunicação em direção ao outro não era acolhida, não era possível colocar em trânsito as demandas e necessidades que carregavam, não era possível encontrar morada no mundo e no tempo atuais. No início do processo, o mundo, o tempo, as dinâmicas atuais eram vistas apenas como coisas ruins, enquanto o passado era idealizado, especialmente em relação à possibilidade do ethos humano.

Contam que em sua época, todos disputavam um lugar perto dos avós e pais para ouvir as suas histórias, que ganhavam novos contornos, novos elementos, novas significações cada vez que eram contadas. Eles gostavam de escutar as histórias, que falavam das experiências de vida e da trajetória daquele grupo familiar, se identificavam, aprendiam, se divertiam, tinham prazer em ouvir as “mesmas” histórias diversas vezes.

Comunicavam a esperança de encontrar um local onde pudessem pertencer, compartilhar, onde o narrar e a linguagem pudessem ganhar vida novamente (contendo a surpresa, o mistério, a sabedoria, a história familiar), onde as histórias não fossem encaradas de maneira técnica, fria, sem carregar a sabedoria e nem um

significado mais profundo. Procuravam um ambiente que se dispusesse a ir de encontro às suas necessidades, sem que fossem retaliados, excluídos, e ignorados.

Safra (2005) comenta que o dizer é a possibilidade do desvelamento de quem se é e do vivido, por meio da fala. Para o autor, a fala da narrativa se assenta na reminiscência, que transmite os acontecimentos de geração em geração. A narrativa teceria a rede onde todas as histórias se articulariam entre si, nos colocando em contato com toda história humana, inserindo singularidade na vida de todos os homens (Safra, 2005). Nesse contexto, a fala e o compartilhar de questões, impasses, angústias, ganha um novo status, pois não se trata mais do uso da máscara, de uma propaganda que veicula uma felicidade aparente, mas de um rosto que se revela na comunicação da fragilidade humana, no sofrimento, na necessidade do acolhimento, da hospitalidade, da amizade e da presença autêntica do outro.

Rubem Alves possui uma crônica intitulada Tênis X Frescobol, e a medida em que os idosos compartilhavam suas vivências, eu pensava nesse texto, acredito que ao tentar compartilhar suas histórias, os participantes vivenciavam um jogo de tênis, porém a suba busca era por um jogo de frescobol. Transcrevo aqui parte da crônica:

O tênis é um jogo feroz. O seu objetivo é derrotar o adversário. E a sua derrota se revela no seu erro: o outro foi incapaz de devolver a bola. Joga-se tênis para fazer o outro errar. O bom jogador é aquele que tem a exata noção do ponto fraco do seu adversário - e é justamente para aí que ele vai dirigir a sua cortada - palavra muito sugestiva, que indica o seu objetivo sádico, que é o de cortar, interromper, derrotar. O prazer do tênis se encontra, portanto, justamente no momento em que o jogo não pode mais continuar porque o adversário foi colocado fora de jogo. Termina sempre com a alegria de um e a tristeza de outro.

O frescobol se parece muito com o tênis: dois jogadores, duas raquetes e uma bola. Só que, para o jogo ser bom, é preciso que nenhum dos dois perca. Se a bola veio meio torta, a gente sabe que não foi de propósito e faz o maior esforço do mundo para devolvê-la gostosa, no lugar certo, para que o outro possa pegá-la. Não existe adversário porque não há ninguém a ser derrotado. Aqui ou os dois ganham ou ninguém ganha. E ninguém fica feliz quando o outro erra - pois o que se deseja é que ninguém erre. O erro de um, no frescobol, é como ejaculação precoce: um acidente lamentável que não deveria ter acontecido, pois o gostoso mesmo é aquele ir e vir, ir e vir, ir e vir... E o que errou pede desculpas, e o que provocou o erro se sente culpado. Mas não tem importância: começa-se de novo este delicioso jogo em que ninguém marca pontos...

A bola: são as nossas fantasias, irrealidades, sonhos sob a forma de palavras. Conversar é ficar batendo sonho pra lá, sonho pra cá...

(...) Tênis é assim: recebe-se o sonho do outro para destruí-lo, arrebatá-lo, como bolha de sabão... O que se busca é ter razão e o que se ganha é o distanciamento. Aqui, quem ganha sempre perde.

Já no frescobol é diferente: o sonho do outro é um brinquedo que deve ser preservado, pois se sabe que, se é sonho, é coisa delicada, do coração. O bom ouvinte é aquele que, ao falar, abre espaços para que as bolhas de sabão do outro voem livres. Bola vai, bola vem - cresce o amor... Ninguém ganha para que os dois ganhem. E se deseja então que o outro viva sempre, eternamente, para que o jogo nunca tenha fim..."

Os encontros foram locais onde os idosos puderam compartilhar o que quisessem, sem que fossem hostilizados. Eles puderam deixar as máscaras e compartilhar suas angústias, necessidades, impressões do mundo atual, a comparação com o tempo passado, entre outras coisas. Uma passagem muito significativa foi quando ao compartilhar a angústia da perda de dois filhos, a participante disse: "E quando eu iria imaginar que conseguiria falar disso?"

Ela nos contou que seu filho era alcoolista e já tinha sido internado diversas vezes, porém não conseguiu se recuperar. Relatou que ele se recusava a ir aos Alcoólicos Anônimos (A.A.), pois era muito mais evoluído para aquilo. A partir do posicionamento irredutível do filho, ela resolveu frequentar o A.A. a fim de entender pelo que o filho passava. Frequentou a instituição por 3 anos e relata que fez muito bem a ela. Ao falar desse filho, ela compartilhou que ele sempre arrumava um emprego, e assim que ganhava o primeiro salário, "sumia no mundo", e não mandava notícias. A primeira vez que isto aconteceu ela ficou desesperada, sem saber o que havia acontecido com seu filho, então percorreu diversos hospitais, foi ao instituto médico legal (IML), e às delegacias, sem sucesso. Foi um período bem difícil. Quando o dinheiro acabou, seu filho "desaparecido" enviou cartas à ela, solicitando ajuda financeira para voltar à São Paulo. Ela sentiu um grande alívio e enviou imediatamente o dinheiro para que ele retornasse. Conta, porém, que esse movimento aconteceu diversas vezes, e lembra de um episódio em que ele teria ligado a cobrar para o hospital no qual ela trabalhava como enfermeira, e todos os colegas ficaram sabendo da história de seu filho, o que causou um constrangimento muito grande, mas apesar disso, como era seu filho, sempre o ajudou a voltar para

casa. Descreve que ele percorreu diversas partes do Brasil, sem dar notícias, e ela já estava acostumada a esperar o dinheiro acabar para receber notícias do filho como sempre acontecia, porém da última vez, ele não enviou cartas, e não ligou. Com os olhos cheios de lágrimas relata que faz 20 anos que não tem notícias dele, desde 1993. Ela já tentou procurar pela internet, na polícia, no IML, porém não encontrou nenhuma notícia. Desde então, ela carrega esse enigma de não saber se “o filho está no Brasil, se foi à Europa, se está trabalhando em algum navio viajando pelo mundo, ou se faleceu”. Seus olhos se enchem de lágrimas e todos se emocionam. Após se recompor, ela compartilha que seu filho caçula morreu recentemente, aos 42 anos de um infarto fulminante.

Esse compartilhamento foi muito significativo para ela, para nós e para outra participante do grupo, que comentou não ter contado isso para ninguém, nem para as amigas mais próximas, poucas pessoas sabiam da situação pela qual passava, porém, naquele espaço, com aquelas pessoas, ela estava se sentindo à vontade para falar. Compartilhou que possui um filho que sofreu um acidente com carro, foi atropelado, e ficou deficiente desde então. Emocionada nos fala que desde que seu marido morreu, seu filho começou a tratá-la mal, do mesmo jeito que o marido fazia. Ao chegar ao ponto de risco de morte, ela foi obrigada a interná-lo em uma clínica, que é paga com a aposentadoria que ele recebe. Ela fala com muito carinho do filho, e mostra dor quando diz que teve que interná-lo. Comenta que não havia outra maneira, que não conseguiria cuidar dele. No entanto, faz questão de dizer: “o leite que ele toma, sou eu quem levo, além de algumas outras guloseimas”. Ela diz que sempre que o visita, ele é amoroso, porém triste, mas relata que não há condições de ele voltar para casa, e que essa é uma das situações que ninguém escolhe para a própria vida, mas que todos carregamos alguma situação.

5.7 – O manejo

O modo de conduzir os encontros é influenciado por diversos fatores, como a linha teórica adotada, o estilo particular de cada psicólogo, as experiências vividas,

entre outros. Ao acompanharmos pessoas, durante nossos trabalhos, somos informados da sabedoria que trazem consigo decorrente do seu percurso de vida, do mal estar de nosso tempo, e das condições fundamentais para o emergir do sentido de si, além de nos mostrarem os caminhos em direção à cura. Gilberto Safra (2004) faz considerações a respeito da existência e da inserção do homem no mundo e entre os outros homens na Rússia antiga, a fim de aludir as situações constitutivas fundamentais do ser humano e de seu ethos:

Nessas aldeias a vida era comunitária. A vida de cada um de seus habitantes dependia profundamente da vida dos demais. Eram comunidades rurais, e, em decorrência desse fato, a etnia russa mantém profunda ligação com a terra. A interdependência entre os humanos e entre o homem e a terra é fundante. Assim, na concepção de vida Russa é impossível se pensar no ser humano sem o enraizamento na terra, sem considerar a importância do trabalho que a transforma e faz surgir as coisas, sem a convivência com os outros seres humanos. O ethos humano acontece nessa interdependência profunda entre os homens, a terra e a coisa. O acontecimento nessa diversas facetas possibilita o ethos, possibilita mir: mundo, paz, aldeia (p. 29).

A partir do exposto, o homem se constituiria em comunidade e seria comunidade, além de necessitar do contato com a natureza e com a coisa. A perspectiva de Sobórnost demanda uma posição ética e clara do terapeuta quanto aos diferentes registros que se apresentam: o eu, o nós, o singular, o universal. Para tanto, o clínico deve se posicionar ontologicamente em comunidade de destino, aberto à alteridade fundamental que se apresenta na singularidade daqueles que estão à nossa frente. Na clínica em Sobórnost, o psicólogo está presente frente a seu analisando não só como outro subjetivo, mas como Outro: como os ancestrais, como os descendentes, como a humanidade, como representante da cultura, como aquele que sustenta a criatividade⁷, como o incognoscível (Safra, 2004). No trabalho em Sobórnost é fundamental que acolhamos a dimensão da historicidade, uma vez que o ser humano acontece na história e é história, ele é a singularização da história de sua família e de sua comunidade (Safra, 2004). Safra (2004), comenta que nesta perspectiva, a historicidade é questão ética, já que a problemática da pessoa

⁷ A criatividade na perspectiva que estamos trabalhando, não se relaciona necessariamente ao fazer artístico, mas sim à ação que possibilita o acontecer e o aparecimento do singular em si mesmo (Safra, 2004).

emerge em historicidade e precisa ser remetida não só aos acontecimentos de sua biografia, mas também àqueles que precederam, aqueles que virão, assim como à situação da humanidade. Somente por este vértice seria possível situar a problemática da pessoa em registro ontológico:

Trata-se de se compreender que o paciente é atravessado por significações que estão para além dele e que atravessam a história, a fim de que o paciente possa eventualmente mudar a história! Acontecimento que ocorre quando a criatividade de fato pode emergir.

Da mesma forma, o trabalho em Sobórnost demanda que também o processo clínico seja compreendido em sua historicidade. A sessão de hoje insere-se em um processo já ressignificado por tudo o que a dupla já viveu, o acontecimento de ontem permite que o gesto de hoje alcance um mais além. O ser humano é devir e o processo clínico é devir. Cada sessão precisa ser vivida e compreendida pelo que já se percorreu, pela história que se desvelou ao longo do processo e pelo que se necessita ainda encontrar... (p.155)

Safra (2004) comenta que o trabalho clínico deve ir ao encontro do sofrimento humano, e para que isso ocorra, faz-se condição fundamental o restabelecimento da ética como instrumento de cura. O autor faz considerações sobre a ética: as condições fundamentais que possibilitam ao ser humano morar, estar e constituir-se como um habitante no mundo humano.

A condição ética possibilitaria o reestabelecimento do sentido de si, de sua origem, da experiência do silêncio, do ser e do estar, remetendo ao conceito de elemento feminino (Winnicott, 1971). O elemento masculino (Winnicott, 1971), relacionado ao fazer, à possibilidade de vir a realizar um percurso de vida, do gesto em direção ao Outro, também poderia ser reestabelecido a partir da condição ética. Todo ser humano necessita, em sua origem da experiência de ser (elemento feminino) e da possibilidade de colocar o próprio gesto em direção ao porvir (elemento masculino), para que um processo de singularização possa ocorrer. A interação contínua entre o feminino e o masculino é necessária para que os modos de ser no mundo aconteçam de maneira favorável para a constituição do si mesmo. A pessoa abre-se para um tornar-se, para um devir (Safra, 2004).

Ao falarmos de elemento masculino, de gesto em direção ao outro, devemos atentar para a posição que tomamos frente a noção de criatividade, pois esta determina o lugar ético ocupado pelo terapeuta. A noção de criatividade, não estaria necessariamente relacionada ao fazer artístico, mas à ação que possibilita o acontecer e o aparecer do singular de si mesmo, evento que só podemos testemunhar (Safrá, 2004). Safrá (2004) faz considerações a respeito do manejo, comentando sobre o conceito de criatividade, gesto em direção ao Outro, liberdade e o simbolizar em sua perspectiva de trabalho:

Ao posicionar-se a criatividade ao lado da liberdade estamos entendendo a experiência de liberdade ocorrendo entre o ser e o não ser, que coloca o ser humano em uma experiência originária de desamparo. Não só como algo relacionado a sua sobrevivência, o que coloca o homem desde o início de sua existência em um estado de dependência do Outro, mas principalmente como um estado que possibilita ao ser humano, por meio de seu gesto, destinar-se em meio ao risco. O destinar-se ocorre como um gesto de esperança assentado na fé de que um acontecer é possível, isso é um arriscar-se. No momento em que uma criança dirige-se a alguém, se há uma comunicação, mesmo que silenciosa, haverá uma realização, mas, por outro lado, se o Outro não é alcançado, há uma experiência de queda e solidão infinita... Nessa perspectiva de compreensão do ser humano como ser criativo, ele é visto como ser instável para quem a questão fundamental não é morte, mas a queda no não-ser... O homem, como ser criativo, vive com um pé na experiência das necessidades e o outro na experiência da liberdade. As necessidades se apresentam no registro biológico e no registro social. A criatividade origina a experiência de liberdade decorrente do gesto fundamental que inicia o devir humano em direção a um sentido sempre em transformação ao longo da vida. Dessa forma, sendo um ser criativo, o homem tem como sua obra fundamental o sentido de sua própria existência (...) Simbolizar é importante não só para que os significados se estabeleçam, mas principalmente, por ser um processo de contínuas transformações de sentido em direção ao porvir. Importante ressaltar que o que estou chamando de registro simbólico não é o simples representar, mas colocar as questões fundamentais da existência em devir, por meio da ação criativa. Caminho que permite o viver criativo para um dia, se possível, acolher a morte (p. 61 à 63).

Dentro desta perspectiva, gesto humano é encarado como gesto criador de sentido em direção ao Outro, possibilitando o estabelecimento do sentido de si. Abre-se então a possibilidade do sujeito existir entre os homens.

A postura adotada e o manejo durante os encontros foram propícios para o emergir de ações empreendidas em direção ao outro. As ações se deram a partir da esperança, que sustentou a busca por diversas facetas do humano até haver um

encontro que possibilitasse o restabelecimento do que os idosos necessitavam para sua constituição. A capacidade de ser e estar se fez presente quando os participantes arriscaram colocar as máscaras de lado, e a partir daí os sentimentos guardados no “fundo do baú” vieram à tona. A capacidade de ser e estar também esteve presente na beleza vivenciada pelos participantes durante os encontros, onde puderam compartilhar situações importantes de suas vidas, e que não havia lugar, tempo e confiança suficiente para que emergisse em outras situações, como, por exemplo, o buraco e o enigma que ficam quando um filho desaparece, ou o sofrimento de amar o filho, porém ser obrigada a interná-lo, uma vez que não dava mais conta de cuidar dele sozinha. Os compartilhamentos das histórias de vida, e a solicitação para que fosse alterado o método de coleta foram exemplos de ações endereçadas às outras pessoas, eram iniciativas que esperavam ser acolhidas. Todas as ações se deram entre o fazer e o não fazer, em meio ao risco de não haver ressonância do outro. O acolhimento dos gestos, permitiu que eles se mostrassem, permitiu que as pessoas entrassem em contato com aquilo que precisavam para continuar a caminhada em direção ao futuro. Esta postura possibilitou o emergir do sentido de si mesmo na presença do outro e o risco de expor o seu próprio rosto, que se dá na possibilidade de integrar a condição de instabilidade humana, por meio do gesto criativo frente ao Outro.

Durante o processo terapêutico, ao mesmo tempo em que o mal do nosso tempo é comunicado, são transmitidas as condições fundamentais para o emergir do sentido de si (Safrá, 2004). O homem não pode ser mais visto apenas como uma metamorfose de um organismo biológico, e nem apenas como fruto das interações sociais, uma vez que as duas perspectivas jogam a pessoa para fora de sua condição humana (Safrá, 2004). Esses aspectos demandam posições e manejos do analista fundadas no humano, que ultrapassa a dimensão biológica e que supera a condição histórica. Devemos atentar à ética do ser e às condições necessárias ao acontecer e à presença humana (Safrá, 2004).

5.8 – A intervenção

A linguagem é o meio pelo qual realizamos o nosso trabalho, ela está presente na fala, em nossa forma de ser, em nosso gesto (Safra, 2004). Ela revela a nossa maneira de ser, nossos temores e nossos anseios, possibilitando o vocacionar-se, não só como projeto pessoal, mas existencial. A partir da linguagem, podemos realizar diversos tipos de intervenções, como, por exemplo, estar realmente presente em frente aqueles que nos procuram, acolhê-los em sua maneira de ser, recebê-los amistosamente, com hospitalidade, ou interpretá-los.

Ao interpretar alguma fala ou material dos participantes, deve-se eleger algum ponto e colocar um foco de luz sobre ele, enquanto o material remanescente permaneceria na penumbra. Ao fazê-lo, arrisca-se acertar ou não o ponto destacado pela luz. O que quero dizer com isso é que cada aspecto que se faz presente nos encontros, possui diversos sentidos, contém o mistério, ou seja, interpretá-lo, seria nomear uma parte do que se capta, reduzindo-o. Os pensadores russos da Idade da Prata citados por Safra (2004) enfatizam a impossibilidade de se realizar qualquer tentativa de redução do ser humano, uma vez que este jamais poderá ser plenamente explicado ou revelado, nosso olhar sempre será um recorte, é impossível vislumbrar o todo. Safra (2004) chama a atenção para o fato de que não se trata apenas de uma questão epistemológica, mas de uma situação que se não for considerada, pode adoecer profundamente o ser humano, pois é uma questão ética. A abordagem de Safra (2004), a qual adotamos, elucida que o Homem também acontece no indizível, no obscuro, no enigmático, no mistério, e ao tentar nomeá-lo, o jogaria para fora de sua condição humana.

No presente trabalho, adotamos a proposta de não interpretar os conteúdos, imagens e sensações que eram apresentados pelos participantes, a partir da leitura do capítulo da Materialidade do Self de Gilberto Safra (2005), onde ele faz considerações a respeito do “Fonte”, um desenho trazido por seu analisando, que era uma mistura de cachorro, raposa e lobo, e durante todo o processo de análise, nunca foi interpretado, pois qualquer interpretação do material esvaziaria a riqueza da potencialidade que ele possuía. Interpretar seria o mesmo que recortar um

fragmento do Fonte e focá-lo, qualquer interpretação seria pobre, e insuficiente, já que cada elemento possui diversos significados, e são passíveis de mudanças a cada momento.

Essa postura ética, a partir da qual se dá a compreensão clínica frente a pessoa que nos procura, permite que os fenômenos apareçam, sem fragmentá-los, sem ser tendencioso, a fim de que a pessoa possa aproveitar aquele momento. Para tanto deve haver a possibilidade e a disponibilidade de o clínico acompanhar os sentidos que se tecem na história, na sintomatologia e na modalidade de sofrimento do paciente (Safrá, 2004), sem reduzi-los, sem coisificá-los. Safrá (2004), faz considerações a respeito das intervenções:

Intervir na sessão ou no processo demanda que em primeiro lugar possamos estar com o paciente. Estar com é o modo como estamos posicionados em comunidade de destino. Esse modo de estar é não só uma condição para o habitar humano, mas é em si uma intervenção, pois qualquer paciente, independentemente da situação existencial ou psíquica em que se encontre, é capaz de perceber se seu analista, de fato está com ele. Se isso ocorrer, ele se sentirá diferentemente posicionado frente ao Outro (p.148).

A primeira intervenção adotada foi a de estar verdadeiramente presente com os idosos, interessados em suas histórias, a fim de ir ao encontro do que comunicavam. Esta intervenção produziu um ambiente onde não havia pressa, ouvíamos as histórias contadas com interesse autêntico, fomos ao encontro do que os participantes solicitavam, encarnando a posição que ele tinham como filhos e netos escutando a história de seus avós. Ao mesmo tempo em que os idosos tiravam as máscaras, eles mostravam as suas raízes, revisitando as paisagens passadas, produzindo em nós o testemunho de uma outra época, que nos marcava com a sua beleza.

Os participantes conseguiam desfrutar daquela situação de não interpretação, presença genuína e escuta interessada para se constituírem, para retomar o que estava estagnado e colocar as necessidades que tinham em movimento. O encontro do cuidado ético que permite o surgir de si mesmo é reconhecido como uma experiência de qualidade estética: é uma experiência de encanto, de júbilo, de

sagrado. A ética desvela-se como beleza, como verdade, como dignidade, como presença de si e do outro (Safra, 2004). Esta postura ética, foi facilitadora para que participantes que antes temiam sofrer constrangimentos por serem eles mesmos, interpretados e reduzidos, pudessem ser, estar e agir. Um deles contou uma história sobre a infância, em que passou uma noite na floresta com o pai na companhia dos índios, para ilustrar fez um desenho de como os índios varavam a canoa, as pessoas esperavam por uma interpretação, porém nenhuma foi dada, não se prolongou na explicação, só se indicou como era realizada a varação. Ele mostrava aqui a não submissão à nomeação e à interpretação de seu desenho, já que ambas iriam esvaziar toda a mágica que permeava aquela história. Caso adotássemos a interpretação como maneira de intervenção durante encontros, estaríamos repetindo a rotulação e a estigmatização vivenciadas pelos participantes em suas vidas e que bloqueava a sua possibilidade de ser e de ir ao encontro do outro e do futuro. Safra (2004) comenta:

No momento em que uma criança dirige-se a alguém, se há uma comunicação, mesmo que silenciosa, haverá uma realização, mas, por outro lado, se o Outro não é alcançado, há uma experiência de queda e solidão infinita (p. 62).

Outra intervenção adotada, além do cuidado de não interpretar os idosos, foi a postura hospitaleira frente aqueles que comunicavam sua posição de exclusão do mundo. Para o homem como ser criativo, a questão fundamental não é a morte, mas o fato de não vir a alcançar a possibilidade de ser o que é, o que só acontece pela hospitalidade ofertada pelos outros homens (Safra 2004). Na perspectiva de Safra (2004), o nascimento da criança é visto como afetado pela história dos ancestrais, pelo encontro com os contemporâneos, e impulsionada àqueles que virão. Para iniciar a constituição de si mesmo, o bebê necessita que alguém seja seu anfitrião no mundo e acolha o seu gesto que constitui o início de si (Safra, 2004). O nascimento humano e a ação criativa seriam rupturas, porém só se tornariam constitutivas quando rompem a história para fazer história, o que só é realizável quando ocorre frente à hospitalidade dos outros (Safra, 2004). O autor comenta que o existir um Outro que entenda o gesto-ruptura como comunicação de algo, e o acolha, faz com que se abra a possibilidade da pessoa acontecer frente a um Outro.

O encontro com o Outro, é um encontro com um corpo, constituído como lugar de muitos, daqueles que foram significativos em sua história, a tradição sociocultural do grupo étnico, dos ancestrais, entre outras influências (Safrá, 2004). Winnicott, citado por Safrá (2004), fala da necessidade da presença de um outro, que recepcione o bebê no mundo humano e que lhe ofereça cuidado. Essas situações seriam condições necessárias para que a experiência de ser e o estabelecimento de si entre os outros homens, em comunidade possa vir a acontecer.

A possibilidade de convivência com os outros depende da experiência de hospitalidade vivenciada com alguém (esse Outro seria um contemporâneo, mas também seria ao mesmo tempo, história encarnada, representante dos ancestrais e do anseio futuro), esse é o acesso, segundo Gilberto Safrá (2004) para a vida em comunidade, uma vez que fora dela, as pessoas se sentiriam indiferenciadas e inexistentes.

A amizade, assim como a hospitalidade, a receptividade, o cuidado e a confiança, também é um elemento constitutivo essencial ao ser humano. Durante a vida, a amizade se apresenta como fenômeno ontológico essencial para a condição humana (Safrá, 2004). Ela não é fruto de derivações psíquicas, mas é um elemento fundante, uma das facetas que possibilitam a condição humana. A amizade é vista como acolhimento do nascimento, que permite um lugar para si entre os outros homens (Sobórnost). “Na amizade compartilha-se do destino humano com aqueles que estão, com os que se foram e com os que virão. Amizade não é um sentimento, é fundamentalmente um lugar: comunidade de destino!”, Safrá (2004).

A hospitalidade, o cuidado, a amizade, o estar com o paciente, a receptividade, e o não interpretar foram intervenções importantes para esse grupo de idosos, um exemplo é descrito na vinheta a seguir.

Uma das participantes tinha muita necessidade de falar, falava compulsoriamente, não abria espaço para os outros a não ser que fosse interrompida, e quando o faziam, ela sempre tentava retomar para a atenção para si dizendo: “só para terminar o assunto”, porém o assunto nunca terminava. Ela apresentava a sua demanda a partir do desespero em comunicar anos de angústias, de carência, de momentos felizes, de locais de pertencimento passados, porém de

inadequação presente. A partir da fala sem interrupções, onde um assunto se ligava a outro, sem perspectiva de fim, sentíamos na pele a sua ânsia, seu desespero, sua aflição em utilizar todo o tempo do encontro para si mesma. Ao final de um dos encontros, um participante comentou comigo: “Ela fala bastante, né? É... Não tem jeito, é muita experiência, muita vida pra ser contada”. Benjamin (1936), citado por Safra (2005) diz:

O narrador (...) pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (p. 221).

Os próprios participantes se incomodavam com a fala verborrágica da colega, porém mostraram grandeza ao acolhê-la e sustentá-la em suas necessidades, até que um dia pudesse, espontaneamente, abrir mais espaço para que eles também participassem. E esses episódios de acolhimento ocorreram com todos os participantes em suas singularidades. Safra (2005), diz: “Um indivíduo repete indefinidamente uma determinada ação até que ela possa acontecer no mundo, ou seja, com outros humanos que possam responder, com seu ser, ao que se desenha naquele gesto, pois o self é lugar de encontros (p. 145)”. O gesto em direção aos outros, encontrou acolhida nos demais participantes e no psicólogo. Nos últimos encontros, essa participante, já podia abrir espaço para que os outros se inserissem e pudessem compartilhar suas histórias. Safra (2005) diz: “Quando lidamos com seres humanos, estamos trabalhando com seres que buscam intensamente, com os meios disponíveis, sua possibilidade de humanizar-se” (p. 152). E para que seja contemplada essa necessidade, temos que ter em mente as considerações de Safra (2004) a respeito do acompanhar uma pessoa em sua trajetória de vida:

Na clínica, ao acompanharmos um analisando estamos, ao mesmo tempo, ontologicamente, frente a uma família, a gerações, à comunidade, à humanidade! Respondemos, em nosso ofício, como ser singular, mas pertencentes a uma família, a uma comunidade, à humanidade. A fundação da situação transferencial ocorre, em registro ontológico, em comunidade de destino. (...) Às vezes somos posicionados como figura do passado, outras como representante do futuro. O

trabalho clínico demanda o reconhecimento desses diferentes níveis de experiência, pois a intervenção precisa ser realizada em diferentes momentos do processo segundo o lugar onde o analista foi colocado (p. 69).

5.9 – O começo e o fim

Ao trabalharmos com as histórias passadas, e com o movimento em direção ao futuro, se faz necessária também a explicitação do que entendemos por *Devir* (*Vir a Ser*), *Archés* (*Início*) e *Telos* (*Fim*).

Gilberto Safra (2006) comenta que o Homem é um ente aberto à compreensão do ser, e busca responder questões de sua origem e de seu fim. Ao nascer, ela inicia um percurso que já está marcado por um fim, que será alcançado ao final de sua existência (Safra, 2006). Essa situação, segundo o autor, faz com que o ser humano sempre aconteça entre dois elementos fundamentais: *Arché* e *Telos*, o primeiro se refere à origem, ao começo, ao nascimento, enquanto o segundo remete ao final, à completude, ao cumprimento do percurso, à morte.

Ao refletir a respeito do Início (*Archés*), Safra (2006) cita Arendt (1958):

É da natureza do início que se comece algo novo, algo que não pode ser previsto a partir de coisa alguma que tenha ocorrido antes. Esse cunho de surpreendente imprevisibilidade é inerente a todo início e a toda origem. Assim a origem da vida a partir da matéria inorgânica é o resultado infinitamente improvável de processos inorgânicos, como é o surgimento da Terra, do ponto de vista dos processos do universo, ou a evolução da vida humana a partir da vida animal. O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza. Assim o novo sempre surge sob o disfarce do milagre. O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente impossível. (p. 190-191)

O ser humano como evento (Safrá, 2006), que acontece entre *Arché* (originário, nascimento) e *Telos* (final, morte), mostra que toda ação humana⁸, como, por exemplo, uma conversa, uma aula, um filme, e a própria existência, é mediada por essas duas referências fundamentais. O início e o fim são inerentes a toda ação humana. Safrá (2006) faz considerações a respeito dessa condição existencial marcada por um início e por um fim, que nos condiciona à experiência de nós mesmos como seres precários existindo na fronteira do não ser. Sobre o não ser, o autor comenta: “no momento em que os leitores estão lendo este livro, há outras possibilidades de experiência como cantar, trabalhar no jardim, dançar e assim por diante, que não podem se realizar neste momento”, ou seja, para Stein (1950, citada por Safrá, 2006) a cada instante, grande parte de nós mesmos e de nossas potencialidades permanecem na sombra.

A condição do ser humano de ser um ente em *Devir* (vir a ser), lhe dá o potencial de viver em contínua metamorfose (Safrá, 2006). Para tornar mais clara essa ideia, Safrá (2006) cita Stein (1950), que postula que, em um determinado momento há experiências que *vivem*, há o experienciado no passado denominado de *vivido*, e há aquilo que ainda será vivido, que se denomina *não vivo*. Todo o vivido (história e biografia) afeta aquilo que estamos vivenciando neste momento, e ao mesmo tempo em que se vive, se tem consciência do não vivo, que se encontra em potencialidade de se concretizar, ou não.

O exposto acima nos revela a condição do homem, inserido entre *Archés* e *Telos*, sendo um ente marcado pelo potencial metamórfico de Vir a Ser (*Devir*), abarcando as situações “vivas” (vivenciando no presente), “vivas” (experienciadas no passado) e “não vivas” (potencialidade futura). Essa condição se fez presente nos encontros iniciais, onde os participantes reclamavam que o tempo dos encontros era muito curto e que eles não conseguiriam compartilhar a sua vida inteira, nesse momento. Durante o percurso foram lembrando de diversos acontecimentos da vida, e mesmo que não fosse possível contar a sua vida inteira, puderam se beneficiar dessas memórias (vivido), assim como vislumbrar o não vivo: Nas sessões que se

⁸ Movimento originário do ser humano por meio do qual ele cria uma ruptura, cria o inédito, um acontecimento ou um evento que é ao mesmo tempo existente, psíquico e político (Safrá, 2006).

seguiram, após compartilhar o desaparecimento de seu filho, a participante nos informou que sonhara com ele, e apesar de não conseguir verbalizar qual o significado daquilo para ela, se era um sinal, um aviso, apenas uma elaboração mental, dava a ela mais vontade de continuar vivendo para ver os próximos capítulos até chegar ao final.

Outro exemplo, foi quando os participantes, a partir dos encontros, revisitando o vivido e trocando experiências e impressões sobre o vivo, construíram um projeto de vida, agora vislumbrando viver com mais sentido, deixando marcas de sua passagem pelo mundo, um plano em direção a Telos.

5.10 – Devir e a coisa

É no viver cotidiano que o paciente cria seu caminho em direção ao porvir. O cotidiano abarca os outros, as coisas, o momento histórico, o surpreendente, o encontro do transcendente, e o lugar em que os acontecimentos da vida revelam a visita da eternidade (Safrá, 2004). Safrá (2004), faz considerações a respeito do posicionamento do Outro na vida do paciente, que possibilitaria o processo de vir-a-ser de acontecer dentro do encontro e fora dele. O cotidiano é um grande evento no qual se encena a busca do paciente por seu devir. No caso deste trabalho, a busca por um futuro, se dava, porém com repetidos encontros não satisfatórios, os idosos iam se vendo sozinhos, apesar de se constituírem como seres banhados pelo passado, o cotidiano permeado pela dinâmica da velocidade e da tecnologia não contemplava essa dimensão, levando a um mal estar, sentimento de solidão e de inutilidade.

As pessoas possuem papel fundamental na caminhada do ser humano em direção ao futuro, mas vale chamar a atenção para o valor curativo dos objetos que nos acompanham e que nos enraízam, pois eles portam memórias, sentidos e significados que são importantíssimos na composição de nossa história. Safrá (2004), em seu livro: *A Po-Ética na clínica contemporânea*, faz considerações a respeito do movimento artístico de 1980, mais especificamente sobre os arquivos

líricos, onde se tentava revelar a importância e o significado de objetos do cotidiano, que, pelo fato de terem sido utilizados por alguém, traziam uma história emocional. Os objetos, independentemente de seu valor econômico, aparência externa e interna, possuem um valor pessoal derivado da experiência e significado dado às coisas, ou seja, carregam o potencial de trazer à tona sentimentos e fazer emergir pensamentos, que dão sentido ao homem. Esse movimento tentava restaurar o status ontológico esgarçado pelas pressões tecnológicas e ideológicas do século 20, que transformaram os objetos em bens a serem consumidos, desvitalizados, sem articulação de história e tradição. Um olhar atento que descubra esses objetos, procura restabelecer a realidade da “coisa”, não mais objeto de consumo, sem valor, mas como pouso e passagem da vida humana. Essa perspectiva que tenta resgatar o lugar humano em um mundo fragmentado pela tecnologia e pelo consumismo, apresenta grande valor terapêutico atualmente, uma vez que as coisas carregadas de história da passagem das pessoas pelo mundo, permitiriam o pouso e a passagem da vida humana, carregando o potencial de auxiliar na recuperação de aspectos do Homem.

Em nossa cultura é raro olhar para as coisas e captar que elas são encontros de relações entre vários homens, muitas vezes até de seres que viveram em épocas diferentes, as coisas transpiram cultura através de suas tradições, perspectivas e sabedoria de vida (Safra, 2004). O estilo de ser no mundo é fruto do encontro da constituição de uma pessoa com sua história e a história de seu meio ambiente (Safra, 2005). Quando as coisas preservam seu registro ontológico, não só dão durabilidade ao mundo humano, mas também permitem que o meio ambiente humano possa ressoar em significações (Safra, 2004). O cotidiano se povoaria por meio dessas coisas, com a presença de muitos, com a presença do Outro. Safra (2004) comenta: “O mundo constituído por coisas que são memórias presentificadas e abertura para o ethos, permite que o ser humano se reencontre em cada uma delas por meio do tocar, do olhar e de seu convívio com elas”. As coisas preservadas em sua ontologia curam o homem e tem importância em si mesmas, elas abrem diferentes possibilidades de se estar no mundo e de se conceber a vida, pois se relacionam com os fundamentos do humano (Safra, 2004).

No último encontro, fiz uma compilação das narrativas de cada pessoa durante todo o processo, que contou com a infância, adolescência, vida adulta, e o projeto de futuro. Além das histórias, e do projeto de vida que cada um delineou para si, cada participante também escreveu mensagens a cada um dos colegas.

Era um livro que continha a sua própria autobiografia, os planos futuros e as mensagens dos colegas. Foi produzido individualmente, ou seja, cada um recebeu o seu próprio livro de histórias de vida. Todos os participantes se mostraram emocionados ao receber o livro, que deixou de ser um objeto, que possuía um valor custo, feito de determinado material, para ganhar status de coisa, que havia sido preparado artesanalmente, a partir dos compartilhamentos, foi pensado em cada um, carregava as lembranças dos encontros, a sua própria história, os votos de carinho e coisas boas, os planos futuros, e as marcas e os registros deixados em todos que conviveram durante esse tempo com eles. Os participantes ficaram satisfeitos ao receber o livro, e disseram que ele ficaria a amostra, na mesa da sala das casas, para que as visitas o lessem, disseram também, que iriam mostrar aos filhos e netos a história deles, e que agora eles teriam que ler! Sua posição já não mais refletia os idosos do primeiro encontro, de simples observadores do mundo, desprovidos de poder, solitários, agora mostravam, seu novo status, de querer se colocar em direção ao futuro, deixando marcas no mundo, contribuindo com ele. Expuseram que o livro ganhou importância maior para eles, pois não só continha as suas experiências, e muitos pensavam em escrever suas histórias, mas também se tratava de algo duradouro, que não iria se perder no tempo e na memória como a fala, era um registro materializado, que poderia ficar para as gerações posteriores, que nem teriam contato físico com eles, mas que poderiam saber de sua história, de quem foram.

5.11 – A cura

(...) os miseráveis sem mundo de nossa época se equilibram um tanto e podem mesmo sobreviver, quando reconhecem a própria natureza desumanizadora do tempo, e como ela funciona. Nessa razão negativa,

dolorosa, eles já se encontram em outro lugar, em busca de nossa possível sustentação para o ethos humano, de nossa Sobórnost. (Ab'saber, 2004)

Safra (2004), comenta que vivemos em uma época na qual a memória é frequentemente perdida das mais diferentes maneiras, especialmente a memória como registro da historicidade constitutiva do ser humano. O autor valoriza a dimensão histórica, pois ela é necessária para o acontecer humano, não sendo possível abordar a condição humana eximindo-se de pensar o homem em sua historicidade. A memória deveria se fazer presente nos discursos familiares, nos espaços públicos e nas obras culturais (Safra, 2004). Safra (2004) faz considerações de nosso tempo chamado de pós-moderno, ou de modernidade tardia, dizendo que a memória constitutiva fragmenta-se deixando consequências funestas na maneira como o ser humano acontece no mundo. Na atualidade a reinserção da memória é a cura em diversas situações de sofrimento humano (Safra, 2004). A memória é com frequência o elemento que possibilita a cura (safra, 2004).

Os participantes do grupo ansiavam pelo resgate e compartilhamento de suas memórias, era um elemento que não se dava em nenhum espaço por onde frequentavam. O compartilhar com todos do grupo, da maneira como seus avós e pais o faziam, encontrar na narrativa uma forma de resgate, de valorização, aceitação, de visibilidade, de enraizamento, entre outras facetas não verbalizadas, permitiu que a cura acontecesse, e que eles retomassem o devir, a abertura ao futuro.

O livro, que ganhou status de coisa também teve papel importante na curar dos idosos em seu ethos, e se mostrou importante, pois era o marco de sua inserção no mundo, de sua vontade de contribuir com o mundo, deixar marcas nele, mostrando a superação de seu adoecimento. Abriu-se durante o trabalho, a possibilidade de se resgatar e se reencontrar com as dimensões mais fundamentais que necessitavam para se colocarem em devir novamente. Márcia comenta que os encontros são bons para poder parar para refletir, Sonia complementa dizendo que é bom para enxergar as coisas, ver melhor, o sr. Xavier diz que é bom saber que tem capacidade para realizar as coisas, e Fernanda diz que é bom para que eles não desistam nunca. Ela diz que pensava pertencer a um museu, que não tinha

capacidade, que não prestava pra nada, pois não tinha se preparado para aposentadoria, ficou deprimida, mas os encontros devolveram a confiança que ela havia perdido nela mesma. Xavier diz: “Eu recebi muita coisa na vida, gostaria de retribuir”.

O livro com a autobiografia, foi personalizado para cada pessoa com as histórias contadas durante os encontros, o projeto de vida, e as mensagens dos colegas. É importante salientar que a história localizada na memória é uma entidade viva, que sofre mudanças a cada vez que é lembrada e contada, sendo influenciada por cada interlocutor, pela inspiração do dia, da própria disposição e vitalidade do corpo, dos acontecimentos passados, presentes e futuros, entre outras influências. Gostaria de chamar a atenção para alguns registros, comentados por Safra (2004), que encontramos durante a nossa jornada na companhia uns dos outros: o registro étnico, se deu a partir dos cheiros, do gosto, da cor e do ritmo, características sensoriais e culturais de um determinado povo, e de uma determinada sociedade, pudemos entrar em contato com essas atmosferas, a medida que cada um ia contando a sua história. Os participantes comentaram a respeito de como a finitude da vida, antigamente, era encarada de maneira diferenciada, pois naquela época, o corpo do defunto era velado na própria casa, e todos os vizinhos e as crianças presenciavam e compartilhavam a tristeza da perda de um companheiro. Desde cedo se entrava em contato com a morte. Falavam com um tom de crítica de que hoje ninguém é velado em casa, mas no crematório, ou cemitério, e ninguém mais leva as crianças a esses locais, pois elas ficariam assustadas. Eles se incomodam dos mais novos não poderem entrar em contato com uma dimensão natural da vida, e relatam que na época deles era uma coisa considerada natural. Compartilharam que era comum ver uma pessoa nascer e morrer, e contaram quantas vezes eles não tinham presenciado seus irmãos morrerem nos braços de suas mães. Esta é uma das razões da demorava para registrar as crianças, esperavam até que elas vingassem, ou não. Compartilham que é uma pena as crianças não terem mais acesso a essa vivência, hoje elas seriam tratadas como “seres muito frágeis, onde não pode isso, nem aquilo”.

Ao falar no sobre a saúde, os idosos diziam que não havia tantos médicos como hoje, e que todos iam ao farmacêutico, que era a pessoa mais inteligente, e

estudada da cidade, conta rindo que o farmacêutico os examinava com o estetoscópio, apesar de não saber usá-lo. Relataram que era uma prática comum ir às benzedadeiras quando ficavam doentes. Adicionaram que as benzedadeiras além de cuidar da saúde, também cuidavam do “outro lado”. Deles falaram também que antigamente não havia tantos remédios, e quando alguém ficava doente, os evangélicos iam à igreja, onde a cura se dava base da oração. Era uma delícia ouvir essas histórias, onde a sabedoria popular e o mistério estavam mais presentes na vida das pessoas.

Os registros ontológico e teleológico, com as concepções de origem e do devir também estavam contidas nas autobiografias, em seus enraizamentos, no que era importante para eles se constituírem, na sabedoria que eles traziam consigo e nos projetos de futuro. Estes últimos foram interessantíssimos, pois continham nós que não foram desfeitos nos encontros, mas que ganhavam possibilidade de serem desatados na caminhada em direção ao futuro, como, por exemplo, retomar o plano de tirar habilitação, para dirigir seu “pois é” (automóvel de baixo valor comercial, porém de grande valor). A idosa conta que quando o marido era vivo, ele não permitia, que ela dirigisse, mesmo tendo carta de habilitação. Ele a criticava, a recriminava, e detestava que ela conduzisse o automóvel. Ela diz que agora que ele morreu, está na hora dela superar essa situação, se valorizando, e sabendo que ela tem capacidade para tal. Ela também frequentava a igreja, mas agora as ações sociais pareciam que tinham ganhado nova posição, ela explicitou a vontade de ir ao norte do país ajudar as pessoas que possuem menos condições, deixando a sua contribuição ao mundo, fazendo bem às pessoas.

O registro social apareceu nas histórias contadas, por meio de lembranças na roça, ou na cidade, onde se começava a trabalhar cedo para ajudar os pais, lembraram-se também das pracinhas onde acontecia a paquera, e que naquele tempo devia se casar virgem, pois mulheres não virgens eram proibidas de ficar na companhia das outras, por serem uma má influência, e se o ato sexual ocorresse, deveria se casar imediatamente, ou poderia até virar caso de polícia ou de morte. Falaram como os transportes haviam mudado com o passar do tempo, que antigamente não havia metrô, apenas ônibus, e que todos sofriam, pois os ônibus seguiam lotados, com as portas abertas e as pessoas penduradas para fora deles,

comentam que hoje não existe mais isso, pois os ônibus só dão prosseguimento ao trajeto com a porta fechada. Contaram também que naquela época, havia “trombadinhas”, e que hoje eles não existem mais. Lembraram que eles tinham a “mão leve”, e que quando você menos esperava, “o safado já tinha cortado a sua bolsa inteira”, ou “enfiado a mão no seu bolso”, e você já não tinha mais dinheiro. Falam que eles eram “caras de pau”, pois quando alguém percebia que algo estava acontecendo, o “trombadinha” que estava cortando a bolsa avisava a pessoa que a bolsa dela estava aberta, comunicam a raiva sentida quando eram roubados sem perceber. Comentam que eles usavam a faca apenas para cortar a bolsa e roubar o dinheiro, e que hoje a situação é diferente, pois os ladrões utilizam armas de fogo e há muitas mortes.

O registro lírico se deu em diversas dimensões, o diário reflexivo como o brasão da USP, possuía um valor acadêmico, pois muitos idosos não tiveram a chance de fazer um curso superior, e estavam na USP, frequentando as aulas como alunos. Alguns idosos comentavam que cursaram o MOBIL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), e tinham medo de serem excluídos do trabalho, já que os critérios para participar do grupo eram o de conseguir ler e escrever. Muitas vezes ficavam envergonhados e paravam de comentar ao perceberem que eu estava por perto. Com o passar do tempo, e a partir do manejo e das intervenções realizadas, eles puderam encarar a barreira da escrita e da leitura, onde tinham muita dificuldade. Havia comentários de que escrever causava até dor de cabeça. A serenidade, o escrever sem pressa, sem cobranças, e especialmente sem correções da minha parte (eles sempre se desculpavam por escrever mal ou erroneamente, e eu os tranquilizava, que este não era o propósito do trabalho), os levou à superação dessa dimensão e puderam voltar a ter confiança em si mesmos. O medo e a vergonha de escrever e ler, foram verbalizados apenas nas últimas etapas do processo. Os idosos comentavam ao final de um dos encontros: “Escrever está sendo um desafio muito grande. Ainda mais a respeito do que eu sinto. Porém está sendo muito gratificante também. Apesar da dificuldade, estou conseguindo fazer, e isso está fazendo muito bem pra mim, estou fazendo coisas que nem eu pensava conseguir”.

O livro contendo a autobiografia também carregava o registro lírico ao portar uma história singular, a qual ninguém se interessava, mas poderiam se interessar

em algum momento, inclusive poderia ser passado para as gerações posteriores, era a história contada e registrada concretamente durante uma fase de sua vida, não tinha caráter tão volátil como as palavras. Ganhou status de coisa, era uma de suas marcas no mundo.

A paquera naquele tempo também era diferente, se dava nas pracinhas da cidade, onde os meninos andavam em um sentido e as meninas em sentido contrário, assim todos podiam se ver. Os idosos lembram que usavam calça “Rancheira”, e calça “U.S.TOP” (que hoje é chamada de jeans), e falam com nostalgia da calça “Boca de Sino”. A calça “ficava batendo pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, e os nossos corações batiam forte a cada badalo”, as bocas de sino das calças ganhavam status lírico na memória dos idosos.

No último encontro, recebi uma caneta com meu nome inscrito nela e um cartão que dizia: “Ao mestre com carinho”. Mais tarde, soube do significado daquela mensagem, que remetia a um filme, onde os alunos deram muito “trabalho” ao professor, que não se amedrontou e enfrentou o desafio de ensiná-los, e pouco a pouco, houve uma transformação tanto nos alunos quanto no professor. A caneta ganhava status lírico, não se tratava apenas de um objeto com valor material, feito de metal, e que servia para escrever, mas de uma coisa, carregada de significações, de sentimentos, de memória, de investimentos. O cartão também continha uma mensagem muito bonita, pois portava uma mensagem de como a partir dos encontros, nós pudemos nos modificar, e sair transformados.

É muito interessante perceber como as coisas ganham um sentido diferente, elas transcendem o material, se tornam mensageiras, ganham importância, valor ontológico, se transformam em poesia.

5.12 – O Viver

As vivências e o caminho percorrido durante os encontros, levou os participantes querer contribuir com o mundo, uma vontade de deixar marcas, de se

apresentar no campo social, não mais como cenário (máscara), mas como personagem principal da própria vida. Safra (2005) comenta que:

De posse de seu sentido de ser, o homem caminha em direção à realização de uma obra, de um objeto no mundo compartilhado, que insira seu estilo e sua história em níveis perenes e eternos. Trata-se de um movimento em que a pessoa cria um objeto que tem um valor sagrado. É sua participação não só na história de uma comunidade sociocultural, mas na história do Homem.

À medida que a pessoa caminha rumo ao campo social, para compartilhar da história, há a necessidade de que o indivíduo possa articular, ao mesmo tempo, a vida privada e a vida social, para encontrar, no campo social, inserções que preservem seu estilo de ser e sua história. É o momento da participação na sociedade por meio do trabalho, do discurso, da obra, da ação política, ou seja, da capacidade criativa acontecendo no mundo com os outros. Pela ação criativa no mundo, o homem colabora com a durabilidade do mundo e com o processo histórico da sociedade. Este é um fenômeno que precisa acontecer de maneira que o indivíduo realmente apresente a si mesmo nas ações no campo social.

Após terem vivenciado todo o processo, de posse de seus projetos de futuro, os participantes agora chegavam a um novo estágio de suas vidas. Seus discursos não eram carregados de um discurso de vítima, nem de queixas, nem de angústias, essas facetas sofreram uma metamorfose e deram origem à esperança e à possibilidade de inserção no mundo. Não que as angústias, e os problemas tenham desaparecido, mas a presença e o desejo de caminhar em direção ao futuro, de realizar algo para e no mundo, deixar a sua marca no mundo e ir ao encontro do campo social havia ganho novo status.

“Viver é caminhar para o mais além, em que cada passo é uma ação que dá ou não autenticidade ao percurso pela vida, em função do que se é, e cada pessoa constrói seu próprio percurso”. (Safra, 2004)

6 – Considerações Finais

Safra (2004) faz considerações a respeito da cultura na atualidade, que manifesta-se de uma maneira que não mais reflete a medida humana. Recriar o mundo e o campo social torna-se mais complicado, pois, pela invasão da técnica como fator hegemônico da organização social, o ser humano só mais raramente encontra a medida de seu ser para a constituição e o dever de seu self. O autor comenta que, em nosso tempo, as variantes do desenraizamento multiplicam-se em diversas direções, pela qualidade do trabalho realizado pelo indivíduo, pelas características do campo social, pelo tipo de organização do espaço urbano e rural, pela aceleração do tempo apresentado pelos meios de comunicação, e pela mundialização das formas de vida. Os homens vivem cada vez mais amontoados em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros, e tendo clareza de que o self acontece em um meio ambiente, é evidente que as fragmentações culturais favorecem o aparecimento de fendas na constituição do si mesmo. O desenraizamento promove o aparecimento de intensas angústias, e o olhar do analista pode, facilitar que o analisando reconheça, em seu sofrimento, em seu anseio de encontrar sua inserção, de maneira digna, no mundo dos homens (Safra, 2005).

No presente trabalho, pudemos entrar em contato com diversas facetas da experiência do envelhecer que vão de encontro com o exposto por Safra (2004), a partir de sua experiência clínica. O mundo e o tempo atual desenraizam as pessoas e as coisifica, a clínica hoje deve ser local para o emergir do sentido humano (Safra, 2004). Durante os compartilhamentos, diversos movimentos se deram, como o surgimento e comunicação das angústias, dos dilemas, do passado, do presente, do futuro, momentos felizes e de nostalgia fizeram-se presentes e foram acolhidos hospitaleiramente. Os encontros foram lugares privilegiados, onde os participantes puderam reencontrar facetas que não são muito comuns atualmente. No início dos encontros, ainda influenciados pelos rótulos de chatos e inconvenientes, os participantes ficavam acanhados em iniciar um assunto, mas a partir do manejo podiam desfrutar do espaço constituído para eles. Uma das participantes, por

exemplo disse: “A gente acha que não vai ter nada para contar, mas na hora vai”. Outra disse que parecia que as coisas explodiam, e ao final de um dos encontros verbalizou que eles se sentiam enriquecidos ao saírem de cada encontro, saíam com uma sensação de bem estar.

Safra (2004) comenta que ao iniciarmos o encontro, ele carrega a questão do nascer, e o seu término porta a questão do morrer. O autor diz que é necessário que a situação clínica possa disponibilizar ao paciente a possibilidade de, por meio de seu gesto, iniciar o fluir da sessão e também sua finalização, e que isso não ocorre de maneira voluntária, mas uma vez recebido em comunidade de destino, esboçará tanto o gesto que lhe possibilitará existir frente ao Outro, quanto o gesto da despedida. Algumas vezes a angústia intensa pode impedir que o paciente esteja pronto para o final da sessão, como aconteceu diversas vezes, e era sinalizada pelo falar incessante, ou pela reclamação de que o tempo era muito “curto”. No decorrer do processo também houve a possibilidade de dar o seu ritmo, e o seu fechamento. Nos trios, ao trocar os papéis, enquanto Sonia narrava a sua história, o moderador Xavier pontuou: “Olha o tempo!”, e passados alguns minutos, a escriba Natalia, em forma de pergunta diz: “Fim?”, a narradora retruca: “Fim não!”, o Sr. Xavier então solicita que ela passe para o eixo escolar, e a narradora continua compartilhando a sua história seguindo o ritmo de escrita do escriba. O moderador pontua que ela deve contar apenas o essencial, a narradora acata a sugestão e passam para o eixo social, e após discorrer mais um pouco, Sonia se apressa para ela mesma finalizar a rodada dizendo: “agora acabou!”. Natalia após terminar de escrever, pergunta se o tempo já acabou, e Xavier diz que não. Sonia aproveitou para completar a sua narrativa dizendo “faltou escrever o *muito feliz* no final” e assim que a escriba registra as palavras, a narradora sinaliza o encerramento, dizendo: “Fim”.

O trabalho realizado durante cada encontro, a partir da perspectiva de Safra (2004, 2005, 2006), mostrava como os participantes estavam engajados no processo, mostrando o desejo de manter a progressão de seu percurso, ao comprometimento e ao anseio pelo próximo encontro. O comprometimento dos participantes com o processo terapêutico era notável, comprovado pelas faltas que foram reduzidas, e participantes que não faltaram nenhuma vez. Uma das participantes ilustra o seu comprometimento como o processo: “O professor Fábio já

tinha começado a aula quando começamos a falar sobre as dificuldades que tínhamos para trabalhar em nossa idade. O Fábio se interessou, sentou-se ao nosso lado e conversamos bastante cada uma contando parte de sua vida. Foi uma aula tão gostosa, nem sentimos a hora passar. O professor sugeriu que escrevêssemos sobre o assunto. Vou tentar fazê-lo na autobiografia.”

Houve uma alteração realizada no modelo de ateliês biográficos de projeto (Momberger, 2006) a pedido dos idosos, o ambiente proporcionou a abertura para o surgimento da ação de alterar o sistema. Solicitaram que não desejavam mais se reunir em trios, preferiam se dispor em roda e compartilhar suas histórias e discutir com todos os participantes sentado de maneira circular. O pedido aconteceu no oitavo encontro, e os idosos solicitaram para compartilhar percepções sobre a vida passada e a atual. Esse pedido de transformação dos ateliês mostrava a diferente posição que os idosos agora ocupavam, no início vinham aos encontros sempre reclamando de serem rotulados de chatos, de serem impotentes frente a realidade, e de não ter tantas expectativas em relação ao futuro, faltava sentido nas atividades rotineiras. Neste ponto do trabalho, a demonstração de confiança em si e no outro, ao dar uma sugestão, e o poder para mudar a técnica pré-existente, evidencia a evolução desses cidadãos desde o início até este ponto. Safra (2004) fala que os pacientes que nos procuram na atualidade apresentam um tipo de sofrimento, que demanda uma modificação significativa na maneira como conduzimos o processo terapêutico. O autor relata que cada vez mais se depara com um tipo de problemática humana que nos coloca, como foco e urgência, o restabelecimento do ethos. Deve se configurar uma situação que possibilite o acontecer da condição humana, a partir da compreensão daquilo que é ontológico no ser humano. É uma perspectiva que exige que o profissional possa estar situado no registro ético-ontológico, a fim de que possa ouvir a dor de seu paciente no registro de seu aparecimento. Esse lugar é necessário para que o terapeuta possa situar-se frente às queixas de seus pacientes, sem deturpá-las ou reduzi-las ao já conhecido. Na atualidade, em decorrência da intensa fragmentação do ethos promovida pelo processo de globalização e hegemonia técnica, o tipo de sofrimento que encontramos na clínica não é só uma perturbação decorrente de uma dinâmica psíquica, mas são situações que reclamam a necessidade da constituição do si mesmo e da constituição do psíquico e o reestabelecimento da ética na situação

analítica (Safra, 2004). A presença de pessoas que os recebesse com hospitalidade, amizade, acolhessem o seu gesto, estivessem de maneira realmente presente, possibilitou o estabelecimento de uma situação ética, a fim de resgatar o movimento que havia sido interrompido por características do mundo atual.

Outro aspecto importante é que ao final do processo, além da ação em direção ao outro (no pedido de alteração do método, ou no compartilhamento de histórias), os participantes expunham a vontade de deixar marcas no mundo, e nas outras pessoas como registros de que eles existiram. Eles desejavam o futuro e adquiriram confiança no caminhar em direção ao devir. Os participantes ilustram esses anseios, através dos comentários presentes em seus diários reflexivos:

“O bom disso tudo é de poder passar a sua história para alguém, se não, não adianta de nada, é como se você não tivesse existido”.

“Não adianta nada guardar a história no fundo do baú”.

“A importância dos encontros está no fato de compartilhar as histórias nos trios e depois passar aos filhos, netos, etc.” (em encontros posteriores, alguns participantes revelaram que os ateliês trouxeram a inspiração e a vontade de escrever um livro de memórias sobre a própria vida).

Os participantes sempre frisavam a importância do contar a sua história, do narrar, da transmissão oral de sua trajetória, como uma espécie de enraizamento, de pertencimento, de existência, a partir do qual caminhavam, mas que os tempos atuais não permitiam mais essa existência. Relatavam com frequência a grande diferença entre a geração dos netos, filhos e bisnetos, quando comparada à deles, uma vez que seus avós costumavam contar histórias de vida e causos nas reuniões familiares. Ouvia-se a mesma história uma, duas, três, repetidas vezes, porém cada vez que o narrador a contava ela tomava contornos, cores, sons e aromas diferentes, novos, surpreendentes, e eles não se cansavam de ouvir as histórias dos avós. Tratava-se de uma postura receptiva, acolhedora, um ouvir com qualidade, que os fazia percorrer em companhia do contador as diversas nuances, paisagens e situações. Era uma perspectiva que se assemelhava ao fazer artesanal, era história viva, que se aproximava ao ritmo natural, não passível de aceleração, era, por

exemplo a ação de plantar uma árvore, onde se deve semear, irrigar, esperar o germinar, o crescer, o florescer, dar frutos para depois saboreá-los. Os participantes falam com saudades desse tempo, ao compará-lo com a modernidade, onde ninguém se dispõe a ouvi-los, nem os filhos, nem os netos, ninguém tem tempo, não há grandes reuniões familiares como antigamente. Dizem ainda que quando encontram alguma oportunidade de compartilhar algum episódio de suas vidas, são tachados de chatos, pois estão contando coisas maçantes, de um tempo passado e obsoleto. Ao contar uma história repetida, são rotulados de inconvenientes, pois o que se quer compartilhar já havia sido contado anteriormente, dizem que é tedioso ouvi-los. Aqui diferentemente da postura adotada por essas pessoas quando eram crianças, verificamos um posicionamento tecnológico, onde o passado é desvalorizado, onde não há paciência, nem interesse, muito menos curiosidade em direção ao Outro, as nuances são ignoradas, trata-se de uma história desprovida da vitalidade, onde o outro não é encarnação do Outro, mas apenas de um corpo biológico e delineado socialmente. A pessoa que ouviu essa história a vê como um objeto que pode ser replicado, medido e explicado. Em seus diários reflexivos, os idosos refletiram sobre o assunto:

“Sempre achei e acho que viver muito, ter uma longa história de vida e essa história não ser passada pra ninguém é como se o indivíduo não tivesse vivido, motivo pelo qual procuro fazer parte desses encontros. Nesses encontros poder dividir parte do que sabemos, do que vivemos, do que presenciamos no decorrer do tempo me faz feliz. Saber que parte da nossa história estará escrita em algum lugar e não morrer como anônimo. Ao contar parte da minha infância aos colegas, percebi que tenho, apesar de sermos de lugares diferentes, histórias que se aproximam das histórias dos colegas. Vejo que costumes e tradições às vezes se entrelaçam.”

“Devo dizer que, como sempre me senti muito bem, penso que minha cabeça está cada dia melhor, acho essas aulas muito saudáveis, pois nos dá a oportunidade de lembrar coisas que estavam esquecidas lá no fundo do baú e falar disso tem me feito muito bem.”

Ao discorrer a respeito de comunidade de destino, Safra (2004) comenta que, ao acompanharmos alguém com sua história singular e ao vislumbrarmos uma questão que atravessa gerações na família dessa pessoa, testemunhamos o

reposicionamento de uma questão que é universal, pertencente a todo ser humano. Assim sendo, ao mesmo tempo em que o analista experimenta a alteridade na presença de seu analisando, vive com ele uma comunidade de destino, pois compartilha com ele as grandes questões do destino humano. O lugar do analista demanda alteridade e comunidade, essa é a ética analítica em Sobórnost. Um gesto que se inscreve em comunidade de destino, experiência de Sobórnost, permite que a pessoa possa colocar a questão que o habita em gesto, podendo assim dar a ela um destino. Uma tarefa importante na clínica é reconhecer o gesto que parte da questão originária, para auxiliar o paciente a portar o que o singulariza. Destinar é sonhar com a possibilidade de responder a essa questão. Esse é o sonho utópico, sonho do fim da história, existente no coração de cada ser humano. Safra (2004) faz considerações a respeito da utopia, que é necessária e corresponde à possibilidade de o ser humano habitar no tempo, aberto para a esperança pelo futuro.

Os idosos ao final dos encontros falavam que não acreditavam que conseguiriam falar de determinados assuntos, mas que a nossa relação e o ambiente haviam proporcionado aquele momento extremamente significativo. A hospitalidade e o contato com o Outro, funcionaram como promotores de sentidos existenciais, os participantes puderam experimentar, uma espécie de onipotência para criar o mundo e o próprio destino, isso fez com que pudessem se inserir no mundo, no tempo e no espaço, com esperança e anseio pelo futuro, desejo de contribuir com o mundo. Iniciaram também um caminhar vislumbrando cor e sentido em suas atividades, e seguiam em direção ao futuro, em direção a Telos.

O prosseguimento de pesquisas a partir da perspectiva apresentada por Safra (2004, 2005, 2006) reflete necessidades essenciais ao constituir humano no tempo, no espaço, no diálogo com o ancestral, com o contemporâneo, com o futuro, a hospitalidade, a amizade, o cuidado, entre outras características, a fim de que o homem habite o mundo a partir de seu rosto, sem portar uma máscara. Essas qualidades divergem do ritmo, do local, da durabilidade, e da hegemonia tecnológica que presenciamos atualmente. O ser humano vive bombardeado de propagandas de produtos que prometem felicidade, amor, beleza, status, e o ritmo de lançamento desses objetos é muito rápido. Além disso as dimensões humanas não se fazem mais presentes, nosso espaço não reflete mais as medidas humanas, exemplos

disso são os edifícios enormes, as cidades, que viraram selvas de pedra, se distanciando da natureza, tudo isso contribuindo para o desalojamento do ser humano e para que ocorram fraturas éticas, já que o contato com o Outro, com a hospitalidade, com a amizade, com a estética, com a ética, com o ritmo natural, com as dimensões humanas não são qualidades que se encontra com frequência atualmente.

Apesar das fraturas éticas, e das situações de impasse, que interrompem o caminhar ao devir, concluímos que a amizade, a hospitalidade, o ouvir interessado, a confiança, o acolhimento das singularidades, a presença verdadeira, funcionaram como intervenções de alto potencial terapêutico para esse grupo de idosos. A teoria de Safra (1999, 2004, 2006) baseada na clínica, apresenta um modelo de atendimento que tenta contemplar esses aspectos essenciais para a constituição do humano, e o nosso trabalho pôde se beneficiar dessas contribuições e obter resultados gratificantes, a partir dos comentários dos participantes em seus diários reflexivos.

É importante salientar que cada idoso e cada grupo de idosos é único, e trarão demandas singulares, o que necessitará de manejos singulares. Cada terapeuta também é único, com suas necessidades, modo de ser, fazer, e experiências anteriores que o constituíram. Por isso não existe uma técnica que dê conta de tudo, não há apenas um modo de se intervir, de se abordar as necessidades do grupo e o fenômeno humano. As contribuições de Gilberto Safra apontam dimensões éticas, estéticas e hermenêuticas importantes, fruto de anos de experiência clínica, no encontro com o outro, e por isso optamos por adotá-la, e em nosso caso, gerou resultados surpreendentes.

O presente estudo, em nível local, se aproximou da vivência do ser idoso atualmente, e refletiu sobre a experiência de atendimento a idosos dentro de uma instituição, a partir da perspectiva de Gilberto Safra (1999, 2004, 2006), e dos Ateliês biográficos de projeto de Momberger (2006). Outro ponto digno de registro, que chamou nossa atenção e nos deixou preocupados, foi o retrato do arranjo mundial atual, e o modo como a sua dinâmica causa danos à constituição e ao caminhar do ser humano em direção ao devir. Elementos constitutivos do humano, como a hospitalidade, a amizade, a presença do Outro, de Sobórnost, da acolhida do gesto

em direção ao outro, o mistério, a natureza, não se encontram mais presentes no dia-a-dia das pessoas. Esse trabalho também pôde identificar esse sistema de desumanização, que possui graves consequências como o sofrimento, o desalojamento humano, e as fraturas éticas. Assunto esse que demanda mais pesquisas e deve ser tratado de maneira multidisciplinar.

Referências

Ab'saber, T. A. M. (2004). Gilberto Safra: rumo à comunidade humana. In G. Safra (2004), G. Safra, *A Po-Ética na Clínica Contemporânea* (pp. 11-20). São Paulo: Idéias e Letras.

Alves, R. (2008). *As melhores crônicas de Rubem Alves*. Campinas: Papirus.

American Psychological Association. (2001a). *Manual de publicação da American Psychological Association* (4a ed., D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Alves, L. C., Rodrigues, R. N. (2005). *Determinantes da autopercepção de saúde entre idosos do Município de São Paulo, Brasil*. Rev Panam Salud Publica 17(5-6): 333-341.

Assis, M., Hartz, Z. M.A., Pacheco, L. C., Valla, V. V. (2009). Avaliação do projeto de promoção da saúde do Núcleo de Atenção ao Idoso: um estudo exploratório. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação* 13(29): 367-386.

Bohoslavsky, R. (2007). *Orientação Vocacional A Estratégia Clínica* (12a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Benjamin, W. (1936). O narrador: *considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In G. Safra (2005), G. Safra, *A face estética do self* (p. 132). São Paulo: Idéias e Letras.

Bueno, Bandeira, V. A. C., Oliveira, K. R., Colet, C. F. (2012). Perfil de uso de medicamentos por idosos assistidos pelo Programa de Atenção ao Idoso (P.A.I.) da UNIJUÍ. *Rev. bras. geriatr. Gerontol.* 15(1): 51-61.

Bueno, C. S., Salin, M. S.; Mazo, G. Z., Cardoso, A. S., Garcia, G. S. (2011). Atividade física para idosos: diretrizes para implantação de programas e ações. *Rev. bras. geriatr. Gerontol.* 14(2): 197-208.

Cachioni, M., Ordonez, T. N. (2011). Universidade da Terceira Idade. In: E. V. Freitas, L. Py (Org.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (vol. 1, pp. 1654-1663). 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Chamlan, H. C. Pesquisa (auto)biográfica na formação de professores para o ensino superior. In: Barbosa, R. L. L. & Pinazza, M. A. (Org.), *Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação* (PP. 141-160). São Paulo: Cultura Acadêmica.

Darder, J. J. T., Carvalho, Z. M. F. (2012). La interface del cuidado de enfermería con las políticas de atención al anciano. *Rev. bras. enferm.* 65(5): 721-729.

Dezin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2006) O planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens. Porto Alegre: ARTMED.

Drumond Júnior, M. (1999). Homicídios e desigualdades sociais na cidade de São Paulo: uma visão epidemiológica. *Revista Saúde e Sociedade*, 8(1), 63-81.

Felix, J. S., (2007) O planeta dos idosos, entrevista de Alexandre Kalache, coordenador do programa de envelhecimento e longevidade da OMS, São Paulo, Revista Fator, edição do Banco Fator.

Fertrin, R. B., Velho, L. M. L. S. (2010) Mulheres em construção: o papel das mulheres mutirantes na construção de casas populares. *Rev. Estud. Fem.* 18(2): 585-606.

Firmo, J. O. A., Uchôa, E., Lima-Costa, M. F. (2004). Projeto Bambuí: fatores associados ao conhecimento da condição de hipertensão entre idosos . *Cad. Saúde Pública* 20(2): 512-521.

Fleck, M. P. A., Chachamovich E. & Trentini, C. M. (2003). Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. *Revista Saúde Pública*, 37(6), 793-799.

Freitas, C. A. S. L. & Teófilo, T. J. S. (2010). Avaliação construtivista, sob uma abordagem integradora e intersetorial, das ações do Projeto Disque Idoso em Sobral (CE, Brasil). *Ciênc. saúde coletiva*, 15(6): 2825-2833.

Freitas, E. V. & Py, L. (2011) *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (3a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Gasparotto, L. P. R., Reis, C. C. I. Ramos, L. R., Santos, J. F. Q. (2012). Validade do diabetes auto-referido e seus determinantes: evidências do projeto Bambuí . *Ciênc. saúde coletiva* 17(3): 717-722.

Genaro Junior, F. (2013). *Clínica do envelhecimento: o processo de implantação de um serviço de psicologia clínica no SUS*. Dissertação de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Gil, A. C. (2010). Como elaborar projetos de pesquisa (5a Ed.). São Paulo: Atlas

Goldfarb, D. C. (2009) Psicanálise e Envelhecimento. In: CÔRTE, B., GOLDFARB, D. C. LOPES, R. G. C. (Orgs). *Psicogerontologia: fundamentos e práticas*. Curitiba: Juruá. p.29-48.

Gualandro, S. F. M., Hojaij, N. H. S. L., Jacob Filho, W. (2010). Deficiência de ferro no idoso. *Revista Brasileira Hematologia e Hemoterapia*, 32(2), 57-61.

Imhof, Arthur E. (1985) Mortality problems in Brazil and in Germany: past-present-future. Learning from each other? *Revista Saúde Pública*, 19(3), 233-250.

Lamb, M., Pinto, M. E. B., Cnop, J. M. (2000). Um olhar para mulheres idosas: relato de uma experiência de intervenção. *Revista Psicologia em estudo*, 5(1), 105-113.

Lima-Costa, F., Peixoto, S. V. F., Araújo, J. O., Uchoa, E. (2007). Validade do diabetes auto-referido e seus determinantes: evidências do projeto Bambuí. *Rev. Saúde Pública* 41(6): 947-953.

Marques, I. M. (2012). *Adolescentes e idosos: uma leitura psicanalítica do encontro intergeracional no oldnet*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Martins, H. H. T. S. (2004, maio/agosto) Educação e Pesquisa, São Paulo, 30(2), p. 289-300.

Mattos, R. M., Ferreira, R. F., (2005). O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. *Revista Estudos de psicologia*, 22(1), 23-32.

Mazza, M. M. P. R., Lefèvre, F. (2004). Perfil de uso de medicamentos por idosos assistidos pelo Programa de Atenção ao Idoso (P.A.I.) da UNIJUÍ. *Saude soc.* 13(3): 68-77.

Momberger, C. D. (2006 maio/agosto) Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 32(2), p.359-371.

Momberger, C. D. (2008) Pesquisa biográfica em educação: orientações e territórios. In: Souza, E. C., Passegi, M. C. & Abrahão, M. H. M. B. (org.). *Pesquisa (auto)biográfica e praticas de formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.

Neri, A. L. (2004) O que a psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. In: NERI, A.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). *Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papirus p.13-27.

Pinto, E. B. (2004, janeiro/junho) A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, 15(1-2), p.71-80.

Ramos, L. R., Toniolo N. J., Cendoroglo, M. S., Garcia, J. T., Najas, M. S., Perracini, M. et al. (1998). Two-year follow-up study of elderly residents in S. Paulo, Brazil: methodology and preliminary results . *Rev. Saúde Pública* 32(5): 397-407.

Safra, G. (2005). *A Face Estética do Self* (4a ed.). São Paulo: Idéias e Letras.

Safra, G. (2004). *A Po-Ética na Clínica Contemporânea* (3a ed.). São Paulo: Idéias e Letras.

Safra, G. (2006). *Hermenêutica na Situação Clínica* (1a ed.). São Paulo: Sobornost.

Salin, M. S., Mazo, G. Z., Cardoso, A. S., Garcia, G. S. (2011). Atividade física para idosos: diretrizes para implantação de programas e ações. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 14(2), 197-208.

Santos Júnior, A., Andrade, M. G. G., Magalhães, R. F., Moraes, A. M., Velho, P. E. N. F. (2007). Sorologia para sífilis: os médicos estão capacitados a interpretá-la? *Anais Brasileiros de Dermatologia*, 82(2), 183-185.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico* (23a Ed.). São Paulo: Cortez.

Vellas P. (1975). University of Third Age. *Lyon Pharm.* 26:53-7.

Veras, R. (2009, maio/junho). Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista Saúde Pública*, 43(3), p.548-554.

Anexo A – Diário de campo do pesquisador e diários reflexivos dos participantes

Aula Inaugural da UnATI 04/03/2013

Cheguei ao auditório que estava repleto de idosos. Como eu não era um dos monitores, as pessoas à minha volta sentiram um estranhamento e começaram a conversar, informando que lá era a aula inaugural da UnATI, se eu não estava no lugar errado. Respondi que eu era um dos colaboradores, e eis que eles bombardeiam de comentários de como é bom as pessoas mais jovens se interessarem por eles, e como ficam felizes com esse fato.

A professora Samila do curso de Gerontologia inicia a aula inaugural falando sobre o tema da *sabedoria*, e em determinado momento da aula solicitou que discutíssemos com os colegas próximos e elegêssemos uma pessoa sábia, eis que as idosas ao meu lado se auto elegeram como sábias, e também me elegeram como sábio, explicando que cada um em sua vivência carrega a sabedoria. Esse comportamento me surpreendeu, pois eu havia pensado em Santos Dumont, Freud, Darwin, Salvador Dalí ou Tchaikovsky, e de repente surge essa resposta inesperada.

Todos os colaboradores são chamados para se apresentarem, e após a apresentação dos cursos ficamos disponíveis para eventuais dúvidas. Uma senhora se aproxima, diz que gostou da minha proposta, e pergunta se havia vagas na minha oficina, eu digo que está completa, mas que iria verificar a possibilidade de incluí-la. Ela relata que o seu marido é japonês e que se identifica muito com japoneses, mas ao verificar o dia dos encontros, ela se dá conta que já se inscreveu em outra oficina no mesmo horário, e fica em dúvida de qual fazer, eu sugiro que ela frequente a oficina na qual ela já se inscreveu, ela aceita a sugestão dizendo que irá se inscrever no meu curso no próximo semestre. Uma outra senhora se aproxima, junto com as amigas Sonia e Nadir e pergunta se poderia participar sem ter se inscrito, e eu digo que verificaria a possibilidade e entraria em contato com elas. Só consegui

entrar em contato com as Sras. Sonia e Nadir, informando da inclusão das mesmas nos encontros.

Etapa A

1) Apresentação da Professora Rosa Yuka Sato Chubaci, do Mestrando Fábio Aragaki Gishitomi, e dos Colaboradores: 1 (estudante do curso de Gerontologia), 2 (Mestrando da Escola de Enfermagem da USP – bolsista PAE), 3 (estudante do curso de Gerontologia), 4 (estudante do curso de Gerontologia).

2) Apresentação dos Participantes.

3) Dinâmica de Apresentação (Cada um repetiria o nome da pessoas anteriores).

4) Levantamento das Expectativas.

5) Explicação dos Ateliês.

6) Encerramento.

Todo primeiro encontro gera expectativas, e esse não poderia ser diferente. Eu estava entusiasmado em conhecer as pessoas que poderiam compartilhar suas histórias, sonhos, expectativas e saberes. Organizei a sala, dispondo as cadeiras em formato circular, a fim de que todos os participantes conseguissem ver e ser vistos. Às 08:00 chegou a Dona Márcia, e depois das apresentações e das boas vindas, começamos a conversar. Ela disse que morava perto da Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (local onde estávamos), que sempre trabalhou como auxiliar de enfermagem, e que tem uma irmã que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) e que cuidava dela, mas que também tirava um tempo para se cuidar. Nesse ínterim, chegam as Sras. Teresa. e Eliana, esta última comenta que eu parecia mais novo durante a aula inaugural da Universidade Aberta

à Terceira Idade, realizada há dois dias, onde todos os professores, monitores e colaboradores se apresentaram. Comento que talvez porque auditório fosse grande, ou a roupa que eu estava usando era mais informal. A Sra. Eliana não concorda e retruca que estava sentada na parte da frente do auditório, próxima à mim. Outros participantes começam a chegar e entramos na sala. Chega a Sra. Fernanda, explicando que chegou 1 hora antes do encontro, porém ao perguntar ao segurança onde ficava o local do ateliê, o mesmo teria dito que todos os participantes chegariam tarde e que ela deveria esperar mais um pouco na entrada principal do prédio, e por esse motivo ela se atrasou.

Damos início ao encontro, onde me apresento como psicólogo formado pela Universidade de São Paulo, atualmente mestrando pela Universidade de São Paulo, falo rapidamente sobre a minha trajetória profissional, relatando que trabalhei como Professor de Inglês, Analista de Relacionamento em um convênio médico especializado em idosos, e como Psicólogo na Prefeitura de Taboão da Serra. Brinquei dizendo que não gostava de comer mamão, mas que adorava jogar vôlei e nadar.

O encontro seguiu com a apresentação breve dos monitores, e da professora Rosa Yuka Chubaci (responsável pelo meu trabalho na UnATI da EACH-USP), que inicia sua fala dizendo que seu nome era Rosa, porém todos a chamavam de Rosinha, e que gostava de ser chamada dessa maneira. Dá prosseguimento, abordando o tema da desconstrução da carga negativa que a palavra “velho” carrega, afirmando que os presentes no encontro eram velhos. Neste momento, a Sra. Olga brinca dizendo que é uma “jovem reciclada”, e a Sra. Sonia diz que é idosa. A professora pergunta se algum monitor gostaria de comentar algo sobre o assunto, e 3 se voluntaria para retomar a ideia de que a palavra “velho” não é pejorativa. Dando continuidade a professora contextualiza que essa carga negativa foi sendo atribuída ao longo do tempo, citando como exemplos as histórias infantis onde a bruxa má é, ou sempre se transforma em uma velha, como na história da Branca de Neve. A Sra. Nadir diz que ela se dá melhor com os netos do que os pais dos netos (seus filhos), uma vez que ela tem a mente jovem. Os participantes falam da diferença da entonação que o locutor atribuía à palavra *velho*, se o fazia de maneira respeitosa ou não. Com essa fala a professora Rosinha encerra a

discussão, pois diz não ser o propósito do meu trabalho naquele espaço, e dá continuidade dizendo que é enfermeira. Diz que não gosta de ver seres humanos sofrendo, especialmente em situações dentro dos hospitais, e disse gostar de viajar. Dá-se prosseguimento às apresentações.

A primeira a se apresentar é a Sra. Olga de 77 anos, que diz não gostar de más notícias, de pessoas que a desagradam, ou que falam mal dos outros. Relata que gosta de trabalhar, e que gostou muito da minha apresentação na aula inaugural da UnATI. É casada há 57 anos, tem uma filha, netos e bisnetos. Gosta de viajar e tem uma oficina de jalecos e outros produtos da área médica.

A segunda é a Sra. Alessandra de 80 anos, que não gosta de ficar parada, gosta de fazer atividades e estar na UnATI. Relata ter Alzheimer, ter perdido dois filhos, além de ser viúva de dois maridos, dizendo ser sozinha no mundo. Diz que já morou em Portugal, e uma coisa que a desagrada é quando os outros brigam com ela. Alessandra, é prima da Olga, e diz ser muito bem cuidada por ela.

Rosinha retoma sua fala para explicar o que havia falado anteriormente. Comenta que ao falar que gosta de viajar, muitas vezes vem à cabeça lugares como Europa, e Estados Unidos, mas que na verdade ela queria retratar o passear, o se divertir, e fala que na cidade de São Paulo há muitos lugares para isso, mas que nem sempre são tão aproveitados. Ela cita a região da Avenida Paulista, e os idosos comentam do MASP, dos parques, e de outros lugares.

A terceira a se apresentar é a Sra. Wanderléia, que diz ter três filhos, e um cachorro recém adotado. Não gosta de desarmonia, nem de desrespeito. Gosta do ser humano, acha que é algo maravilhoso que Deus criou. Diz que se tornou uma pessoa melhor quando começou a cuidar de pessoas idosas e doentes. É missionária, e gosta de bordar ponto cruz, e de pintar telas e paredes. Nesse momento, a Sra. Nadir pergunta se alguém gostaria de adotar um cachorrinho. Disse que seu filho encontrou o animal machucado na rua, o tratou, e hoje ele está muito bonito e saudável, porém seu filho não pode mais ficar com ele.

A Sra. Sonia é a quarta a se apresentar, dizendo que frequenta a UnATI desde 2009, gosta da religiosidade e não possui mais marido, mas possui filhos. Uma coisa que não gosta é de ver os outros serem maltratados.

A Sra. Bruna foi a quinta a se apresentar relatando ser nordestina, solteira, e aposentada. Diz gostar muito de cozinhar e de ir ao Recife. Comunica não ter filhos, e não gostar de ver pessoas doentes ou sendo maltratadas, nem de notícias tristes.

A Sra. Fernanda disse gostar de fazer serviço voluntário na igreja, onde trabalha com jovens grávidas. A mesma gosta e acredita que todos deveriam se agarrar na religião. Relata que já foi explorada quando era voluntária antigamente, pois trabalhava todos os dias, por mais de oito horas, e o voluntário pode ajudar no máximo duas vezes por semana. Diz que foi o CRI (centro de referência do idoso) quem a salvou, tirando-a de lá, pois estava sobrecarregada. Relata não gostar de ver pessoas “de cor” (ela não veiculou em nenhum momento a cor preta) sendo maltratadas, nem de pessoas as discriminando. Relata que sofreu e ainda sofre muito preconceito e perseguição por ser “de cor”, além do fato de ser neta de um militar de alta patente da ditadura. Relata que teve um filho quando ainda tinha onze/doze anos, e que hoje o seu trabalho como voluntária na igreja é o de cuidar de bebês na barriga das mães, alimentando-os (oferecendo lanche às gestantes). Diz ter “corrido” do casamento três vezes. Faz ginástica, e não para em casa. Finaliza dizendo que os jovens são o futuro do amanhã.

A Sra. Márcia de 77 anos inicia sua fala brincando que ao contrário de mim, gostava de mamão. Fala que teve cinco filhos, sete netos e três bisnetos, mas que morava sozinha, por não gostar de filho dando ordem. Ela gosta de fazer o que quer, de viajar, e diz amar a enfermagem, relatando que sempre integrou a equipe de enfermagem, e se aposentou como enfermeira. Ela também gosta de fazer trabalhos manuais, bordar e pintar, e não gosta de fazer os trabalhos de casa, os faz porque é necessário, a única tarefa de casa que gosta de fazer é cozinhar. Gosta muito de frutas e verduras, e de ir à feira.

Chega a vez da Sra. Nadir que relata gostar da sua religião, da família e de paz. Gosta de passear, vender cosméticos, e diz ser costureira. Relata que não viaja muito, por falta de dinheiro. Eu não ouvi do que ela gostava, e perguntei novamente.

Ela respondeu que gostava de vender cosméticos, ficou em silêncio e se corrigiu dizendo que primeiro vem a religião e Deus, e depois o vender e o viajar.

Sra. Teresa fala que tem 74 anos, três filhos, e nove netos. Gosta de tudo, não tem nada que ela não goste. Gosta do ser humano e dos seres vivos. Afirma não enxergar defeitos nas pessoas, por mais que olhe não os encontra (em encontros posteriores ficaremos sabendo que ela é a esposa do presidente de uma famosa corrente religiosa do Brasil). Relata conversar muito com os netos, e diz ser tão próxima deles, que há coisas que eles contam à ela e não falam para os pais. Gosta muito de ler e de todos os esportes, sendo seu esporte favorito a natação. Diz ser muito ativa, e que não fica parada de jeito nenhum, não gosta de ficar em casa. Em sua cidade natal, Getulina, ela lembra que tinha que atravessar um rio de barco para ir à cidade vizinha. Em relação às qualidades, ela relata não ter qualidade nenhuma, dizia não saber de suas qualidades. Relata que os outros dizem que ela é uma excelente vendedora, que consegue vender até areia no deserto. Completa dizendo que a sua qualidade é cuidar dos filhos. Diz não ter doença nenhuma, e que não sentia a idade que tinha, afirma que apenas há pouco tempo atrás (um ou dois anos), sentiu alguma diferença em seu corpo que diferia da juventude. Gosta ainda de dar comida na boca das pessoas queridas e diz que até hoje, quando seus filhos vão à sua casa ela tem o costume de fazer isso. Os outros integrantes do grupo deram início a um rápido debate, uns estranhavam esse costume, outros não concordavam com ele, até que ela disse que iria continuar fazendo e a discussão chegou ao fim. Conta que a sua amiga Eliana é muito engraçada, e que não há como as pessoas ficarem a lado da Dona Eliana e não rirem. Em meio a olhares impacientes, continua a sua exposição contando uma outra história, e justifica a sua longa fala dizendo que se inscreveu no curso a partir do título: “Encontros na Terceira Idade: Compartilhando a História de Vida”, ou seja, era um local para se compartilhar a história pessoal, e por isso ela o estava fazendo. Conta que uma vez viajou com o marido para a casa de uma amiga e que foram passear de barco num lago. A amiga disse que o lago era raso, e que caso caísse na água, ela ficaria na altura de seus joelhos. Foram até o meio do lago e no momento em que a amiga pulou para mergulhar, o barco virou e todos caíram na água. Ela relata que, como sabia que a água batia no máximo até a altura dos joelhos, calmamente fechou os olhos, não se apavorou, e bateu as pernas tranquilamente. Ao chegar à superfície,

não viu seu marido, porém manteve-se serena, já que ele sabia nadar. Passado um tempo seu marido emergiu e ela perguntou por que ele havia demorado tanto para subir, ele respondeu que já havia mergulhado várias vezes, pois estava tentando recuperar seus óculos que estavam no fundo do lago. Ela aproveitou e lembrou que na estrada para sua cidade, havia uns arbustos rasteiros, que davam uma frutinha chamada gabioba, e ela pergunta se alguém conhecia ou já havia comido. Alguns identificaram a frutinha da qual ela falava, e a Sra. Teresa continuou dizendo que ela é muito comum nas cidades do interior, é muito doce, e que todos comem aos montes.

Após os contos da amiga, a Sra. Eliana apenas disse que gostava de ouvir, e não de falar, além de gostar de contar piadas.

A Sra. Joana me olhava apreensiva, achando que não iria dar tempo de ela falar. Sinalizei para que ela aguardasse, e não se preocupasse que daria tempo. Ao chegar sua vez, ela disse gostar de artesanato e de ler, compartilhou com o grupo que ficou muito deprimida, com o falecimento de seu marido há três anos, quando ficou desnorreada. Com a insistência de seu filho, de sua nora e de sua neta para que ela frequentasse a UnATI da EACH, mesmo não se sentindo preparada, ela veio há dois anos, e desde então vai às oficinas, e diz que a depressão passou desde então. Conta que seu marido era japonês e antigamente japonês só casava com japonês, e fala ressentida que em seu casamento só havia ela, seu marido e a sua família, não havia nenhum representante da família do noivo. Ela nunca conheceu o sogro pessoalmente, apenas por foto, e conta que no momento de sua morte, o sogro pediu para ver o filho, porém como o mesmo era caminhoneiro, não estava por perto e não pôde se despedir do pai. Durante o enterro, homens fortes não conseguiam inserir o caixão na gaveta do cemitério, após diversas tentativas, seu marido resolveu ajudar a colocar o caixão que milagrosamente entrou no local. Esse fato significou para ela que o sogro não poderia “ir embora” antes de estar com o filho uma última vez, e seus olhos lacrimejam ao contar essa vivência. Joana finaliza dizendo que mora perto da EACH e que possui um neto que já foi ao Japão.

Faltava uma pessoa para se apresentar, e como ela não se pronunciava, perguntei se ela gostaria de falar. A mesma informou que se chamava Gabriela, e que vivia cada dia. Ela não gostava de pensar no passado, mas adorava passear,

ficar na rua e sair de casa, ela encara isso como uma terapia. Gabriela prefere fazer os serviços domésticos rapidamente, e de preferência pela manhã, para poder sair de casa, uma vez que é muito agitada.

Como todos estavam cansados após a apresentação, dei um intervalo de 5 minutos e na volta fiz uma dinâmica para encerrar a oficina. Nas reuniões com a professora Rosinha, a mesma sugeriu que eu levasse bombons para os idosos no primeiro encontro. Cada pessoa tinha seu nome em um bombom, pedi para que todos levantassem e pegassem o primeiro bombom que vissem, desde que não tivesse o seu nome escrito nele. Deveria procurar a pessoa, e quando a encontrassem, deveriam entregar o bombom com um abraço. Cada um se utilizou da própria estratégia para encontrar a outra pessoa, uns vieram perguntar para mim quem era a pessoa, outros aproveitavam quando os outros perguntavam e escutavam atentamente os nomes que eram ditos, outros perguntavam um a um, e a dona Alessandra, que gritou: quem é 2?, e quando o encontrou e entregou o bombom acompanhado do abraço.

Ao final do encontro, a Sra. Teresa comunicou que iria à Cancun na próxima semana, então não viria ao encontro, mas que na outra semana estaria de volta.

A monitora 5, ao me encaminhar suas anotações aproveitou para registrar a sua opinião a respeito do encontro:

“(...) depois que todos encontraram seus pares a oficina foi encerrada de forma muito harmônica. Como impressões pessoais no dia de hoje, achei que foi muito enriquecedor este primeiro contato com os idosos e da forma que ocorreu, pois possibilitou uma proximidade entre todos e acho que a partir disso, contribuirá e muito para os próximos encontros, pois os idosos estarão menos acanhados e reservados uns com os outros e assim a oficina fluirá de uma forma mais gostosa. Adorei todos os idosos, o professor e os monitores e acho que será uma experiência muito boa para mim neste semestre, participar desta oficina. E, além disso, como Gerontóloga os temas abordados ao longo do semestre me ajudarão muito, também como profissional.”

A Sra. Sonia escreveu em seu diário:

“No primeiro encontro, fizemos uma dinâmica, com troca de bombons marcados com os nossos nomes. Nos apresentamos, trocamos ideias sobre o que mais gostamos e o que menos gostamos. Achei ótimo o encontro, me senti valorizada. Ajudou a expressar nossos sentimentos, nesse dia saí da UnATI feliz e muito leve.”

Antes desse primeiro encontro, enviei um e-mail aos monitores, solicitando que eles fizessem anotações sobre as atividades realizadas, e sobre a fala dos participantes, inclusive nós mesmos, incluí no e-mail um exemplo de como deveria ser feito. Todos concordaram em fazê-lo.

Etapa A

1. Dinâmica de Reapresentação: cada pessoa falava o seu nome e os outros tinham que repetir os nomes falados anteriormente.
2. Dinâmica da bola: a pessoa fala o nome do colega e joga a bola para ele, este fala o nome de outra pessoa e joga a bola para ela e assim por diante, depois de duas rodadas, as pessoas jogam a bola e quem recebe deveria falar o nome de quem jogou a bola.
3. Distribuição e Explicação do Calendário de Atividades.
4. Explicação dos Ateliês Biográficos de Projeto (Mombberger, 2006).
5. Firmar um contrato inicial.

Participantes Presentes: Bruna, Luciana, Eliana., Fernanda, Henrique, Márcia, Olga, Alessandra, Xavier, Natalia, Sonia (Teresa comunicou que viajaria nesta data e Joana que estava com uma rinite muito forte e não conseguiu voltar da casa da filha)

Monitores Presentes: 1, 2, 5. (4 comunicou que estava com problemas pessoais e teria que retornar à sua cidade, e por isso não poderia estar presente)

Nesse dia levei café da manhã para que todos tomássemos juntos, o monitor 2 também contribuiu com uma torta salgada e com bom humor brincou com os participantes que ela tinha sido feita por ele. Os participantes gostaram da ideia e resolveram que a cada encontro algumas pessoas trariam alguma coisa. Deixei claro que ninguém era obrigado a trazer, e que o mais importante era o “bate papo” antes de começarmos as atividades.

Enquanto eu dispunha as cadeiras em formato circular, a Sra. Fernanda veio até mim para falar das dificuldades que passava na vida, explicando que por ser neta de um militar da época da ditadura, desde criança sempre foi muito perseguida. Disse que frequentou as aulas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), e que a professora a usou. Na última aula do EJA, a professora falou que não estava ali para ensiná-la a ler e escrever, apenas para saber sua história de vida. Apesar deste incidente, a participante também relatou estar muito feliz, pois escreveu um texto na formatura do EJA, e ganhou um prêmio por ele.

Na mesa do café da manhã, a Sra. Eliana disse que a sua amiga Teresa estava em Cancun, e que por ser esposa do presidente de uma famosa corrente religiosa no Brasil foi acompanhá-lo nesta viagem. Perguntou se eu era descendente de pessoas de Okinawa (ilha ao sul do Japão), e eu disse que sim. Ela informou que o Sr. Henrique também era daquela região.

Damos início ao encontro com a dinâmica de reapresentação, Bruna começa falando seu nome, eu repito seu nome e falo o meu, depois a Sra. Sonia repete todos os nomes falados e diz o dela. Alguns tem dificuldade, especialmente a Sra. Alessandra, que possui Alzheimer, porém os monitores a auxiliam. Um aspecto interessante que ocorreu é que um dos monitores também tinha muita dificuldade em memorizar os nomes, o que possibilitou ao grupo refletir que a dificuldade, ou a falta de memória não era apenas uma questão de idade.

Dando continuidade passamos à dinâmica da bola. Foi engraçado, pois as pessoas jogavam a bola (de pelúcia) ou de modo muito fraco, ou de maneira muito forte, então a bola ia ao outro lado da sala, ou caía antes, sem contar as vezes que pegava no rosto das pessoas, mas todos levaram a brincadeira com bom humor, e cada vez que jogavam a bola, iam adaptando a força a ser utilizada para que ela chegasse às mãos dos colegas. Algumas pessoas tiveram dificuldades com o nome das outras, mas todos ajudavam quem não se recordava. O Sr. Henrique, que faltou ao primeiro encontro, veio acompanhado da Sra. Eliana, e possuía dificuldade na fala e no andar. O que chamava a atenção era que cada vez que ele pegava a bola, e não sabia o nome da pessoa, sua amiga dava-lhe um tapa e ficava possessa com a situação, não aceitando a condição do colega. Eu pontuava que não havia problema em não saber os nomes, e que nós ajudaríamos, e pouco a pouco iríamos memorizando os nomes com o passar do tempo e com o convívio. Não adiantou, a situação se repetiu por mais algumas vezes, por mais que eu brincasse a respeito da violência contra o idoso, cada vez que ele pegava a bola, vinha um tapa. Essa situação me incomodou bastante.

Prosseguimos com a explicação dos Ateliês Biográficos de Projeto (Mombberger, 2006), falando dos papéis:

- Narrador: conta a história.
- Escriba: escrever a história contada em primeira pessoa.
- Moderador: controla o tempo e faz perguntas sobre a história, o que não entendeu, e o que não ficou claro.

Sra. Eliana vem até mim e notifica que o trio será composta por ela, pelo Sr. Henrique pela Sra. Teresa, e informo que ao final do encontro conversaríamos com o grupo todo sobre a forma que seria realizada a divisão dos trios, e se ela aceitava. A mesma concordou.

Prossigo firmando um contrato informal de evitar as faltas, com exceção às urgências que todos temos, como ficar doente, por exemplo. Friso a importância do comprometimento de vir sempre para que os colegas não fiquem com um componente a menos no trio, e para que possam aproveitar o processo.

Explico que cada um irá revisitar a sua história pessoal através da produção da autobiografia, e que pretendíamos elaborar um projeto de futuro (devir) ao final do processo. Informo que a cada encontro eles deverão escrever um diário, contendo as atividades que foram interessantes, as falas dos colegas que os tocaram, as reflexões possíveis (ou não), o que não gostou, além de descrever como se sentiu no dia (antes, durante e depois do encontro).

Dou continuidade falando que se trata de uma pesquisa com risco mínimo, ou seja, teria o mesmo risco de atividades habituais como conversar com um vizinho, ou escrever uma carta. Expliquei que era diferente de um estudo onde, por exemplo, deveriam fazer uso de algum medicamento, o qual poderia apresentar maiores riscos ao organismo.

Passamos a decisão de como seria realizada a divisão das tríades, e após discussão seguida por votação, o grupo decide que a divisão das tríades será realizada a partir de sorteio, e a justificativa é de que seria a forma mais justa. Percebi durante o debate que todos estavam desconfortáveis e sem graça de ter que escolher uns a outros, e por isso optaram pelo sorteio.

Finalizo o encontro enfatizando a importância do sigilo, de não comentar nada do que ocorreu no encontro fora dele, a fim de preservar a privacidade de todos e criar um ambiente seguro para que o compartilhamento se desse. Desejo uma boa semana a todos, e disse que os esperava na semana seguinte, onde daríamos início aos *ateliês biográficos de projeto* (Mombberger, 2006).

Sra. Fernanda me procura ao final do encontro para conversar. Fala que mora em um local, onde as pessoas a hostilizam, xingam, e a perseguem. Relata que perdeu tudo durante uma enchente, o que a fez ficar desesperada, pois não tinha onde morar, esse foi o primeiro imóvel que ela encontrou, e que poderia pagar, porém não sabia que iria ser desse jeito.

Sobre o encontro o Sr. Xavier escreveu em seu diário reflexivo:

“Participar de um grupo social com pessoas de idades próximas à minha, me coloca no tempo e espaço com histórias e passagens de vida diversas. Me faz ver que a idade não barra pessoas de caráter forte, pessoas que não se entregam, que

seguem lutando, participando, se entregando, conhecendo, como se o tempo para elas nada significasse. Outrora os jovens se acotovelavam próximos às pessoas mais velhas para deles ouvir histórias, anedotas e até mesmo mentiras. Fazer os jovens se aproximarem novamente dos idosos se torna uma maneira agradável, fazer com que os jovens entendam as limitações também me deixa feliz. Quando me coloco junto às pessoas mais jovens, me pergunto se existe mesmo a tal da terceira idade ou apenas uma idade compacta com histórias distintas, onde muda apenas o ponto de vista de cada pessoa. Dá para perceber que esses encontros servirão para melhorar meus conceitos.

Achei o método de colocação dos participantes muito interessante, colocados em formação circular. Também a forma para decoração dos nomes em forma de brincadeira facilitou para que conhecêssemos os colegas. As aulas também são auxiliadas pelos jovens colaboradores da USP, 2, 1 e 4, que nos auxiliaram nas aulas.

O professor Fábio propôs para a aula seguinte que nos dividíssemos em grupos de três alunos para elaboração de uma história e para tanto haveria que ter: 01 narrador da história; 01 escriba; 01 moderador. A escolha dos grupos seria por sorteio. Ao término da aula tivemos um lanche comunitário. Foi solicitado para três pessoas trazerem: salgados, doces, sucos.”

A Sra. Márcia fez o seguinte comentário em seu diário reflexivo:

“No dia 13/03/2013 resolvi ir à aula novamente com poucas expectativas. Que maravilha eu ter resolvido ir! Foi muito legal! O professor Fábio propôs brincadeiras para decorarmos os nomes de todos os colegas e monitores. Além de nos divertirmos, a brincadeira surtiu o efeito desejado, pois no final, todos (quase) já estávamos familiarizados com nossos nomes. Depois o professor falou sobre os planos que tem para as aulas seguintes e acho que contentou a todos. Por final, nos foi servido um lanche muito gostoso, principalmente uma torta que o 2 trouxe. Estava uma delícia, e a aula ficou com um sabor de quero mais.”

A Sra. Sonia escreve:

“No segundo encontro formamos um círculo jogando um objeto um para o outro pronunciando os nomes uns do outros. Tentando trabalhar a nossa mente.

Escrevemos na lousa os nossos nomes e dos nossos colegas.

Para finalizar tomamos um delicioso café da manhã.

Fábio, a sua curiosidade foi um grande incentivo para mim, eu sou péssima para escrever e passar para o papel o que sinto, talvez seja um bloqueio emocional, mas com a tua ajuda estou conseguindo superar, espero conseguir totalmente.

Obrigada, um grande abraço.”

Etapa B

1. Café da Manhã
2. Distribuição do Material (Fichário, Folhas de Sulfite, Caneta e Prancheta) + Alteração do Calendário.
3. Divisão das tríades.
4. Treino do Ateliê: Realização de um desenho representando o Eu, as Pessoas, as Coisas, e o Eu Profissional.
5. Socialização das histórias.

Participantes Presentes: Bruna, Joana, Eliana, Fernanda, Henrique, Márcia, Olga, Alessandra, Xavier, Teresa, Natalia, Sonia

Monitores Presentes: 1,2,4, 5.

Cheguei cedo para organizar a sala e Fernanda já estava esperando do lado de fora da sala. Enquanto eu organizava o material, ela chegou para conversar. Contou que uma jovem residente em sua pensão, arrombou sua casa, que agora se encontrava sem fechadura, e aberta, pois a porta não fechava mais. Falou também que os encontros estavam fazendo bem, ela saía mais leve depois deles. Comentou que sofre dos nervos, e que o médico a instruiu a tomar os medicamentos e solicitou que ficasse em casa quando estivesse muito nervosa. Relatou que estava passando muito mal desde o domingo (nossos encontros ocorriam às quartas feiras), e que às vezes é muito difícil para levantar da cama, mas fez “uma força”, veio à “aula” (SIC) e já estava se sentindo melhor.

As pessoas começavam a chegar, e aproveitamos para tomar café da manhã juntos. Durante o café da manhã, a Sra. Eliana diz que trabalhou muito tempo na área da saúde e que só de “bater o olho” (SIC) na pessoa, ela conseguia fazer um diagnóstico certo, sem falhas. Chegou perto da monitora 4, olhou atentamente para o seu rosto, e disse que ela tinha pressão baixa. A monitora surpresa comenta que toda a sua família sofre de pressão alta, e que seria ótimo se ela tivesse mesmo. A Sra. Eliana insiste que ela tem pressão baixa. Ninguém tece nenhum comentário.

As duas primeiras sessões mostraram que os 12 encontros planejados anteriormente seriam insuficientes, por conta do tempo (duas horas por encontro), alterei para que houvesse 16 encontros. Dei início ao encontro comunicando sobre a alteração do calendário e entregando um novo, todos aceitaram bem a alteração e mostraram satisfação com a extensão dos encontros. Entreguei a cada um dos participantes um fichário com folhas sulfite, uma caneta e uma prancheta para que utilizassem durante os encontros. Todos ficaram muito felizes ao recebê-los, comentaram que estão muito orgulhosos de frequentar a universidade, e a partir daquele momento iriam carregar o fichário na mão para que todos vissem que estão frequentando a USP.

Pergunto se haviam feito o diário reflexivo. Apenas Olga e Xavier o fizeram. Olga propõe ler o seu para ver se era aquilo que eu havia pedido:

“No dia 06/03/2013, com muita curiosidade me dirigi para a sala de aula para ver do que se tratava. Cheguei um pouco atrasada... Já havia algumas senhoras compartilhando sobre alguns relances de suas vidas. Depois de algum tempo notei que algumas falavam muito e outras nada. Fiquei meio decepcionada pensando seriamente se voltaria na próxima semana ou não...”

Informei que essa era a proposta, e que cada um poderia colocar as suas opiniões, sentimentos, sugestões, e solicitei novamente para que todos o fizessem.

No encontro passado, foi decidido que seria realizado sorteio para divisão das tríades, os monitores realizaram o sorteio e escreveram o resultado na lousa. Neste momento, ouvimos alguém batendo a prancheta na mesa, guardando as coisas e gritando que ia embora... Tratava-se da Sra. Eliana, que estava colocando o fichário, a prancheta e as folhas em sua bolsa. Perguntei o que estava acontecendo, e ela relampeou indignada dizendo que desde o primeiro encontro já havia me avisado que a tríade seria composta por ela, a Sra. Teresa e o Sr. Henrique. Eu comentei que no encontro passado o grupo havia decidido que a divisão se daria por sorteio, e que ela havia aceitado discutir o modo que seria realizada a divisão, e como ela não havia se manifestado, achei que tivesse concordado. Ela estava brava e continuou falando que ia embora, eu solicitei calma e disse para que conversássemos com todos do grupo, que estava presenciando a cena calado. Algumas pessoas não aceitaram, e disseram que haviam combinado o sorteio, que era a divisão mais justa, outras (Sonia e Natalia) falaram que se eles ficassem com quem quisessem, elas gostariam de ficar uma com a outra. Peço para a Sra. Eliana comentar o motivo de ela necessitar ficar junto com os amigos (como todos eram japoneses e eu já havia visto eles conversando em japonês, pensei que a barreira linguística pudesse ser o motivo, ou talvez que eles não ficassem a vontade com outras pessoas), a mesma justificou que foi ela quem os trouxe à Universidade Aberta à Terceira Idade e que por isso ficariam juntos, caso ela fosse embora, eles iriam partir junto. O grupo não reage bem a essa resposta, e ela se levanta para ir embora. Eu intervenho dizendo que precisávamos conversar e entrar num acordo. Mesmo discordando da atitude da colega, para que a mesma não fosse embora, as pessoas aceitaram a exigência, dizendo: “Deixa a panelinha, então...”. A Sra. Eliana senta-se com uma feição de rancor em seu semblante. Sonia e Natalia aproveitam para ficarem juntas.

Todos se dividem por proximidade, e deixam o sorteio de lado. A Sra. Olga não gosta da divisão, pois ficou na tríade da sua prima que possui Alzheimer (Olga é a sua cuidadora, se mostra cansada, e talvez desejasse mudar de ares, porém na hora da divisão, a Sra. Alessandra já se agarrou nela e disse que iriam ficar juntas).

Relembrei as funções de moderador, narrador e escriba, e pedi para que realizassem um desenho baseado no Eu, nas Pessoas, nas Coisas, e no Profissional. Ao perguntar a eles o que representava cada uma das categorias, eles se referiram ao Eu como eles mesmos, às Pessoas como familiares e amigos, às Coisas como os objetos do mundo e a UnATI, e ao Profissional como nós que damos a “aula” para eles, e eu expliquei que se tratava da trajetória profissional deles mesmos. Dei 10 minutos para que produzissem os desenhos.

Todos se mostravam animados com a tarefa, menos a Sra. Eliana, que apesar de estar na tríade de seus amigos, não tirou o material da bolsa e se recusava a desenhar. Tentei incentivá-la a desenhar, colocar no papel o que ela estava sentindo e pensando, porém disse que ela era daquele jeito e que deveríamos deixá-la quieta.

Chega o momento do compartilhamento de histórias e todos se dividem em narrador, escriba e moderador, com auxílio dos monitores, que auxiliavam dentro das tríades. Todos estavam contando a sua própria história, escrevendo e moderando, menos a Sra. Eliana, que não queria escrever a história de seu amigo, Sr. Henrique, nem moderar e nem narrar. Os monitores também tentaram conversar com ela sem sucesso. Ela dizia que era o jeito dela e que não iria fazer nada.

Eu passava entre os trios para ver como estava o andamento, e aparentemente tudo corria bem. A Sra. Teresa me chamou e pediu para que escutasse a preciosa história do Sr. Henrique. Eu escutei parte da história, comentei que estava interessante, e informei que haveria um momento em que eles compartilhariam as histórias com todos do grupo, e continuei transitando pelos outros grupos. Dona Eliana não gostou da minha posição, mas como considero todas as histórias importantes, assim como todos os participantes, preferi manter essa conduta, sem preterir uns a outros. Eis que a Dona Teresa se levantou, chamou todos os monitores, que seguiram em sua direção. Ela perguntou se eles

estavam interessados na história do Sr. Henrique, eles dizem que estão muito interessados. Uma roda se forma em torno da tríade deles, e Teresa disse que iria ler para toda a sala ouvir a maravilhosa história que ela tinha em mãos. Eu me aproximo e a informo novamente que haverá um momento no futuro onde todos compartilharão o que foi produzido e que aquele momento não era adequado, pois havia pessoas que não tinham terminado. A mesma começa a ler a história...

Observando a “reunião” que ocorria em torno do grupo dos Srs. Eliana, Teresa e Henrique, dona Márcia me perguntou o que estava acontecendo, se a atividade já havia acabado. Eu perguntei se ela já havia terminado, ela respondeu que sim, e eu a acompanhei até a sua cadeira perguntando como tinha sido a atividade. Quando todos terminaram a atividade, e já era hora de finalizarmos o encontro por conta do horário.

Desejei uma Excelente Páscoa a todos e avisei que na semana seguinte não haveria atividade por conta do feriado, e que eu os esperava dali a duas semanas. Muitos disseram que era uma pena, e que sentiriam muita falta.

Dona Eliana falou ao grupo: “tchau”, e saiu da sala, o Sr. Henrique e Dona Teresa agradeceram e disseram que gostaram muito do encontro.

Perguntei aos monitores se eles poderiam ficar para que conversássemos a respeito do ocorrido, todos disseram que poderiam sem problemas. Fiz essa reunião pensando nos monitores, em prestar um cuidado para eles e para esclarecer alguns pontos. Durante a conversa a monitora 1 informou que a Sra. Eliana também causa alguns desconfortos e cenas desagradáveis em outras oficinas da UnATI. Após comentar do ocorrido, os orientei a não reforçar o comportamento desta tríade nas próximas sessões, pois a história de todos do grupo é importante e única, e haverá um encontro onde todos eles lerão seus relatos, e que aquela atitude não era positiva (apenas um trio lendo a própria história para a sala inteira), uma vez que ninguém era mais especial que ninguém, todos eram importantes.

Reiterei a importância dos monitores chegarem no horário para me auxiliar a organizar a sala, e também pedi que avisassem quando não pudessem estar presentes (já que isto não estava acontecendo). Tendo em mente que ser monitor

implica em aprender, e também contribuir, combinei com eles de se dividirem para digitar as autobiografias produzidas pelos participantes a partir das próximas aulas, e eu digitaria todos os diários reflexivos. Todos concordaram.

Sr. Xavier comentou em seu diário reflexivo:

“Nesse encontro começo a refletir sobre agrupamentos de pessoas, estou percebendo que a idade não muda os comportamentos, nosso caráter permanece até nossa morte, que em qualquer fase da vida, mesmo inconscientemente deixamos extravasar determinados sentimentos. Observei que há incompatibilidade entre as pessoas, mesmo estas já tendo passado por diversos momentos conflitantes da vida. A busca pela aceitação do outro, mesmo na idade avançada, tem que ser algo buscado diuturnamente. Não ceder ao outro nos impede a caminhada para um fim sereno. Espero que nesses nossos encontros consigamos nos unir, pois, talvez, seja esse o motivo do nosso encontro.

A aula começou um pouco mais cedo que a aula anterior e após tomarmos lanche, nos colocamos em círculo, houve a retomada dos nomes dos alunos. Como havia ficado acertado na aula anterior procedeu-se o sorteio dos nomes para a formação dos grupos. Após os nomes serem escritos na lousa, surgiu divergências por parte de alguns alunos, alegando que por serem colegas deveriam permanecer juntos, não aceitando a forma de sorteio. Houve protesto por parte dos demais alunos, pois havia sido quebrado o acordo de sorteio combinado. Após resolvida a situação formamos os grupos, no meu ficaram as colegas Fernanda e Luciana.

De início fiquei como narrador, a Leo como escriba e Eunice como mediadora e depois fomos trocando de função. relatei parte da minha vida, e as colegas fizeram o mesmo. Dado o tempo estipulado desfizemos os grupos e essa forma de cooperação serviria para a aula seguinte. Achei a aula e o modo como está sendo ministrada muito interessante.”

A Sra. Natalia diz em seu diário reflexivo:

“Fizemos trabalhos em grupos, Eu, a Bruna e a Sonia sobre: História, Narrador, Escriba. Eu escrevia a História, Sonia a contava e Bruna controlava o tempo. Depois cada uma de nós fazia o mesmo.

Foi muito legal, todos nós participamos por igual da mesma história de vida, mas cada uma de nós, contou a sua história de vida, diferente uma da outra.

Ou seja: Cada um tem a sua História.”

A Sra. Sonia diz em seu diário:

“No Terceiro Encontro fizemos o desenho que nos veio à cabeça. Fomos divididos em grupos de três.

Eu e duas amigas, Bruna e Natalia. Eu desenhei uma árvore de maçã, mostrando a utilidade da mesma desde a raiz, tronco, galhos, folhas, flores e frutos, até mesmo sombra e abrigo aos pássaros, e continuidade à sua existência. A industrialização de suas frutas.

A Natalia desenhou uma casa e falou da vida familiar.

A Bruna desenhou um pé de cana de açúcar e falou das suas utilidades e industrialização. Esses nossos encontros tem sido de grande aproveitamento, porque interagir em grupo é muito bom, ajuda a gente a se soltar mais e a se ocupar mais e a colocar o que sentimos no papel. Para mim tem sido uma espécie de auto ajuda.

Antes estava pessimista, dando pouca importância à minha vida de idosa. Depois me senti feliz, com a mente mais aberta e otimista.”

A Sra. Joana registrou a seguinte passagem em seu diário:

“Gostei muito da aula de hoje. Porque o professor criou o grupo de 3 colegas, para trocar ideias, e contar sobre nossas vidas. Achei muito interessante, porque assim podemos discutir e procurar acertar mais.

Fica muito legal, porque na verdade, nos tornamos mais amigos. E também gostei, porque a nossa memória, torna-se mais ativa.

Espero que continue dessa maneira para o bem de todos nós.”

Etapa B

1. Montagem da Mandala: expressão por meio do desenho.
2. Falar sobre os sentimentos e sobre a expectativa em relação ao grupo a partir da Mandala.
3. Pedir permissão para digitar semana a semana os diários reflexivos,, as autobiografias, e o projeto de vida.
4. Solicitar que cada um escreva o diário reflexivo.

Participantes Presentes: Bruna, Joana, Luciana, Fernanda, Márcia, Olga, Alessandra, Xavier, Natalia, Sonia

Monitores Presentes: 2, 3, 4. (5 justificou posteriormente que teve que acompanhar seu irmão que possui doença psiquiátrica e estava em surto)

Refletindo sobre a cena que a Dona Eliana causou, a fim de intervir de alguma maneira, pensei em conversar com ela separadamente sobre o que havia ocorrido e tentar entendê-la, ou conversar com todos do grupo (já que todos presenciaram a cena infeliz), ou até mesmo convidá-la a se retirar das atividades. Fiquei ajuizando por um tempo, e ponderei que na vida não existem situações perfeitas, que sempre haveria pontos fora da curva normal, e optar por sua exclusão não iria de encontro ao que acredito, pois não contemplaria o ser humano que estava na minha frente comunicando a sua idiossincrasia, que é a “maneira de ver, sentir, reagir peculiar a cada pessoa, é uma disposição do temperamento, da sensibilidade que faz com que um indivíduo sinta, de modo especial e muito seu, a influência de diversos agentes” (www.dicio.com.br/idiossincrasia/). A partir disso, a decisão tomada foi a de sustentá-la no grupo, a fim de que pudesse se beneficiar da

companhia dos colegas, já que para que ela continuasse no grupo, todos acataram as suas exigências.

Damos início à atividade e a Sra. Alessandra fala que está morando com a sua prima Olga, pois um ladrão entrou em sua casa, e ela não percebeu, só depois de muito tempo se deu conta de que havia uma pessoa estranha dentro da casa. Como tem Alzheimer, Olga e o marido preferiram acolhê-la em sua residência, pois poderia ser perigoso. Enquanto contava seu relato, Olga gesticulava atrás da prima, comunicando que não era verdade, e aquilo havia ocorrido há muito tempo, e que Alessandra não estava falando coisa com coisa. Sem ver os gestos de sua prima, Alessandra continua seu relato e mostra a sua gratidão ao verbalizar que a prima é tudo em sua vida, que cuida dela, e que se não fosse por ela não sabe o que seria de sua vida, pois apesar de ter se casado diversas vezes, estava sozinha no mundo, não tinha mais ninguém.

Como foi feriado, a monitora 1 achou melhor que eu e os monitores nos dividíssemos para trazer o café da manhã. A Sra. Márcia, preocupada com o café da manhã trouxe deliciosos pães de mel. E a Sra. Olga trouxe biscoitos artesanais em formato de coelho feitos por sua sobrinha para mim e para os monitores como lembrancinhas de Páscoa. Durante o café da manhã, todos comentam sobre a ausência dos Srs. Eliana, Teresa e Henrique, e a Sra. Márcia diz que eles vem juntos e que provavelmente algum deles foi viajar, e por essa razão não vieram. Após a participante tentar suavizar a situação, iniciamos as atividades.

Inspirado pelo livro *Aposentação* (Costa e Soares, 2011), pesquisei sobre mandalas, e após mostrar o que eram as mandalas, propus que eles se expressassem por meio delas, já que no encontro passado não foi possível conversar sobre a cena que havia acontecido, causado pela Sra. Eliana. Essa atividade não estava prevista no método, nem no cronograma, porém achei que seria importante refletir a respeito do que havia ocorrido e falar sobre aquilo, foi um cuidado que eu optei em ter com os participantes, pois a coleta de dados do mestrado sempre ficará em segundo plano em relação ao ser humano que se apresenta em nossa frente.

A consigna foi: “Consigno mesmo em silêncio crie a sua mandala expressando quais sentimentos vocês estão vivenciando neste momento da vida e qual a sua expectativa em relação ao grupo e aos encontros.”

Enfatizei que: o mais importante era não pensar muito, que eles deveriam sentir e deixar a caneta levá-los. A beleza do trabalho não seria avaliada, mas o fundamental era a capacidade que o desenho tinha de expressar o que eles estavam sentindo.

Após 30 minutos, quando todos haviam terminado, pedi para que passassem a própria mandala para o lado cinco vezes. E a consigna foi: “Olhe para esta mandala, e a partir dela fale sobre os seus sentimentos e sobre a sua expectativa em relação ao grupo e aos encontros.” A partir do Livro aposentação, enfatizei um ponto importante que a autora traz: “Lembrando que quando falamos a partir da mandala do outro, falamos sobre nós mesmos e não sobre a outra pessoa”.

Todos falaram a respeito de seus sentimentos, a partir da mandala do outro, e depois a pessoa que havia construído a mandala comentava sobre o que sentiu e pensou ao desenhá-la. Os comentários se focaram em opiniões sobre a vida, sobre o modo como cada um encarava a sua vida de maneira mais otimista, pessimista, religiosa. Ao terminar a atividade, perguntei o que eles haviam achado, e eles falaram que foi algo diferente, e que apesar de o desenho ser de outra pessoa, que eles puderam se ver nele, e falar a partir dele.

Como não houve comentários sobre a expectativa e os sentimentos em relação ao grupo, questionei-os sobre esse assunto. Todos falaram que estavam gostando muito das atividades, que estava fazendo muito bem para eles, pois em outros lugares eles se sentiam desvalorizados, ninguém queria ouvi-los, e nem tinham a paciência de escutar a sua opinião, dando como exemplo os filhos, relatando que essa desvalorização começa em casa. Pergunto o que eles acharam do encontro passado. O grupo aproveita para comentar timidamente o que ocorreu, dizendo que o clima ficou pesado, que houve atitudes ásperas. E que como a sra. Eliana já tinha conseguido o que ela queria (ficar com os amigos), então ela não precisaria ter aquela atitude infantil (fiquei surpreso com a perspicácia da Sra. Sonia, pois todos estavam divididos em suas tríades e implicados na tarefa, mas mesmo

assim, ela observou o comportamento da colega). A Sra. Olga pergunta se foi culpa dela o fato de os colegas terem desistido, e diz que irá pedir desculpas à Sra. Eliana se ela for à oficina de Dança Sênior, que aconteceria logo em seguida. Comentei que não havia um culpado, pois estávamos tentando conversar, nos entender e chegar em um acordo. Ela diz que irá pedir desculpas de qualquer jeito, pois quem fala o que quer, como ela, às vezes machuca o outro, e completa dizendo que só falou o que pensava não falou nenhuma mentira.

Pedi autorização para transcrever os materiais produzidos, e todos aceitaram. Aproveitei para solicitar que todos escrevessem suas reflexões, pensamentos e sensações no diário reflexivo, além das suas impressões sobre a mandala.

A monitora 3 (que só esteve presente neste e no primeiro encontro, além de não comunicar suas faltas, e nem a sua desistência como monitora) veio me dizer que as atividades estavam demorando muito para começar. Eu perguntei ao grupo, sem citar seu nome, o que eles achavam, a maioria achava que era bom conversar antes das atividades, e apenas duas pessoas achavam que estava demorando. A fim de chegar a um acordo todos concordaram em reduzir pela metade o tempo do café da manhã.

Sr. Xavier refletiu em seu diário:

“Esse encontro transcorreu calmo, a pedido do professor Fábio desenhamos mandalas, cada um com sua ideia, depois nós nos colocamos para discutirmos sobre elas dando nosso ponto de vista sobre as representações. Cada aluno falou sobre a sua mandala e o que representava em relação ao grupo. Achei muito importante cada pessoa falar sobre si e o que pensa do seu modo de vida, o que pensam sobre os colegas e as reflexões que fazem do passado. Foi bastante proveitoso.”

A Sra. Olga escreveu em seu diário reflexivo:

“Tivemos um café da manhã delicioso! Pão de coco, torradas com alho (“uma gostosura”), bolachinhas e uns pães de mel em formato de coração e recheados com coco, tudo com muito esmero, fora o chá e sucos. O mais importante é a comunhão de todo o grupo que até parece uma família que se ama.

Só faltaram três pessoas, justamente os três que não quiseram que houvesse sorteio para formar os grupos de “trabalhos”. Fiquei preocupada pensando que pudesse ter acontecido alguma coisa com eles, depois comecei a me sentir culpada, pois na aula passada eu falei que se não fosse feito o sorteio, haveria “panelinhas” e eles poderiam não ter gostado da minha opinião; então resolvi que na aula de “dança sênior”, onde eles também frequentam, caso eles estivessem presentes eu pediria desculpas, pois quem fala o que quer, na maioria das vezes, ouve o que não quer.

Fiz o que tinha resolvido. Na aula de “dança sênior”, verifiquei que dois deles haviam faltado. Só estava presente a Eliana. Quando terminou a aula cheguei-me a ela e disse que todos nós sentimos a falta deles no que ela respondeu que não viriam mais. Eu perguntei se haviam se magoado comigo e ela disse que sim. Pedi desculpas pedindo a ela que me perdoasse ela me abraçou, beijou, mas disse que não viriam mais. Fiquei triste por ter sido a culpada destas ausências, mas mesmo assim penso que não falei mentira alguma.

Agora, peço a todos que me perdoem o inconveniente que causei e se “pisar na bola” novamente, não me ofenderei se me chamarem a atenção, recriminando-me. Amo a todos e espero de coração que eles voltem, e que possamos viver todos em paz, amando-nos uns aos outros.

Durante a aula o prof. Fábio explicou-nos o que é “mandala” e mostrou-nos vários tipos diferentes e que podem ser em círculos, ou em espirais, depois pediu que cada um de nós fizéssemos nossas mandalas baseando em nossas vidas. Foi um momento muito comovente quando cada um de nós apresentamos o trabalho e pudemos notar que somos todos parecidos em algumas coisas e opiniões e também que nos respeitamos mutuamente.

Parabéns ao prof. Fábio e à sua equipe que coordena os trabalhos para que aproveitemos bem as aulas não extrapolando os horários.”

A Sra. Sonia escreveu:

“Aprendemos sobre a mandala que é o significado da nossa existência emocional e psicológica. Ela reflete o nosso estado de ânimo também as nossas alegrias e tristezas, e a experiência que ganhamos em tudo isso.

Trocamos experiência daquilo que já vivemos isso nos causou um sentimento muito bom. Eu me senti feliz e emocionada ao lembrar o que vivi e estou vivendo agora. É maravilhoso participar deste encontro, e estar compartilhando com os meus colegas da 3ª Idade, me sinto com a auto estima lá no alto.

Só posso agradecer de coração aos colaboradores que estão a nossa frente nesse encontro.”

O monitor 2, fez as seguintes anotações do encontro:

“Xavier: expressou satisfação em fazer parte do grupo, demonstrou, por meio da linguagem não verbal, que estava à vontade para expressar opiniões e conversar com os colegas, em relação ao desenho, realçou necessidade do auto conhecimento, presença do mecanismo de ação e reação e que a mandala comentada se expressava “de dentro para fora”.

Luciana: seu discurso foi direcionado no sentido de traduzir o prazer e satisfação que estava sentido por participar do grupo.

Márcia: “estou gostando muito de participar do grupo”, se identificou bastante com a Madalena e Alba. Explicou que a mandala representava um emaranhado, como a vida.

Bruna: relatou que fez um desenho circular, pois defende que “o mundo da voltas”.

Fernanda: “sou coração, humana, amorosa, primo pobre da família”. Relatou em tom de ansiedade que está gostando de participar do grupo.

Joana: disse fixando o olhar na Fernanda que adora as pessoas, a raça negra. Proferiu parte de sua história de vida em tom emocionado e chegou a chorar durante o seu pronunciamento. Disse que estava deprimida antes de entrar no grupo, mas, atualmente, já superou a depressão.

Alessandra: gostou muito da mandala da Sonia. Disse que está muito feliz.

O.: diz valorizar as coisas alegres, enfatizou que a vida é feita de coisas boas e ruins.

Natalia: relatou que está gostando do grupo, disse que “tudo na vida tem o lado bom e o lado ruim, se fechar não percebe o lado bom”.

Sonia: achou a mandala muito bonita, leu a mensagem da colega manifestando concordância e admiração, e disse “que a fé é a coisa mais linda”.

Etapa B

1. Recados Institucionais
2. Início da produção autobiográfica
3. Reiterar a produção do diário reflexivo.

Participantes Presentes: Bruna, Joana, Luciana, Fernanda, Márcia, Olga, Alessandra, Xavier, Natalia, Sonia

Monitores Presentes: 4, 5. (2 justificou que teria um evento relativo ao seu mestrado)

No dia anterior a professora Rosa (responsável pelo meu trabalho na UnATI) me ligou informando que deveríamos encerrar o café da manhã, pois este não estava previsto nas atividades da UnATI, e havia reclamações de que estávamos demorando muito para iniciar as atividades. Deu a opção de fazermos um café da manhã apenas no último dia. Informou-me que os monitores estavam sem saber o

que anotar dos encontros e preocupados com isso (eu enviei diversos e-mails a respeito das anotações, inclusive com exemplos de como fazê-lo, mas iria orientá-los novamente), comentou do episódio que havia ocorrido, e que resultou na desistência da Sra. Eliana e de seus amigos do curso. Finalizou dizendo que a monitora 1 não iria mais participar das atividades.

Ao chegar à sala, encontro a Sra. Fernanda sentada, esperando no banco que fica em frente. Entramos na sala e ela me fala que a atividade da mandala a emocionou muito, que ela quase colocou o coração para fora de tanta coisa que aquele desenho possibilitou ela pensar. Incentivei-a a falar mais a respeito do que havia pensado, e ela se reservou a falar que a atividade mexeu muito com ela, e que pensou muita coisa.

Durante o café da manhã, Dona Alessandra, comentou que ficou com Alzheimer após perder o seu marido, afinal foi um choque muito grande, pois o amava muito. Sonia e Natalia, que não se inscreveram oficialmente, e no dia da Aula Inaugural gostaram da proposta e vieram pedir para participar, comentam que primeiramente vieram ver como era, e disseram estar adorando frequentar os encontros, e que eles estavam fazendo muito bem a elas, comentam ter escolhido certo a minha oficina e uma outra, ambas ministradas por psicólogos.

Dou início às atividades do dia agradecendo a todos, e informando que não faríamos mais o café da manhã por questões institucionais. A Sra. Márcia diz que gostava do café, mas era melhor parar mesmo, a Sra. Bruna questiona a razão do término, eu explico que por questões burocráticas não poderíamos mais realizá-lo, a Sra. Sonia pergunta se nem no último encontro poderíamos organizar o café da manhã, e eu respondi que no último poderíamos combinar, mas que eu traria os comes e bebes.

Solicitei que eles se dividissem em trios, e pensassem na Infância em cinco eixos. Pedi para que eles comentassem o que poderia conter em cada eixo. No Familiar, disseram que poderiam falar dos avós, pais, padrinhos, tios e tias, no Escolar, dos professores, colegas, diretor, brincadeiras, e datas comemorativas, no Social, do padre, do prefeito, das festas, e dos colegas, no Profissional, o Sr. Xavier não achou agradável, e explicou que trabalhou desde os 8 anos de idade na roça,

Luciana diz que espantava pássaros da plantação com uma lata, como se ela fosse um espantalho, e Olga diz que nasceu na cidade de São Paulo, e apesar de não ser na zona rural, também trabalhou desde pequena. Ao passarmos ao eixo da Saúde, todos se lembram dos vermes que sempre pegavam, e depois os pais davam um forte vermífugo que os enfraquecia, e não bastasse isso, tinham que tomar óleo de fígado de bacalhau, que tinha um gosto horrível, para fortificar o corpo. Lembraram também do óleo de rinso (que servia para azia), e a Sra. Fernanda diz que pegou todo tipo de doença em sua infância, sem especificar quais.

Após pensarem por 15 minutos e escreverem sobre a infância, perguntei se eles lembravam as atribuições de cada papel (narrador, moderador e escriba), a resposta foi afirmativa. Solicitei que se dividissem em tríades, e demos início ao compartilhamento.

Na tríade da Dona Alessandra (portadora de Alzheimer), ela era deixada de lado no papel de moderadora, enquanto Márcia e Olga compartilhavam as suas histórias. Ao chegar a sua vez de contar sobre a infância (que ela já havia se esquecido da tarefa e contava sobre o marido), a sua prima Olga completava a sua história, ou entrava dizia que não havia acontecido daquele jeito.

Na tríade: Fernanda, Natalia, e Sonia, (as senhoras Natalia e Sonia eram as amigas que queriam ficar juntas), Sonia narra, Natalia escreve, e Fernanda modera. Esta última começa a conversar com a monitora 4, que expressa algumas opiniões pessoais e dá a atenção solicitada por Fernanda, que aproveita para confessar que escrever lhe causava dor de cabeça. No encontro anterior Natalia e Sonia comentavam com uma das monitoras, que cursaram o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), e ficaram envergonhadas ao perceberem que eu estava ao lado delas. Um comportamento interessante que eu percebi nesse trio, é que mesmo passando do tempo estipulado de 10 minutos para cada um, elas solicitavam que o moderador parasse de cobrar o tempo, a fim de que uma conseguisse terminar de narrar e a outra de escrever a história, além desse tempo a mais, elas respeitavam o ritmo particular de cada uma, adequando o ritmo de quem contava ao ritmo de quem escrevia. Esse comportamento proporcionou a elas a tranquilidade de fazer as coisas em seu tempo, além de encararem a barreira da escrita (onde elas tinham muita dificuldade, e que até causava dor de cabeça) com serenidade, sem

pressa e sem cobranças. Sonia me falou ao final do encontro que escrever o que sente está sendo um desafio muito gratificante, pois ela tem muita dificuldade em fazê-lo, mas está conseguindo.

No quarteto: Xavier, Bruna, Luciana e Joana, Bruna mostrava dificuldade em escrever, e o Sr. Xavier se mostrava paciente adaptando a sua fala ao ritmo da colega. Quando Bruna era a moderadora, ela parecia alheia à história, porém quando menos se esperava ela fazia uma pergunta a respeito do bairro que a pessoa morou, e comentava que passava por lá todos os dias para vir à UnATI. Enquanto Luciana moderava, ela virou e me perguntou o que era *tempo líquido* (Bauman, 2007), tentei mostrar a ela que o papel de moderadora era um dos mais importantes, pois ao ouvir atentamente a história contada e fazer perguntas, poderia se levar o narrador a lembrar outras coisas, refletir.

Quando todos terminam a atividade, solicito que abram a roda para conversarmos, e os participantes começam a se expressar. Comentam que houve pouco tempo, que eles escreveram uma redação e que não deu tempo para falar. Eu expliquei que o tempo era fugaz mesmo, e solicitei a eles que escrevessem em casa tudo o que eles conseguissem se lembrar da infância. Mais tranquilos, eles disseram que compartilharam muito de sua vivência com os outros, independentemente do local onde moravam no interior ou no centro, falaram que foi bom lembrar das coisas que estão no “fundo do baú”. A Sra. Luciana sempre fala dela e não abre espaço para os outros quando começa a falar, conta a sua história, o que faz da vida, etc.

Reitero o pedido para que todos escrevessem em casa a autobiografia da infância e o diário reflexivo.

Encerro o encontro, por conta do tempo. O senhor Xavier veio até mim e comentou que foi uma pena acabar com o café da manhã, e que havia outra oficina onde também haviam proibido que o café da manhã ocorresse. Comenta também que já sabia que o trio de japoneses não viria mais, pois conviveu com muitos japoneses na infância e que se tratava de um povo muito rígido. Eu falo que alguns são assim mesmo, e perguntei se ele não conhecia outros mais maleáveis, ele responde que é difícil encontrar indivíduos maleáveis.

A Sra. Olga veio me falar que encontrou com a Sra. Eliana na oficina de Dança Sênior e pediu desculpas, dizendo à ela que todos estavam com saudades. Dona Eliana não falou nada e lhe deu um abraço com os olhos marejados, porém disse que não voltaria mais. Olga relata que comentou com seu pastor sobre o ocorrido e que o mesmo teria dito que Eliana estava esperando uma desculpa para desistir, e que usou dessa oportunidade para sair do grupo. Olga reitera que foi sincera ao falar o que pensava, e não mentiu em momento algum. A participante estava com a voz rouca, e com uma aparência muito abatida, perguntei se estava tudo bem, e ela respondeu que estava doente, gripada, mas fez questão de vir, por causa do meu pedido (para que não faltassem), e em respeito aos colegas. O seu comprometimento com os colegas foi espetacular.

Sr. Xavier escreve em seu diário:

“Nesse encontro, após o lanche, nos colocamos em grupo de quatro pessoas para escrevermos um pouco sobre a infância de cada um. Em meu grupo ficou a Luciana, Bruna, Joana e eu. Todos tiveram algum tempo para o relato breve de suas infâncias. Depois nos colocamos em círculo para falar os relatórios. Cada qual pode falar sobre reminiscências, muitas até chegaram às lágrimas. Achei o encontro muito bom, pois cada um com sua história, poder conta-la faz muito bem para quem conta e para quem ouve, pois existem histórias semelhantes, com passagens quase iguais.

Comparo a vida a um grande teatro, somos os atores, sempre chegamos ao palco sem ensaiar, precisamos sempre de espectadores, sem os quais a peça seria nula. Nesse teatro acontece o desenrolar das cenas: amor, de ódio, sorrimos e fazemos sorrir, choramos e fazemos chorar. No final do espetáculo, ao cerrar o pano então poderá se ver se fomos bons atores, se seremos aplaudidos ou apupados.

Na aula de hoje percebi pelo semblante dos colegas nas revelações de partes das suas infâncias, que gestos tão pequenos do passado, hoje se tornaram grandes, grandes a ponto de nos sentirmos aliviados em dividir com os outros.

Relembrar o passado é viver duas vezes”.

Sra. Luciana reflete em seu diário:

“Das Atividades:

Excelente: O ser humano renasce sempre. Essas atividades, nos levam a um passado de extrema felicidade, que é a infância, nessa há muita inocência, porquanto mesmo que tenha havido momento difícil a inocência fala mais alto.”

Após o término do encontro, me reuni com os monitores, para conversar. Expus a eles que sempre que alguém estiver se sentindo “solto” ou com alguma dúvida, que viesse falar comigo, uma vez que eu sempre deixei as portas abertas ao diálogo, pois fazia parte da minha formação. Solicitei que tentássemos solucionar dialogando entre nós e quando fosse necessário levaríamos a questão para a professora Rosa. Informei ainda que as supervisões quinzenais poderiam ser realizadas semanalmente, se eles preferissem.

Uma das monitoras sugeriu que eu estabelecesse um tempo para que cada um falasse, pois Luciana e Márcia não paravam de falar, e nem abriam espaço para os outros, dando o exemplo de Bruna, que não tinha oportunidade de expor nada. Eu disse que era angustiante mesmo aguentar esse habitar do espaço o tempo todo e não se retirar nunca de cena, mas que deveríamos refletir sobre esse comportamento. Ele estava a serviço de que, o que ele nos comunicava em relação à Luciana e Márcia? Deveríamos pensar também se aquilo estava incomodando as outras pessoas, e se sim, qual o movimento do grupo, por que ninguém interferia em sua fala? E propus que aguentássemos mais um pouco a situação angustiante para que colhêssemos as respostas durante o processo que estava apenas começando. Expus que na perspectiva adotada, o movimento de sair de nós mesmos (nossa dor, nosso amor, nossa visão de mundo) e ir de encontro ao outro, visitando o seu modo sui generis, e a sua vivência (como é a sua dor, o seu amor e a sua visão de mundo), era valorizado. Apesar do incômodo pouco a pouco as monitoras se aproximavam da proposta do manejo do encontro.

Aproveitei para solicitar que a partir deste momento, elas ficassem mais à sombra, sem emitir suas opiniões pessoais, para que os participantes pudessem

imprimir os seus tons e ritmos, e não ficassem tão dependentes deles. Elas concordaram.

Etapa B

1. Autobiografia: Adolescência.
2. Discussão da Atividade.
3. Explicar sobre o Diário Reflexivo mais uma vez.

Participantes Presentes: Bruna, Joana, Luciana, Fernanda, Márcia, Xavier, Sonia (Natalia avisou que tinha médico)

Monitores Presentes: 2, 4, 5.

Dou início ao encontro informando que a Sra. Olga estava com suspeita de trombose na perna direita, e não estava conseguindo andar. Ela iria se tratar e pretendia voltar às atividades o mais rapidamente possível, e que por consequência, a Sra. Alessandra também não iria mais vir, pois como é portadora da doença de Alzheimer, não pode ir a nenhum lugar desacompanhada.

A Sra. Sonia me avisou que sua amiga Natalia não veio, pois tinha uma consulta médica marcada antes de começarmos as atividades, e que se cancelasse, teria que esperar meses até a próxima consulta. Bruna diz não ter tempo de redigir o diário reflexivo, mas que iria tentar no final de semana, e Luciana se compromete a escrevê-lo.

Li o Termo de consentimento, esclareci as dúvidas, e solicitei a todos que o preenchessem e o assinassem. Todos gostaram da ideia de ter um documento que os protegesse, já que em outros lugares não o fazem.

Dei continuidade solicitando que eles pensassem na adolescência nos cinco eixos: Familiar (as pessoas mais importantes continuavam as mesmas?), Saúde (o corpo estava mudando?), Escolar (algo mudou?), Social (continuava frequentando os mesmos lugares?) e Profissional. Enquanto escrevia na lousa os eixos, eles comentavam que no aspecto escolar eles poderiam falar dos diferentes professores, no Social, poderiam falar da paquera na pracinha, onde os meninos andavam de um lado e as meninas de outro numa grande roda, a fim de todos verem e serem vistos, além de poder “dar linha” (olhar de paquera), e quando comentei do Profissional, a Sra. Sonia falou que começou a trabalhar aos 15 anos na Água Rasa, e que lá havia uma pracinha onde todos se paqueravam, Fernanda a interrompe para dizer que naquele tempo mulheres não virgens eram proibidas de ficar na companhia das outras, e Sonia lembra que quando o ato ocorria, ambos tinham que casar imediatamente, que podia até virar um caso de polícia ou de morte. Luciana comentou que essa atitude era mais para proteger a honra do pai, e não para proteger as filhas. Ao falar no quesito saúde, Xavier dizia que não havia tantos médicos como hoje, e que todos iam ao farmacêutico, que era a pessoa mais inteligente, e estudada da cidade, conta rindo que o farmacêutico os examinava com o estetoscópio, apesar de não saber usá-lo. Luciana relatou que ia nas benzedeiras, Sr. Xavier adiciona que elas cuidavam do “outro lado”, e dona Sonia toma a palavra para informar que antes não havia tantos remédios, e quando alguém ficava doente, os evangélicos (caso dela) iam à igreja, onde curava-se na base da oração. Comentam sobre a finitude da vida e a diferença de épocas, dizendo que antigamente o corpo do defunto era velado na própria casa, e todos os vizinhos e as crianças presenciavam e compartilhavam a tristeza, e desde cedo se entrava em contato com a morte. Falam com um tom de crítica que hoje ninguém é velado em casa, mas no crematório, ou cemitério, e ninguém mais leva as crianças a esses locais, pois elas ficariam assustadas. Eles se incomodam dos mais novos não poderem entrar em contato com uma dimensão tão natural da vida, pelo menos na época deles. Compartilham que era comum ver a pessoa nascer e morrer, e quantas vezes eles não viram seus irmãos morrerem nos braços de suas mães, e a

mortalidade era um dos motivos pelos quais os pais demoravam a registrar as crianças, para ver se vingavam ou não. Comentam que é uma pena, mas hoje as crianças não tem mais essa vivência, elas são tratadas como seres muito frágeis, onde não pode isso, nem aquilo.

Comento que são importantes mudanças que eles percebem entre as gerações, e que é muito interessante de ouvi-los. Após 20 minutos, eles se dividiram em um trio e um quarteto, dando início ao compartilhamento das histórias. Antes de começarem, aproveitei para frisar um aspecto que observei no encontro passado, onde os moderadores ficavam conversando com os monitores, solicitando que eles lessem seus próprios relatos, e não se abriam para os companheiros de grupo. Reiterei que o papel do moderador não era apenas de controlar o tempo, mas também prestar atenção e ser um instrumento de reflexão, através das suas perguntas. Avisei também que como eles já haviam praticado o mecanismo, os monitores ficariam à sombra, sentados e tomando nota apenas. Deixei claro que a qualquer momento eles poderiam pedir para ver o conteúdo das anotações, tanto as minhas quanto a dos monitores.

O quarteto era composto por Xavier, Joana, Bruna e Luciana. Quando Xavier era no narrador e Joana a escriba, eles não compartilhavam muito com os outros, se preocupando com a tarefa de narrar e escrever, Bruna e Luciana (moderadoras) estavam dispersas. Quando Xavier era o escriba e Luciana a narradora, ela conseguiu coletivizar a história e todos se interessaram, e participam, com Bruna fazendo perguntas sobre o que era falado. No arranjo onde Joana era a narradora, ela reclama que nunca dá tempo de contar a sua história, desde a primeira tríade (no primeiro encontro, Joana chegou atrasada, e ficou com medo que não desse tempo dela falar e mostrava esse medo através de gestos e de seu rosto, eu inclusive disse para ela não se preocupar que iria dar tempo dela se apresentar). Bruna se voluntaria para escrever a história de Joana, enquanto compartilham, o Sr. Xavier modera, e Luciana após ler documentos alheios a atividade, levanta, sai do quarteto, vem ao meu encontro solicitar para que eu lesse a sua folha, pois não quis compartilhar aquelas informações com os outros. Eu disse que iria guardar aquela folha juntamente com os diários reflexivos e leria depois. Perguntei qual era o papel dela no grupo, e a mesma respondeu que não havia problema, pois estava apenas

controlando o tempo... Incentivei-a a voltar ao grupo. Na última formação, Sr. Xavier é o escriba, e Bruna é a narradora. Durante a sua participação como moderadora, a Sra. Bruna parece distraída, e retraída, porém mostra estar prestando atenção ao fazer perguntas quando menos se espera. Ao contar a sua história, Bruna se transforma, e a conta de maneira gostosa, macia, com prazer, sorrindo, o que faz com que todos prestem atenção. Todos interagem e se identificam, fazendo perguntas. O movimento da narrativa é interrompida pelo Sr. Xavier, que apressa a narradora, dizendo que não dará tempo de contar tudo, o mesmo continua controlando o tempo, e eixo de vida a ser contado.

No trio composto por Fernanda, Sonia e Márcia, Sonia começou como narradora, Fernanda escriba e Márcia moderadora, após terminar a narrativa, uma lia para a outra o que havia sido escrito. No arranjo em que Márcia era a narradora, Sonia a escriba e Fernanda a moderadora, um ocorrido interessante foi o momento em que Márcia disse que cursava o 4º ano, e Sonia a corrige dizendo que agora era chamada de 4ª série, Márcia retrucou dizendo que na sua época era 4º ano, e que iria narrar como se fosse aquele tempo. Sonia aceitou a justificativa e escreveu 4º ano. O tempo chega ao fim e a Sra. Fernanda avisa que agora é a vez dela narrar, Sonia e Márcia a ignoram e continuam a atividade. Fernanda olha para o monitor 2, esperando por uma intervenção, porém ele não faz nada. Depois de algum tempo, ela avisa novamente que o tempo acabou, Sonia e Márcia a ignoram novamente e resolvem ler uma para outra o relato narrado, o que leva mais um tempo. Quando terminam e solicitam que Fernanda narre a sua história, ela não quer compartilhar, dizendo que está com muito sono, a ponto de não se aguentar de pé. Suas colegas perdem a paciência e reclamam que ela não quer narrar, mas que viram ela escrevendo algo em sua folha e olham na direção do monitor 2. O monitor pergunta se ela não gostaria ler o que escreveu, Fernanda pega a folha onde escreveu a sua história de vida e diz que rascunhou algo, as colegas insistem mais um pouco e ela aceita compartilhar sua história. No início, seu ritmo de narração é rápido, mas aos poucos se adapta ao ritmo de escrita da Sra. Márcia. A narradora finaliza rapidamente o seu relato, e as colegas solicitam que ela fale mais um pouco, mas Fernanda diz que aquilo é tudo e Sonia pontua que ainda há 10 minutos. As companheiras então tentam perguntar sobre a vida dela nos 5 eixos, e ao chegar no eixo profissional, Fernanda se anima e começa a falar que atualmente cuida de

crianças, mas que na adolescência trabalhou muito, por isso não tem muito o que contar. Ao final o relato da narradora é lido pela escriba. Após escutar o próprio relato, Fernanda diz que talvez cuide e defenda as crianças, por causa das situações que passou na vida, reflete e discorre um pouco sobre isso. Ainda restam 5 minutos, e o trio começa a conversar sobre outros assuntos.

Ao abrir a roda para falar da atividade, todos dizem que foi interessante, mas reclamam do tempo, dizendo que é muito rápido. Acolho as reclamações e solicito que escrevam as memórias em casa, comentando que o tempo é curto. Luciana pede a palavra e narra as lembranças de seu pai e dos momentos maravilhosos que viveu ao lado dele, o Sr. Xavier lê parte do relato de Luciana, que se emociona, e toma o tempo todo da discussão para falar de si própria, não abrindo espaço para que outros também compartilhem suas memórias.

O encontro chega ao fim, e a Sra. Fernanda veio conversar comigo. Comentou que os encontros estão sendo muito bons para ela, e que está animada, pois faz bem, fala que sai dos encontros mais leve, mais centrada, e me desejou um bom final de semana.

Sr. Xavier refletiu em seu diário:

“Sempre achei e acho que viver muito, ter uma longa história de vida e essa história não ser passada pra ninguém é como se o indivíduo não tivesse vivido, motivo pelo qual procuro fazer parte desses encontros. Nesses encontros poder dividir parte do que sabemos, do que vivemos, do que presenciamos no decorrer do tempo me faz feliz. Saber que parte da nossa história estará escrita em algum lugar e não morrer como anônimo. Ao contar parte da minha infância aos colegas, percebi que tenho, apesar de sermos de lugares diferentes, histórias que se aproximam das histórias dos colegas. Vejo que costumes e tradições às vezes se entrelaçam.”

Luciana conjecturou:

“O professor Fábio pediu que escrevêssemos tudo o que sentimos, pensamos e achamos da aula de hoje. Devo dizer que, como sempre me senti muito bem, penso que minha cabeça está cada dia melhor, acho essas aulas muito saudáveis,

pois nos dá a oportunidade de lembrar coisas que estavam esquecidas lá no fundo do baú e falar disso tem me feito muito bem.”

Em conversa com os monitores, uma delas, justamente a que mais entrevistava com suas opiniões pessoais, sentiu a diferença qualitativa que se deu neste encontro, pois ao ficar à sombra, os idosos puderam se organizar, ganhar mais autonomia e independência, ou seja, estavam dando a forma ao grupo, mostrando mais as suas cores e os seus ritmos, se implicando.

O monitor 2 teve as seguintes percepções:

“As pessoas idosas observaram atentamente a leitura do TCLE pelo Fábio, retiraram dúvidas e assinaram o documento proposto sem demonstração de rejeição ou desconfiança. O senhor Vital frisou a importância da existência de documentos que oficializam os direitos e deveres.

Os idosos, de maneira geral, estão perdendo a inibição de falar em grupo e o entrosamento entre eles parece ser satisfatório. Todos expressaram satisfação e empolgação sobre a possibilidade de se ter uma conversa sobre a adolescência.

No momento inicial, os integrantes do grupo discursaram com o objetivo de apontar diferenças entre os costumes remotos e atuais, sem necessariamente perpassarem objetivamente por representações da adolescência. São orientados e se dividem em dois grupos.

Grupo: Fernanda/Sonia/ Márcia

Os participantes se revezaram na redação dos discursos e demonstraram maior familiaridade com o método adotado. No tocante à linguagem não verbal, Fernanda parece ter dificuldades para escrever, pois se mostra um pouco impaciente com as atividades que necessitam de escrita. O grupo é bastante solidário e fala de maneira pausada e detalhada para que Fernanda não se perca nas suas anotações.”

Etapa B

1. Autobiografia: Vida Adulta
2. Discussão da atividade.

Participantes Presentes: Bruna, Joana, Luciana, Fernanda, Márcia, Xavier, Natalia, Sonia

Monitora Presente: 5. (2 justificou que teria um compromisso relativo ao mestrado)

Eu estava com dor de cabeça, dor de garganta e sem voz, pois naquela manhã acordei com crise de sinusite, mas como não seria possível avisar os participantes a tempo, achei justo ir ao encontro e deixar para ir ao pronto socorro depois dele.

Como não conseguia falar, eu escrevia as instruções na lousa e a monitora 5 explicava a atividade ao grupo. Solicitei que eles se dividissem em um trio e um quarteto, e pensassem na Vida Adulta, nos cinco eixos: Familiar, Escolar, Social, Profissional e Saúde. Após 15 minutos, deram início ao compartilhamento.

No quarteto, Luciana foi a escriba, Bruna e Márcia as moderadoras, e Fernanda a narradora. Ao chegar o momento da próxima pessoa compartilhar a sua história, Fernanda diz que a sua caligrafia não é bonita, então decidem que Luciana irá narrar e Márcia irá escrever. O ritmo da fala de Luciana é muito mais rápido que a escrita de Márcia, que pergunta continuamente o que Luciana narrou, esta não leva em conta o comentário da colega e tenta continuar a narrativa, porém Márcia a interrompe e solicita que repita (desde a parte que ela parou de escrever). Passado algum tempo, Márcia solicita que Luciana resuma a sua narrativa, por conta do tempo. Ao terminar o relato, Márcia inicia a leitura do que foi escrito (como está

acostumada a fazer), porém a narradora prefere que ela não o faça. Enquanto Márcia narrava, e Bruna escrevia, Luciana, fazia o papel de moderadora, porém estava anotando algo em um pedaço de papel, que foi encaminhado para a Sra. Fernanda, provavelmente a respeito do que foi dito anteriormente (vida amorosa de Fernanda). Enquanto isso, Márcia seguia o ritmo da escrita de Bruna ao narrar a sua história.

Luciana pergunta se Fernanda escreveria o relato de Bruna, a mesma aceita. Bruna dá à sua narrativa o ritmo da escrita de Fernanda.

No outro trio, o Sr. Xavier solicita que a Sra. Sonia anote em forma de tópico a sua narrativa assim como ele tinha feito, a fim de que ficasse mais fácil. Ele comenta em tom de brincadeira que se acharem que algo é mentira, as colegas poderiam questionar a respeito (no primeiro encontro, o Sr. Xavier me perguntou se deveriam falar sempre a verdade, ou se poderiam contar uma mentirinha, ou aumentar um pouco a história para que ela ficasse mais bonita). O Sr. Xavier dita o ritmo ao contar a sua história, e ao chegar no eixo profissional ele fala orgulhoso do curso de auxiliar de enfermagem que fez na Santa Casa de Misericórdia, continua seu relato dizendo que teve muita saúde até os 60 anos. A moderadora Natalia visa que ele possui mais 2 minutos, o que o faz passar ao eixo social, porém retorna à área profissional, dizendo que foi pintor de parede, servente de pedreiro e auxiliar de enfermagem. O Sr. Xavier pergunta quanto tempo ainda tem, pois tem mais uma “coisinha” para falar, ele instrui a escriba a maneira de escrever: “Você coloca assim em relação à infância...”, o narrador pergunta à moderadora se o horário deu certo, a mesma informa que sim, e a escriba continuou escrevendo por mais algum tempo. Ao trocar os papéis, enquanto Sonia narrava a sua história, o moderador Xavier pontuou: “Olha o tempo!”, e passados alguns minutos, a escriba Natalia, em forma de pergunta diz: “Fim?”, a narradora retruca: “Fim não!”, o Sr. Xavier então solicita que ela passe para o eixo escolar, e a narradora continua compartilhando a sua história seguindo o ritmo de escrita do escriba. O moderador pontua que ela deve contar apenas o essencial, a narradora acata a sugestão e passam para o eixo social, e após discorrer mais um pouco, Sonia se apressa para ela mesma finalizar a rodada dizendo: “agora acabou!”. Natalia após terminar de escrever, pergunta se o tempo já acabou, e Xavier diz que não. Sonia aproveitou para completar a sua narrativa

dizendo “faltou escrever o *muito feliz* no final” e assim que a escriba registra as palavras, a narradora sinaliza o encerramento, dizendo: “Fim”. Agora é a vez de Natalia ser a narradora, e antes de começar, comunica o medo de não ter assunto, sua amiga Sonia que será a moderadora a acalma dizendo para ficar tranquila, que com o tempo as lembranças apareceriam. Natalia inicia sua fala discorrendo sobre uma cirurgia que realizou, e comunica toma remédios até hoje, o Sr. Xavier pontua que se ela não quisesse falar qual cirurgia, que ela não precisaria, e a mesma prefere não falar. A narradora muda de assunto e pergunta qual o próximo tópico, o Sr. Xavier diz que é o eixo social, e após falar um pouco a respeito da vida social, Natalia solicita que Xavier escrevesse: “etc”, e diz que tem mais coisas, mas não sabe, não se lembra... A moderadora diz que ela só usou cinco minutos do tempo e o escriba e a moderadora sugerem que ela fale sobre a UnATI, ela gosta da sugestão e fala bastante sobre o assunto, sua amiga Sonia comenta brincando que o tempo está rendendo. A narradora fala sobre seu trabalho de consultora de cosméticos, e depois da infância e da adolescência. Relata que naquele tempo já queria ser gente grande, sua amiga Sonia ri e diz: “abusada”. Conta que usava batom e “rouge”, que hoje se chama “blush”, como maquiagem, e que também passavam batom no rosto quando não tinham um blush disponível. Comunica que a sua narrativa acabou, e Sonia avisa que ainda há 2 minutos, Natalia se lembra que não comentou sobre a profissão de seu pai e o faz. Passados os 2 minutos, o Sr. Xavier, se preparando para a finalização do encontro, começou a datar e nomear as folhas para entregá-las à narradora. Ao terminar de devolver as narrativas aos respectivos narradores, os participantes conversavam sobre como os encontros estavam sendo proveitosos, dizendo que o bom disso tudo era ter a possibilidade de passar a sua história para alguém, se não, não adiantaria de nada, “é como se você não tivesse existido” (Sr. Xavier), a Sra. Sonia concorda dizendo que não adianta nada guardar a história no “fundo do baú”. Sr. Xavier disse que a importância dos encontros morava no fato de compartilharem as histórias nos trios e depois poderiam passá-las aos filhos, netos, etc. (em encontros posteriores, ele comunicou que os ateliês trouxeram a inspiração e a vontade de escrever um livro de memórias sobre a própria vida), Sonia pontuou que no passado ouvia mil vezes uma mesma história, e que a cada vez que ouvia, ela achava mais e mais interessante e rica. O Sr. Xavier os alerta para que tenham cuidado ao contar as próprias histórias, por exemplo, não é porque se frequenta a mesma religião, que se pode contar tudo, pois

pode ser perigoso. Ele diferencia o espaço dos encontros, do espaço religioso, e dá o exemplo de que não importa se ele comentou algo com a sua esposa, uma vez que ela não conhece nenhum dos componentes do grupo, ninguém a conhece, não frequentam os mesmos lugares, e nem tem amigos em comum. Sonia retoma a sua fala e compartilha que seus filhos reclamam quando ela repete histórias mais de uma vez, dizendo: “Ai que chato!”, ou “De novo essa história?”, e aproveita para lembrar que cada vez que escutava uma mesma história da sua avó, a achava mais linda, porém percebe que hoje as pessoas não estão interessadas em ouvir finalizando com o comentário de que a história é o que os formou, por mais enfadonha que ela seja, e por isso é tão importante. Sr. Xavier retomando a sua fala, comenta sobre a importância do termo de consentimento livre e esclarecido, pois os protege e ninguém poderia fazer mal a eles, já que suas identidades estavam resguardadas e poderiam solicitar a qualquer momento que o material produzido não fosse utilizado no trabalho, além de ter os telefones dos comitês de ética, do orientador do mestrado e da professora responsável na EACH-USP, o que dava segurança e seriedade ao processo.

Abrimos a roda para conversar sobre o a atividade do dia. Sr. Xavier deu início falando que esse trabalho é muito importante, mas o pouco tempo impede de contar o mínimo da vida, mas que era bom para compartilharem alguns aspectos dela. Sonia diz: “A gente acha que não vai ter nada para contar, mas na hora vai, lembramos de diversas coisas” e Márcia diz que as coisas explodem dentro deles. Sonia completa que eles se sentem enriquecidos quando saem de cada encontro.

Luciana pede a palavra e expõe a todos a história sentimental que Fernanda havia compartilhado no grupo, afirmando que ela deveria aceitar o pretendente. Eu esperei para ver a reação de Fernanda, que se mostrou um pouco desconfortável com o comentário da colega, mas logo em seguida, deu prosseguimento ao tópico. As pessoas (Luciana, Márcia e Xavier) tentam dar conselhos a Fernanda, na maioria das vezes enfatizando a opinião de que ela deveria se arriscar num relacionamento amoroso. Como as opiniões estavam muito incisivas quanto a atitude que Fernanda deveria tomar, escrevi em meu caderno a intervenção a ser realizada e entreguei à monitora 5. Ela leu, refletiu, e transmitiu ao grupo o que eu havia escrito, pontuando que não havia certo ou errado, algo que deveria ser feito obrigatoriamente, uma vez

que cada um tem uma vivência, seu modo particular de pensar, de agir e o seu tempo. No processo de escolha diversas coisas deviam ser levadas em conta, pois quem teria que lidar com as consequências de cada ato seria a própria pessoa. Encerramos o encontro com essa fala, que deu alívio à Fernanda.

Sr. Xavier escreveu em seu diário:

“O professor se encontrava gripado, a Taiane coordenou o encontro.

Nós nos reunimos em grupo para escrevermos um pouco sobre a nossa fase adulta. Percebi nos relatos dos participantes do meu grupo que muitas coisas que carregamos pela vida nos fazem pequenos. Esses encontros nos possibilitam retirar do baú, coisas que julgamos sepultadas. Consegui perceber em alguns olhos levemente marejados, tristezas por sentirem que fizeram escolhas erradas e me perguntei: Será que erramos mesmo? Será que poderíamos ter feito diferente? A idade madura nos faz pensar se erramos ou acertamos, e se erramos: o que deu errado? O que importa é que sobrevivemos com ou sem traumas para poder relatar para pessoas desconhecidas, fatos da nossa vida, e com isso, poder dividir parte do peso que carregamos. Lembrar que, o que não perdemos nós os temos; não perdemos a coragem, não perdemos a esperança, não perdemos a alegria então, apesar de termos perdido muito, não podemos tudo, e o que sobrou é o que nos alavanca para seguir no tempo que nos resta.”

E dona Márcia refletiu:

“Formamos grupos para relatarmos coisas de nossas vidas, “não dá para falar muito, pois o tempo é curto”, “mas é muito bom porque relembramos muita coisa que até então estavam esquecidas.

Engraçado, não consigo relembrar coisas ruins. O professor estava meio doentinho, com a garganta inflamada, e por isso quase não falou. Mas passou um bilhetinho assim: “Quanto mais vocês conseguirem escrever, lembrar, sentir é melhor”. Gostei muito e estou me esforçando bastante e isso está me fazendo muito bem.

A cada dia de atividade (aula) minha cabeça melhora mais. Na próxima semana não haverá aula, pois é feriado!...

Agradeço a Deus por encontrar essa faculdade com a dedicação dos professores, principalmente o Fábio que é excelente professor.”

Ao final do encontro, a monitora 5 me informou que como está no último ano, possui a iniciação científica para finalizar, é representante discente e membro da empresa júnior, não poderia mais continuar como monitora, pois estava fazendo muita coisa e não estava dando conta, mas continuaria se os horários não fossem conflitantes (as reuniões da empresa júnior iriam ser no mesmo horário dos encontros).

Etapa B

1. Autobiografia: Vida Hoje
2. Discussão da atividade.

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia (Bruna não conseguiu levantar da cama por causa de dores nas costas, e Xavier enviou um e-mail avisando de um compromisso familiar e Luciana estava substituindo uma funcionária que entrou de férias na ONG onde trabalha)

Nenhum monitor presente a partir desta data.

Eram 8:10 e ninguém havia chegado. Às 8:20 chegam Márcia e Fernanda, que perguntam: “Cadê o pessoal?”, e eu respondo que não sabia. Falo que estava

frio e talvez isso tenha atrasado um pouco as pessoas. Comento como a EACH-USP era gelada, e Márcia explica que o local (próximo ao aeroporto de Guarulhos) era um brejo, por isso que é tão frio. Dona Márcia continua a conversa com Fernanda, onde a ensinava a preparar cubinhos para temperar os alimentos utilizando pés de galinha e temperos naturais (salsinha, tomate, manjerição, pimenta, etc), quando estava terminando a explicação, chegam as Sras. Natalia e Sonia. A Sra. Márcia solicita que eu indique uma oficina da UnATI para que ela curse no segundo semestre, eu digo que não conhecia os outros cursos, e pergunto ao grupo quais eles indicavam. Sonia diz que só fazia a minha “aula” e a da outra psicóloga, professora Samila, mas que no semestre que vem gostaria de continuar o curso de computação, informando que a sua amiga Natalia irá fazer o primeiro módulo. Márcia, apesar de ter perguntado não presta muita atenção, e Sonia dá dicas de como se inscrever, do que falar, etc. Fernanda diz que gostaria de comprar um notebook, porém lhe falta “vontade” (faz mímica com a mão de que na verdade lhe falta dinheiro).

Falo que o tema do dia era a Vida Atual, e enquanto eu escrevia na lousa os eixos que seriam trabalhados, as senhoras iniciaram uma conversa lembrando o passado, falavam de costumes, de comidas, etc. Como havia um grupo menor de pessoas, elas estavam interagindo de modo diferente das outras vezes, e ao terminar de escrever na lousa, todas continuavam conversando de modo prazeroso, animado, compartilhando suas histórias. O movimento iniciado pelas participantes, fez com que elas pedissem para passar a compartilhar com todo mundo, num grupo grande, e sem escrever, apenas falando. A fim de que o jogo continuasse, e que as bolas de sabão voassem alto, concordei com a proposta de continuar o compartilhamento no grupo. Quando digo que o jogo deve continuar para que as bolas de sabão voem alto, me refiro à crônica de Rubem Alves intitulada Tênis X Frescobol:

“Depois de muito meditar sobre o assunto concluí que os casamentos são de dois tipos: há os casamentos do tipo tênis e há os casamentos do tipo frescobol. Os casamentos do tipo tênis são uma fonte de raiva e ressentimentos e terminam sempre mal. Os casamentos do tipo frescobol são uma fonte de alegria e têm a chance de ter vida longa.

Explico-me. Para começar, uma afirmação de Nietzsche, com a qual concordo inteiramente. Dizia ele: “Ao pensar sobre a possibilidade do casamento cada um deveria se fazer a seguinte pergunta ‘Você crê que você seria capaz de conversar com prazer com esta pessoa, até a sua velhice?’ Tudo o mais no casamento é transitório, mas as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar.”

(...) O tênis é um jogo feroz. O seu objetivo é derrotar o adversário. E a sua derrota se revela no seu erro: o outro foi incapaz de devolver a bola. Joga-se tênis para fazer o outro errar. O bom jogador é aquele que tem a exata noção do ponto fraco do seu adversário - e é justamente para aí que ele vai dirigir a sua cortada - palavra muito sugestiva, que indica o seu objetivo sádico, que é o de cortar, interromper, derrotar. O prazer do tênis se encontra, portanto, justamente no momento em que o jogo não pode mais continuar, porque o adversário foi colocado fora de jogo. Termina sempre com a alegria de um e a tristeza de outro.

O frescobol se parece muito com o tênis: dois jogadores, duas raquetes e uma bola. Só que, para o jogo ser bom, é preciso que nenhum dos dois perca. Se a bola veio meio torta, a gente sabe que não foi de propósito e faz o maior esforço do mundo para devolvê-la gostosa, no lugar certo, para que o outro possa pegá-la. Não existe adversário porque não há ninguém a ser derrotado. Aqui ou os dois ganham ou ninguém ganha. E ninguém fica feliz quando o outro erra - pois o que se deseja é que ninguém erre. O erro de um, no frescobol, é como ejaculação precoce: um acidente lamentável que não deveria ter acontecido, pois o gostoso mesmo é aquele ir e vir, ir e vir, ire vir... E o que errou pede desculpas, e o que provocou o erro se sente culpado. Mas não tem importância: começa-se de novo este delicioso jogo em que ninguém marca pontos...

A bola: são as nossas fantasias, irrealidades, sonhos sob a forma de palavras. Conversar é ficar batendo sonho pra lá, sonho pra cá...

(...) Tênis é assim: recebe-se o sonho do outro para destruí-lo, arrebatá-lo, como bolha de sabão... O que se busca é ter razão e o que se ganha é o distanciamento. Aqui, quem ganha sempre perde.

Já no frescobol é diferente: o sonho do outro é um brinquedo que deve ser preservado, pois se sabe que, se é sonho, é coisa delicada, do coração. O bom ouvinte é aquele que, ao falar, abre espaços para que as bolhas de sabão do outro voem livres. Bola vai, bola vem - cresce o amor... Ninguém ganha para que os dois ganhem. E se deseja então que o outro viva sempre, eternamente, para que o jogo nunca tenha fim..."

A conversa inicial foi a respeito de como os transportes haviam mudado com o passar do tempo, falavam que antigamente não havia metrô, apenas ônibus, e que elas sofriam, pois os ônibus iam lotados, com as portas abertas e as pessoas penduradas para fora deles, comentam que hoje não existe mais isso, e que eu não peguei essa época. Informo que quando era pequeno as pessoas seguiam penduradas nos ônibus mesmo. Sonia contou que trabalhava em um grande banco da Avenida do Estado, fazendo faxina, para isso acordava todos os dias às 4 da manhã, deixava as suas filhas de 9 e 13 anos, e o seu filho de 4 anos para ir trabalhar, ela trabalhava das 06:00 às 14:30. Márcia conta que seu filho trabalhava próximo à Praça da Sé, porém naquela época o metrô Sé não existia, então ele descia no metrô Brás, e ia a pé até o trabalho. Sinto um estranhamento e pergunto se o Metrô começou do bairro para o centro e elas dizem que ele foi sendo construído aos poucos, e que a Sé foi inaugurada após a estação Brás. Fernanda diz que trabalhava no setor de limpeza, em uma metalúrgica na cidade de Capuava. Perguntei onde ficava Capuava, e elas me disseram que ficava entre Santo André e Mauá.

Lembram-se que naquela época, havia "trombadinhas", e que hoje eles não existem mais. Contam que eles tinham a "mão leve", e que quando você menos esperava, "o safado já tinha cortado a sua bolsa inteira", ou "enfiado a mão no seu bolso", e você já não tinha mais dinheiro. Falam que eles eram "caras de pau", pois quando alguém percebia que algo estava acontecendo, o trombadinha que estava cortando a bolsa avisava que a bolsa estava "aberta", e que estavam tentando roubá-la. Natalia conta que ela havia sacado todo o seu dinheiro para comprar uma tevê em preto e branco, e que levou seus filhos para compartilhar o prazer de comprar uma televisão, que na época era caríssima. Conta que as lojas eram distantes naquela época, não havia uma loja em cada esquina como hoje, e por

esse motivo, seus filhos ficaram com fome e pediram para que ela comprasse algo para comer. A fim de não gastar muito, já que o dinheiro estava contado para dar a entrada na prestação da tevê, ela comprou um cachorro quente e o dividiu entre seus filhos. Ao chegar à loja ela percebe que a sua bolsa está cortada, e que todo o seu dinheiro foi roubado... Neste momento, seus olhos se enchem d'água e ela comunica o seu arrependimento de não ter comprado dois cachorros quentes, um para cada filho. O silêncio se fez presente, e quando ela se acalmou eu disse que não havia como prever o futuro (ser roubada), e que ela gostaria de proporcionar uma coisa boa (eletrodoméstico) para a família, apesar da dificuldade econômica. Ela repete que se soubesse que ficaria sem o dinheiro, teria comprado 2 cachorros quentes ao invés de um. Sonia e Márcia trazem essa questão para o presente e dizem que atualmente também é perigoso, especialmente para os aposentados que tiram o dinheiro no banco.

A Sra. Fernanda pede a palavra e compartilha que todos os nordestinos são ruins, apesar dela própria também ser nordestina (fala olhando para Natalia, que também é). Explica-se dizendo que os migrantes que vem para São Paulo são enganados por seus antecessores que chegaram antes e enriqueceram. Pergunto se todos os nordestinos são ruins mesmo (aproveitando para retomar o que foi dito anteriormente pelo Sr. Xavier, onde todos os japoneses seriam rígidos), e Natalia responde que possui um primo muito de muitas posses no nordeste, e que ele não é ruim. Fernanda reflete que há casos e casos.

Natalia e Sonia mudam o rumo da conversa dizendo que tem a igreja em primeiro lugar e a USP em segundo lugar nas suas vidas, pois renasceram na USP. Antes de frequentarem a UnATI, elas estavam quase acreditando que ser velho era ruim, que não serviam pra mais nada, e se sentiam desvalorizadas dentro e fora de casa. Na USP elas encontraram um lugar que as valoriza, e que aprendem diversas coisas, especialmente nas minhas “aulas”.

Márcia quer contar a sua história e diz que antigamente as mulheres tinham que estar sempre à disposição dos homens (maridos), que o papel da mulher era o de cuidar dos filhos e da casa e o papel do homem era trabalhar para sustentar a família. Ela dizia que era triste, pois se assemelhavam a um objeto sem vontade própria, tinha que se submeter ao marido e testemunha o quanto aquela época foi

difícil. Sonia aproveita para falar que a mulher era caracterizada por ser ou não virgem, e isso refletia diretamente em seu caráter: ser uma pessoa correta ou não, e relata que é por isso que é difícil para elas aceitarem a realidade de hoje, onde o sexo é liberado. Sonia pontua que não enfrentar a situação (mandos e desmandos dos maridos) é ruim, e que ela sabia que teria que deixar os filhos em casa de madrugada para ir trabalhar, pois caso contrário não conseguiria sair desse ciclo de opressão, completa dizendo em um tom de culpa que assim que assim que o filho mais novo “desmamou”, ela foi trabalhar para “dar um jeito na vida”. Completa dizendo que todos tentavam manter as aparências até que uma hora não aguentavam mais e tomavam uma atitude. Ela aproveitou e perguntou às colegas se elas também assistiam ao programa da Xenia, que dava dicas para mulheres sobre esses assuntos, pois a apresentadora era uma mulher moderna, “bem para frente”. Eu achei interessante que a mesma mulher que tem dificuldades de aceitar os novos padrões sexuais das garotas atualmente, foi uma “vanguardista” de seu tempo, tentando ser independente economicamente do homem. Márcia e Sonia contam que ficavam tensas quando os maridos chegavam em casa, descrevem um nervosismo que tomava conta delas por serem submetidas a essa condição de objeto. Relatam que mesmo que estivessem bem com seus maridos, esse nervosismo sempre se fazia presente. Sonia comenta que ao contar sobre as situações conjugais para sua mãe, ela opinava para que filha continuasse com o marido, e que não se separasse (“naquela época o peso de ser separada era muito grande, como se a mulher tivesse falhado”). A mesma compartilha que as progenitoras não incentivavam a separação, e que essa falta de apoio de uma pessoa tão significativa na vida delas era horrível, finaliza relatando que conseguiu se separar apenas aos 49 anos (hoje ela possui 60 anos).

As componentes do grupo mudam o assunto e riem ao lembrar da Calça “Rancheira”, da Calça “U.S.TOP” (que hoje é chamada de jeans), e falam com nostalgia da Calça “Boca de Sino”, que “ficava batendo pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, e os nossos corações batiam forte a cada badalo” (Sonia).

Márcia comenta que o seu filho mais velho sempre foi muito maduro desde muito cedo, e que nunca teve problemas com ele, mas que seu filho do meio, apesar de terem sido criados igualmente, com a mesma educação, frequentado os mesmos

lugares, a mesma escola, os mesmos amigos, sempre foi mais levado, e por andar com más companhias começou a beber e a fumar maconha. Fernanda diz que é católica, mas passou 3 anos frequentando um templo espírita e eles denominavam o envolvimento com o álcool e com as drogas de legião, onde os espíritos obsessores influenciariam, acompanhariam e fariam mal à pessoa. Sonia diz que para os evangélicos, são espíritos ruins que querem se aproveitar da pessoa até a levarem ao “fundo do poço”.

Sonia pontua o silêncio de Natalia, e esta diz que quer me ouvir falar. Eu pergunto o quê ela gostaria que eu falasse. Ela responde que quer que fale sobre o que foi dito, das pessoas serem iguais, mas diferentes. Eu digo que o ser humano, na linha da Psicologia que eu seguia, nasceria com diversas sementes, umas mais desenvolvidas e outras menos, e de acordo com o lugar onde estão, os caminhos que seguem desenvolvem mais algumas partes do que outras, e ainda há facetas que nunca serão desenvolvidas, e dou o seguinte exemplo: todos são filhos de uma mesma mãe, que os criou igualmente, frequentaram os mesmo lugares, porém um tem facilidade para jogar futebol e é extrovertido, o outro tem mais recursos artísticos e é mais amoroso e outro prefere os livros e é tímido. Digo que de acordo com os diversos encontros que temos na vida, vamos nos lapidando. Concluo minha fala dizendo que outra pessoa pode pensar uma outra coisa completamente diferente de mim, e a riqueza mora aí, cada um vê o que acontece de um jeito particular, único, sem existir uma verdade absoluta. Natalia diz que a minha fala foi muito interessante, e Márcia prossegue dizendo: “Só para finalizar”, que esse filho é alcoolista e já foi internado diversas vezes, porém não conseguiu se recuperar. Relata que ele se recusava a ir aos Alcoólicos Anônimos (A.A.), uma vez que ele era muito mais evoluído do que aquilo. Sra. Márcia resolveu frequentar o A.A. a fim de entender o que o filho passava, e comenta que esse período de 3 anos fez muito bem a ela. Falou que assim seu filho arrumava um emprego, e ganhava o primeiro salário, ele sumia no mundo, e não dava notícias. A primeira vez que isto aconteceu a deixou desesperada, o que a fez percorrer diversos hospitais, o IML, e delegacias, sem sucesso. Relata que quando o dinheiro acabou, seu filho desaparecido enviou cartas à ela, solicitando ajuda financeira para voltar à São Paulo. Conta-nos que esse movimento aconteceu diversas vezes, e relembra de um episódio em que ele teria ligado a cobrar para o hospital no qual ela trabalhava como enfermeira, o que

causou um grande constrangimento perante os colegas de trabalho, quando souberam da história. Apesar disso, sempre o ajudou o filho a voltar para casa. Ele percorria diversas partes do Brasil, sem dar notícias, e como isso ocorria frequentemente, ela já tinha se acostumado a esperar o dinheiro acabar para receber notícias do filho como sempre acontecia, ele nunca mais ligou, nem mandou cartas. Com os olhos cheios de lágrima Márcia relata que faz 20 anos que ela não tem notícias dele, desde 1993. Ela já tentou procurar pela internet, na polícia, no IML, porém não encontrou nenhuma notícia, e desde então, ela carrega esse enigma de não saber se o filho está no Brasil, se foi à Europa, se está trabalhando em algum navio viajando pelo mundo, ou se faleceu. Seus olhos estão marejados e todos se emocionam. Ela se recompõe e compartilha que seu filho caçula morreu recentemente, aos 42 anos de um infarto fulminante.

A Sra. Sonia, diz que não conta essa história, nem para as amigas, mas que estava se sentindo segura e precisava compartilhar também. Nos contou que seu marido a tratava muito mal, e que atualmente ele é falecido, diz que seu filho sofreu um acidente (foi atropelado) e ficou deficiente desde então. Emocionada nos fala que desde que seu marido morreu, seu filho começou a tratá-la mal, do mesmo jeito que o marido fazia. Até que um dia, quando percebeu que corria risco de morte, ela foi obrigada a interná-lo em uma clínica. Ela diz, que todas as refeições são feitas na clínica, no entanto, o leite que ele toma, é ela quem leva, além de algumas outras guloseimas. Sempre que o visita, diz que ele é amoroso, porém fica triste já que não há condições de ele voltar para casa. Diz que essa é uma das situações que ninguém escolhe para a própria vida, mas que todos carregam alguma situação complicada.

Sonia faz uma observação que Natalia falou muito pouco, Fernanda começa a falar algo, e Márcia quer contar o final de sua história.

Natalia questiona o que pode ser feito quando alguém só aceita fazer as coisas do jeito dele, não escuta os outros, e quando alguém o contraria, fica nervoso e se retira do local. Peço para ela explicar melhor, e ela diz que não precisa nem falar quem é, que todos já captaram (que estava falando de seu marido), ela dá um exemplo: ele disse que iria ao sítio pela manhã, ela pediu para que ele a esperasse voltar da UnATI para irem juntos, ele não quis esperar, já colocou o boné na cabeça

e saiu. Natalia relata que ele é uma boa pessoa, mas que tem esse lado, que não a agrada, e explicita que se trata de seu marido, e que já havia falado comigo sobre ele na segunda aula quando solicitou uma vaga para ele, porém ele rejeitou a proposta da esposa, justificando que não era louco para precisar de psicólogo. Natalia diz que já tentou fazer terapia de casal, porém ele não aceitou, e a psicóloga disse que sem ele não adiantaria realizar o trabalho de casal. Perguntei o que ela estava fazendo com aquilo que recebia do marido, por exemplo, quando alguém recebe um limão, pode esquecê-lo dentro da geladeira, pode fazer uma torta, pode colocar sal e chupar, pode não fazer nada, entre outras opções. Ela diz que gostou do que eu disse, e que eram boas ideias para se pensar, e que talvez ela pudesse fazer terapia para refletir sobre esse incômodo, complementa que está sendo muito bom frequentar as minhas “aulas” e as da outra psicóloga. Márcia avisa que o tempo acabou. Um fato interessante é que Natalia e Sonia não estão inscritas formalmente, porém estão sempre presentes nos encontros.

Apesar do aviso de fechamento, Fernanda diz: “Para terminar eu queria falar que a minha família diz que eu teria todos os motivos do mundo para ser revoltada, mas não sou”. Eu pontuo que tudo depende do que fazemos com as coisas que recebemos da vida. A minha fala é seguida de comentários das colegas: “É verdade, depois de tudo o que aconteceu com você”, ou “Quanta coisa, né, você tinha tudo pra ser revoltada mesmo, Fernanda”.

Eu agradei a presença de todas e o compartilhamento do dia que eu achei extremamente significativo (versou sobre o tema que iríamos trabalhar: “Vida Atual”). Elas comentaram que conversar foi muito bom, pois era mais fácil falar do que escrever, e que hoje era eu que havia virado o escriba delas, e havia anotado diversas coisas importantes na vida delas. Disseram que saíram mais leves desse encontro, pois puderam compartilhar segredos que ninguém quer ouvir, ou tem receio de contar para outras pessoas. Assim finalizamos o encontro, onde me arrisquei saindo do caminho seguro do método pré-estabelecido anteriormente no projeto, e tomando outro rumo, que foi muito satisfatório.

Sra. Márcia registrou em seu diário:

“O professor Fábio já tinha começado a aula quando começamos a falar sobre as dificuldades que tínhamos para trabalhar em nossa idade. O Fábio se interessou, sentou-se ao nosso lado e conversamos bastante cada uma contando parte de sua vida. Foi uma aula tão gostosa, nem sentimos a hora passar. O professor sugeriu que escrevêssemos sobre o assunto. Vou tentar fazê-lo na autobiografia.”

Etapa C

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

1) Socialização das narrativas.

Etapa D

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

Senhor Xavier disse que as pessoas deveriam aproveitar mais a UnATI, comentou que a Vila Assis surgiu por causa da fábrica Cisper, e o Jardim Abadônia, por causa da empresa Belgo Mineira. Diz que tentou convidar os ex-operários das fábricas da região para participarem da UnATI, mas que eles não "socializam". Os operários aposentados dizem: "Vou lá pra quê?" "Ficar conversando?" "Eu não!". Márcia fala de como chegou à UnATI. Ela fazia hidroginástica na Unicastelo e uma amiga soube da UnATI da USP, que era realizada na USP e era gratuita, porém souberam dessa informação no dia 29 e as inscrições se encerravam no dia 30, então correu para se inscrever. Márcia e Natalia se interessaram pela oficina de

psicologia, enquanto Sonia se interessou pela Gerontech, pois uma amiga da igreja havia falado bem.

Mudam de assunto e comentam que é importante fazer piquenique e se reunir com a família, e que o Parque do Tietê é lá perto. Lembram do rio Tietê de 1950 onde faziam regatas, pegavam junco, faziam um canudinho e tomavam a água só rio, que era limpa, mas que de lá pra cá começou a ficar cada vez mais poluído.

Lembram que na época, os pais não viam a hora dos filhos completarem catorze anos para trabalhar, e que muitas vezes conseguiam antecipação da maioridade com o juiz. Compartilham que hoje, quando se pensa em alguém trabalhando, remete-se a vinte anos, mas que na época deles, era a partir dos nove anos. Contam que naquele tempo, o salário vinha em um envelope e era entregue para as mães. Não havia ladrão, só batedor de carteira, que era chamado de mão leve, e segundo sr. Xavier, no Rio de Janeiro era chamado de “punguista”. Falam em tom de crítica, que hoje não se pode trabalhar antes dos 16 anos, e que essa é uma das razões do mundo estar como está, por exemplo, os “homens com barba na cara”, empinando pipa na rua, sem trabalhar. Relatam que hoje não se pode bater em crianças, se não vão para a delegacia. Lembram de um episódio em que o porteiro bateu na filha que não o obedecia, ela foi pra delegacia e ele foi preso. Alguns participantes defendem que bater nas crianças é uma forma eficaz de educação e contam que faziam os filhos comerem na base da cinta, e que hoje eles comem de tudo, foi bom. Outros se dizem que é ignorância bater nos filhos, e se arrependem por terem feito.

Lembram que era duro tomar vermífugo óleo de rinso em jejum, com mastruz (erva de Santa Márcia), ou quando tinham tosse comprida (Coqueluche), também chamada de tosse brava, a mãe fazia tomar leite de jumenta. Natalia lembra que morava em casa de sapé, e seu pai matava boi para comer. Márcia lembra que seu pai matava cabritos em Guaianazes. Os idosos relatam que hoje não teriam coragem de matar nem uma galinha, mesmo tendo feito no passado. Contam que não existia margarina, então passavam banha de porco no pão, fritavam toucinho e o pedaço não utilizado, colocavam na gordura para conservar, porque não tinha geladeira na época. Contam que só de ver aquela cena provavelmente vomitariam hoje. Comentam que atualmente já está tudo pronto, vai-se ao mercado e se

compra, não vê matar, nem o sofrimento dos animais. Relatam que antigamente se comia muita gordura, mas também se gostava muitas calorias, e dão o exemplo que caminhavam no mínimo dois quilômetros para comprar qualquer coisa, ir a qualquer lugar, por isso não havia obesidade, pressão alta, colesterol como se ouve tanto falar hoje em dia. Não havia a noção de bactéria, então naquele tempo não existia bactérias para pegar, havia apenas os vermes. Lembram que tomavam lombrigueira, licor de cacau, tinha também o elixir de inhame, que era um depurador do sangue. Iam também ao Veado D'ouro comprar Biotônico Fontoura, e Emulsão Scotch, que tinha um cheiro forte de peixe (óleo de fígado de bacalhau) misturado com açúcar. Para enurese utilizavam o Inurisis Catedral, ou a criança apanhava e parava de fazer xixi na cama.

Falaram que era comum que as mulheres acordassem às 4 da manhã, e que almoçassem às nove. O sr. Xavier conta que em Minas Gerais o café da manhã era composto por carne e bolo, para que fossem bem sustentados trabalhar, e que o fogão era a lenha, e mais tarde foi substituído pelo de querosene, que cheirava mal e esse cheiro impregnava na comida. Natalia comenta que a comida do fogão a querosene era ruim mesmo. Sonia relata que primeiras panelas de pressão eram perigosas e explodiam, por isso aconteciam muitos acidentes. As pessoas, abriram espaço e perguntam a Bruna se onde ela morava era assim também, a mesma diz que às vezes não encontrava lenha seca para o fogão, e que a panela de barro ficava preta quando colocada no fogão à lenha. Natalia pergunta se as situações contadas ocorreram na cidade de São Paulo, pois pensava que essas eram características da zona rural, e de Pernambuco, onde ela morava. A mesma achou interessante como diversas experiências eram comuns, mesmo sendo de lugares tão distantes.

Recordavam que para ler se utilizava candeeiro, fifó ou lamparina, e que acordavam pela manhã com nariz preto e com cheiro do instrumento usado para iluminação. Contam que antes era normal conviver com a vida e com a morte, o defunto era velado na própria casa a noite inteira, e no decorrer do tempo, a cerimônia virava uma coisa animada, com piadas e café. Não havia mercado na época, apenas vendinhas, e o pai de Márcia era um animador de velório, ele comprava 2 litros de pinga e todo velório ficava animado, não tinha como não ficar.

Natalia fala da sentinela, que era uma mulher contratada, que vestia preto, usava uma mortalha, e cantava nos velórios. Quando a criança falecia, o caixão do menino era da cor azul e o da menina era branco. No nordeste, levavam o defunto na rede por 18 quilômetros, como no filme vida e morte severina, e a pessoa que foi pecadora, fazia o caixão ficar pesado, então se parava no meio do rio, pegava-se galhos de árvores e nas águas do rio lavava-se os pecados para que o defunto seguisse em paz. Contam que sempre que se chegava perto do cemitério o defunto fica mais pesado. Contam também que quando se sabia que a pessoa iria morrer, o padre chegava com a bíblia na mão para dar a extrema-unção, e colocava-se uma vela na mão dos mortos para que ela iluminasse os caminhos do defunto. Sr. Xavier relata que viu seus dois irmãos morrerem nos braços da mãe, morreram de pneumonia. Natalia relata que presenciou o pai morrer. Sonia diz que a unção para os evangélicos, servia para curar o corpo da doença e libertar a alma do sofrimento. Relatam que como antigamente não tinha psicólogo, nem análise como hoje, a saída era confessar na igreja.

Lembram que naquele tempo, quando a mulher tinha bebê, era costume que ela comece canja de galinha por 3 dias seguidos e tinha que fazer o chamado período de resguardo, onde ficava 7 dias sem sair do quarto, pois ambos, ela e o bebê poderia morrer. Neste período, ninguém podia entrar no quarto por causa do mal de sete dias, que hoje é conhecido como o tétano umbilical, e que na época não havia vacina, porém o saber popular dava conta de lidar com ele, colocava-se pena de galinha queimada, fumo, óleo de picumã, além de pó condensado (fuligem no fogão), mais alfazema para que o problema não ocorresse. Segundo o sr. Xavier, hoje se sabe que as propriedades químicas desses elementos auxiliam no combate às doenças.

O motorista naquela época era chamado de motorneiro e a cada pessoa que pagava ao cobrador, ele toca o sino “bling bling”, e havia um ditado popular: “tudo nessa vida é passageiro menos o cobrador e motorneiro”. Contam que galochas eram elegantes na chuva, e que se tratava de uma sociedade enjoada, que importava tecidos como casemira e capote para fazer roupas. Lembram da loja Prada, que só vendia chapéus para pessoas chiques, contam que o homem daquele tempo sem chapéu e sem bengala não era nada. Todos saíam chiques, para votar

usavam chapéu, sapato engraxado, terno, etc. As mulheres usavam leque, luvas, chapéu e sobrinha. Mencionam que hoje, a cinta liga é vista com sensualidade, mas antigamente servia para segurar a meia. Anágua era o nome do saíote feito de saco de farinha, assim como cabeção era o nome da combinação, também feita do mesmo tecido. As crianças sem combinação apanhavam, porque o corpo deveria ser escondido. Os homens usavam ceroulas e suspensórios. Mencionaram também que nos cabelos, usavam brilhantina das marcas Glostora ou Palmolive, óleo de porco, e óleo de salada. Brotinho era como se chamavam as adolescentes na época. As colegiais usavam boina ou laço branco, caso contrário, não entravam na escola, meia branca, camisa branca e sapato azul também faziam parte do uniforme. Para engomar o laço e as roupas, utilizavam araruta, que é uma mistura de maizena ou farinha com água, cozida. A mistura deveria ser rala, então umedecia-se as roupas para depois serem passadas. A mistura araruta também servia como cola para a fabricação de balões e pipas. Nos anos 60 não havia o poliéster, nem o tergal, não havia telefone também, e a comunicação se dava via cartas.

Naquela época quando as meninas iam tomar banho nos rios, os meninos iam espiá-las por detrás da moita. Era no rio (lajedo, caldeirão), onde se lavavam as roupas, devia-se coarar a roupa (alvejar), depois ensaboá-la e aguá-la. Para coarar utilizavam sabão de cinza, depois passou-se ao sabão de sebo e por fim ao sabão de mamona. Sr. Xavier disse que a Revolução Industrial em São Paulo se deu nos anos 60, e que facilitou a vida da mulher, pois hoje ela não precisa lavar nem fralda, antes o ferro de passar era em brasa, e se a brasa caísse no tecido, a peça de roupa estava perdida. Hoje o ferro a vapor é mais tranquilo. Contam que em 1964 as lojas Pirani trouxeram a moda para a cidade, com os cintos de fivelão, e as calças de boca fina (moda dos americanos), e que depois passou para calça de boca larga. Havia também o salto carrapeta (sapato de cantor sertanejo), e o sapateiro colocava placas de metal para não gastar a sola dos sapatos.

Sr. Xavier sempre leu muito desde os 9 anos, gostava da revista Cigarra, já Sonia, quando moça gostava de ler fotonovela, e a revista Capricho. Dona Márcia, relata que na época da radionovela, se apaixonou pela voz do cigano, que parecia um homem gostoso, lindo, mas depois descobriu que se tratava do Lima Duarte, o Zeca Diabo, o que a fez pensar, como uma voz tão bonita era de um homem tão

feito, e termina rindo da sua reflexão. Contam que o Cinca, Karmaguia e Chambord eram carros dos “riquinhos”. Natalia comenta que hoje o homem e a mulher chegam de carro no casamento, mas antes chegavam a cavalo. Lembram que na época deveria pedir ao pai da moça se poderiam namorar, e que os dias de namorar eram aos sábados e domingos, e à noite os namorados tinham que ir embora, pois os pais não gostavam que se namorasse até tarde.

Etapa E

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

Solicitei que todos pensassem num projeto de vida maluco, o que eles quisessem.

Eles me perguntaram se estavam contribuindo o suficiente comigo, pois para eles estava sendo muito importante compartilhar, mas queriam saber se para mim também estava valendo a pena. Disse que estava sendo proveitoso para mim também.

Relembra a brilhantina: “Glostora, que o seu cabelo melhora”. E dos cremes Ponds e Rugol para a cutis, e comentam que hoje já não é usual utilizar a palavra cutis. Comentam como os produtos estão caros hoje em dia. Sonia brinca dizendo que atualmente, quando o homem conhece uma mulher, já tem que ver se ela tem carteira assinada, porque um deles seria responsável pelo aluguel e o outro pelo mercado. Compartilha que antigamente, era possível pagar o aluguel e viver com certa fartura, mas sem luxos e ainda sobrava dinheiro para comprar um terreno para construir a casa própria, já que a prestação era de meio salário mínimo, mas que isso não é mais possível, hoje.

Eles passam a falar do projeto de vida maluco, Márcia diz: “Eu estava sonhando, mas acordei no meio do sonho... Pelo tempo de vida que eu tenho é até muita coisa para fazer, não sei se vai dar tempo...”

Bruna deseja viajar pela NASA, estudar para ser aeromoça e ir à Suíça (lugar da moda e da elegância) , França e à Cuba, e quer ser marinheira para viajar e conhecer o oceano. Xavier, que quer ir à Grécia (berço da cultura), à Portugal, Espanha e Itália (para entrar em contato com a cultura que influencia o Brasil), ver os índios da Amazônia, e conhecer o vale do Senegal, na África, terra natal de seus bisavós. Comentando como isso era importante para ele, o mesmo defende que se deve conhecer as raízes, e finaliza dizendo: “só isso”. Mas depois completa rapidamente que gostaria de cursar filosofia também (posteriormente relata que é um sonho, e que tentou o vestibular, porém não havia passado). Fernanda gostaria de ir aos Estados Unidos, pois lá a diarista ganha bem, e como tem pouco tempo, quer ganhar dinheiro rápido e comprar uma casa. Sonia quer fazer caminhada todos os dias, ser voluntária em um hospital, pintar a casa com as próprias mãos, servir comida, pão e sopa aos moradores de rua, e ir ao mangue comer caranguejo. Natalia quer ir a Porto Seguro, pois acha um dos nomes mais bonitos, não conhece, mas deseja viajar para esse local por causa de seu nome, também gostaria de ter tudo a disposição, uma casa bonita com empregados (para não ter que lavar louça no frio) e motorista (para passear sempre com as netas, nunca sozinha), sem que ela tenha que pedir nada a ninguém. Natalia conta que o marido possui carro, mas não quer levá-la aos lugares e que só reclama. Márcia conta que conheceu uma pessoa no matadouro de seus avós, e que seu sonho era ser igual a ela. Então deseja usar uma camisa xadrez, calça rancheira, comprar um caminhão Scania Vabis e levar couro curtido ao Rio Grande do Sul.

Etapa E

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

O encontro se iniciava às oito horas, porém nesse dia todos os participantes estavam atrasados. Era o dia em que fariam o “projeto de vida pé no chão”. Márcia e Fernanda chegam às 08:10 e dizem estar de mal de mim. Márcia sonhou que eu estava os expulsando das oficinas, e que a tinha tratado mal no sonho. Eu pergunto,

qual o sentido daquilo para ela, e ela diz não saber. Fernanda diz que da parte dela é brincadeira, não está de mal, pois havia me cobrado uma produção na aula anterior, porém a narrativa estava na casa dela. Márcia comenta que os encontros estão acabando e fala que ela e Fernanda não haviam tomado café juntas naquele dia, e convidou a colega para a lanchonete. Como já estavam atrasadas, Fernanda preferiu não tomar café, o que fez Márcia desistir da idéia.

Fernanda esquecia a lente dos óculos, solicitava canetas novas, pois nunca tinha, e deixava o seu pano cair várias vezes no chão. A primeira vez que eu peguei o pano, ela disse que eu havia pego com nojo, e eu disse que não. Numa das sessões posteriores, o sr. Xavier pegou o pano que havia caído no chão e aconteceu a mesma coisa, Fernanda disse que ele pegou o pano com nojo, e o mesmo nega. Hoje, o pano caiu novamente, e Márcia disse: “Não vou pegar para não falarem que estou com nojo”, Fernanda ri e diz: “Sabe o que é? É que eu fiquei com vergonha dele estar sujo”. Outros participantes falam que não tem problema, Fernanda diz que quando está sujo, dá nojo, fica com cheiro desagradável e todos fogem. Passagem significativa, pois ela mostrava suas vivências a partir de sua fala. Ela não tinha nenhum parente de referência, sem contatos, se via sozinha no mundo, por ela ser negra e neta de militar, porém nem eu, nem o sr. Xavier, e nenhum outro participante fugiu dela.

Fernanda pergunta ao grupo: “A gente ainda tem tempo de vida para fazer planos?”. Márcia diz: “Não!”. Fernanda diz: “Sai com esse pé frio daqui!”. A resposta estava dada. Um dos participantes leu um pensamento religioso que falava do receio de fazer planos muito longos, e em seguida o Sr. Xavier disse que Cícero pregava que velho não fazia nada, não sentia prazer. Sr. Xavier reflete que tanto o jovem quanto o velho estão próximos da morte, uma vez que ninguém saberia o dia de amanhã, o futuro era um mistério. Os participantes dizem que devem aproveitar o dia, viver. Márcia dá o exemplo de seu filho, que era saudável, e que todos gostavam dele, mas que no dia 28 de Dezembro havia infartado e falecido, fazia 6 meses que estava sem ele. Ela comunica a solidão de ter um filho desaparecido e outro falecido. Xavier muda o rumo da conversa e dá um exemplo de um idoso que passou na faculdade de medicina aos setenta anos, diz: “Por que medicina aos

setenta anos? Porque estou vivo! Não sei se vou estar aqui, mas esses exemplos inspiram a gente!”.

Peço para que eles pensem e reflitam sobre um projeto “pé no chão”.

Márcia comenta que os encontros são bons para poder parar para refletir, Sonia complementa dizendo que é bom para enxergar as coisas, ver melhor, o sr. Xavier diz que é bom saber que tem capacidade para realizar as coisas, e Fernanda diz que é bom para que eles não desistam nunca. Márcia diz que gostaria de fazer Serviço social, não pelo dinheiro, mas para poder ajudar as pessoas. Complementa que a fala de Xavier serviu como inspiração para ela, e que antes dos encontros não pensava em nada disso. Diz que é a mais velha do grupo. Xavier diz que ela tem a cabeça boa. Fernanda diz que pensava pertencer a um museu, que não tinha capacidade, que não prestava pra nada, pois não tinha se preparado para aposentadoria, ficou deprimida, mas os encontros devolveram a confiança que ela havia perdido nela mesma.

Sonia deseja tirar carteira de habilitação, pois seu marido nunca a deixou dirigir, apesar de possuir carteira de motorista. Relata que o marido pagou a auto escola, porque pensou que ela não iria passar no teste, mas depois que ela passou, ele começou a criticá-la e ficava bravo quando ela tocava no assunto de manejar o carro. Ela também desejava fazer um curso de pintura. Disse que a partir dos encontros encontrou novamente a vontade de retomar algumas coisas que estavam bloqueadas, mas que agora era possível colocá-las em prática. Márcia diz que Sonia tirou das entranhas esse projeto. Sonia diz que a habilitação estava morta e enterrada, e que não há ouro, ou prata que se assemelha ao valor desse resgate.

Natalia deseja cuidar de sua mãe em Pernambuco, relata que veio à São Paulo para trabalhar e enviar dinheiro para a mãe. Compartilha o seu medo de ficar sozinha, Márcia diz: “carinho”. Natalia conta que tentou trazer sua mãe para morar com eles, porém ela não se adaptou, tinha medo até do fogão a gás, pois estava acostumada ao fogão a lenha. Xavier conta que a cidade grande para sua mãe era uma prisão, que ela também não se acostumou.

Bruna quer o terreno que é seu de direito, mas seu irmão não quer ir ao cartório para passar para seu nome, e que enquanto isso não poderá fazer mais nada. Deseja continuar o tratamento dentário, e nos mostra o aparelho ortodôntico que possui, e que dificulta a sua fala. E por fim gostaria de continuar assistindo às “palestras” da UnATI. Colegas dão dicas para ela conseguir o terreno de volta, como ir à defensoria pública.

Fernanda gostaria de continuar estudando, com emprego, mudar para uma casa própria, abrir um restaurante de comida caseira, e também quer se formar em algum curso que lide com o público. Ao final diz: “Papai do céu deu uma panela velha, cada um vem com uma missão”.

O grupo começa a comentar que na vida há coisas boas e coisas ruins, que tudo passa e que tudo é um aprendizado. Dizem que deve se pegar o limão azedo, e fazer um suco doce com ele.

Xavier diz que seu projeto de curta duração é tocar violão, pois seu tio tocava rabeca na igreja, explica que é um instrumento, “primo pobre” do violino. Gostaria ainda em curto prazo de plantar salsinha, coentro e flores (orquídeas), além de participar da UnATI. Comenta que foi criado no quilombo, onde havia o ritmo do batuque, da umbigada, e da sanfona, diz que o primo tocava violão de ouvido, e que gostava muito, porém não se aproximava do instrumento, não ousava. Na escola tinha complexo de inferioridade, e sempre achava que não ia conseguir antes mesmo de começar. Xavier retoma o projeto e diz que a longo prazo, gostaria de fazer faculdade de filosofia, e uma viagem ao exterior. Continua dizendo que foi faxineiro, atendente, auxiliar e técnico na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Comenta que tinha de dois a três empregos (pois naquela época havia muitas oportunidades), no pronto socorro do Tatuapé trabalhava em regime doze por trinta e seis, trabalhava oito horas numa firma e no hospital A. C. Camargo, onde ficou horrorizado com os bebês de seis meses e crianças sofrendo tanto, e resolveu deixar o emprego. Complementa dizendo que as doenças colocam as pessoas prepotentes no seu devido lugar, pois as pessoas podem ser ricas, e esnobes, mas não escapa da dimensão humana. Sr. Xavier também diz que não acredita em coisas grátis, só na UnATI.

Etapa F

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

Depois de me cumprimentar, Márcia, com voz de cobrança, diz: “Você quer nos deixar malucos?” Sonia diz que é bom, pois os encontros fazem a cabeça funcionar e Márcia com a voz doce diz: “O que você não nos pede chorando que nós não fazemos sorrindo”. Márcia se mostra muito incomodada com o final dos encontros e isso se explicita tanto em seus sonhos, como em seus comentários direcionados a mim.

Informo que este é o encontro para pensar e compartilhar os projetos de vida, que foram concebidos a partir dos “projetos malucos” e dos “projetos pé no chão”.

Márcia diz que já realizou todos os projetos, passou por todas as fases da vida, criou filhos, viveu, já fez tudo. Agora quer passear, viajar, fazer serviço voluntário, e fazer faculdade de serviço social. Diz não ter grandes projetos, e com a idade que têm está bem. Fala de outro projeto que está apenas em pensamento: a mecânica de automóveis, mas que talvez amadureça o projeto, talvez fique apenas viajando. Comenta que tem uma viagem marcada para o ano que vem, passará 24 dias no nordeste. Diz que sentirá muito a falta do “professor”, dos colegas e da sala.

Fernanda diz que em São Paulo ela depende de capital para iniciar o seu negócio, que seria interessante, já que se vende muita lingüiça e pinga por aqui. Já na Bahia ela possui uma casa e um terreno. Para ficar em São Paulo, ela deverá se acertar com a sobrinha que mora nos Estados Unidos, caso contrário retornará à Bahia. Xavier diz que ela deve esquecer as coisas passadas e seguir em frente. Fernanda diz: “Tem nego que me puxa para trás”. Sonia diz: “Mostra que você é mais forte que eles”. Xavier: “Você tem tanto conhecimento de vida, não pode ficar presa no passado”.

Nadir pretende viajar com o esposo para visitar a família em Pernambuco, e quer se aposentar, já que falta um ano para completar sessenta anos. Ela também pretende fazer uma faculdade, o curso não importa, porém deve ser grátis.

Sonia deseja uma mente sadia e um corpo saudável para concretizar o seu projeto de visita aos enfermos, e aos que passam por adversidades, levando uma palavra amiga e uma oração. Acredita que quem ajuda o outro também é ajudado. Esse projeto se dará no norte e no nordeste do país junto com a sua igreja. Irá tirar a habilitação novamente, para dirigir o seu “pois é” (carro simples). Deseja realização pessoal e espiritual, pois acredita que uma não se separa da outra.

Márcia diz que faz serviço voluntário no hospital e que uma mulher estava com muita sede, porém estava acamada, ela foi e deu água para a pessoa, que chorou. Sonia diz: “Você matou a sua sede e a dela”. Xavier: “Eu recebi muita coisa na vida, gostaria de retribuir”.

Sonia diz que quando Bruna destampa o vidrinho de perfume é uma bênção. Desde o primeiro dia, Bruna se mostrava muito quieta, porém quando começava a falar, todos paravam para prestar atenção, era música, poesia. Bruna diz que pretende resolver a questão do terreno, continuar o tratamento dentário, e aprender a tocar piano, porém tem que ser um curso gratuito. Ela comenta que admira quem toca piano, e que já ouviu várias vezes pessoas tocando na igreja católica. Ela também deseja viajar para longe, Amazônia e Manaus, pois lá tem um sorvete de uma fruta muito parecida com uma pinha de que ouviu falar e ficou com vontade de experimentar. Há também o desejo de visitar a Serra do Ouro/Pelada, pois gostaria de ver como as pessoas trabalham por lá. Comenta que quer entrar em contato, já que estar lá é diferente de ver na televisão ou ouvir falar. Pergunta se os colegas conhecem a tal fruta que parece com uma pinha. Os outros idosos acreditam que deve ser a graviola.

Os participantes terminam o encontro falando dos cursos da UnATI, quais seriam os mais interessantes, o que cada curso oferecia, em quais eles iriam se inscrever, quais poderiam fazer juntos.

Etapa G

Participantes Presentes: Fernanda, Márcia, Natalia, Sonia, Bruna e Xavier.

Café da manhã de encerramento, e entrega dos livros com as autobiografias. No último encontro, fiz uma compilação das narrativas de cada pessoa durante todo o processo, que contou com a infância, adolescência, vida adulta, e o projeto de futuro. Além das histórias, e do projeto de vida que cada um delineou para si, cada participante também escreveu mensagens a cada um dos colegas.

Era um livro que continha a sua própria autobiografia, os planos futuros e as mensagens dos colegas. Foi produzido individualmente, ou seja, cada um recebeu o seu próprio livro de histórias de vida. Todos os participantes se mostraram emocionados ao receber o livro, que deixou de ser um objeto, que possuía um valor custo, feito de determinado material, para ganhar status de coisa, que havia sido preparado artesanalmente, a partir dos compartilhamentos, foi pensado em cada um, carregava as lembranças dos encontros, a sua própria história, os votos de carinho e coisas boas, os planos futuros, e as marcas e os registros deixados em todos que conviveram durante esse tempo com eles. Os participantes ficaram satisfeitos ao receber o livro, e disseram que ele ficaria a amostra, na mesa da sala das casas, para que as visitas o lessem, disseram também, que iriam mostrar aos filhos e netos a história deles, e que agora eles teriam que ler! Sua posição já não mais refletia os idosos do primeiro encontro, de simples observadores do mundo, desprovidos de poder, solitários, agora mostravam, seu novo status, de querer se colocar em direção ao futuro, deixando marcas no mundo, contribuindo com ele. Expuseram que o livro ganhou importância maior para eles, pois não só continha as suas experiências, e muitos pensavam em escrever suas histórias, mas também se tratava de algo duradouro, que não iria se perder no tempo e na memória como a fala, era um registro materializado, que poderia ficar para as gerações posteriores, que nem teriam contato físico com eles, mas que poderiam saber de sua história, de quem foram.

No último encontro, recebi uma caneta com meu nome inscrito nela e um cartão que dizia: “Ao mestre com carinho”. Mais tarde, soube do significado daquela mensagem, que remetia a um filme, onde os alunos deram muito “trabalho” ao professor, que não se amedrontou e enfrentou o desafio de ensiná-los, e pouco a pouco, houve uma transformação tanto nos alunos quanto no professor. A caneta ganhava status lírico, não se tratava apenas de um objeto com valor material, feito de metal, e que servia para escrever, mas de uma coisa, carregada de significações, de sentimentos, de memória, de investimentos. O cartão também continha uma mensagem muito bonita, pois portava uma mensagem de como a partir dos encontros, nós pudemos nos modificar, e sair transformados.

Anexo B – Parecer Consubstanciado do CEP

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS
E HUMANIDADES - EACH/USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Encontros na Terceira Idade - Autobiografia e Devir

Pesquisador: FABIO ARAGAKI GISHITOMI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 12436813.3.0000.5561

Instituição Proponente: INSTITUTO DE PSICOLOGIA ((USP))

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 253.442

Data da Relatoria: 15/04/2013

Apresentação do Projeto:

Projeto tem como tema central o idoso e seu processo de envelhecimento. Este estudo é uma pesquisa clínica, que

se utilizará de metodologia de abordagem qualitativa, envolvendo o delineamento de pesquisa participante. O pesquisador destaca que a Terceira Idade aos poucos passou a ser encarada como um momento da vida no qual se poderia viver com prazer, realização pessoal, e também de forma mais produtiva. Desta forma, pensar nos possíveis aportes, compreensões e intervenções, compatíveis com as novas possibilidades do envelhecer, este projeto preocupa-se com a perspectiva de desenvolver novos enquadramentos no atendimento aos idosos.

Objetivo da Pesquisa:

O presente trabalho tem como objetivo refletir a respeito da maneira como cada participante se constituiu, utilizando para isso de relatos autobiográficos, e o modo como cada um vê e organiza o próprio futuro, a partir de projetos de vida produzidos pelos mesmos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador considera que o risco pode ser considerado mínimo e que os procedimentos não sujeitam os participantes a riscos maiores do que os encontrados nas suas atividades cotidianas (conversar com alguém, ser entrevistado, redigir uma carta, entre outras). Os benefícios que o pesquisador apresenta será a de refletir sobre o seu percurso de vida na companhia de outras pessoas, podendo produzir um projeto futuro.

Endereço: Av. Arlindo Bétio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

CEP: 03.828-000

E-mail: cep-each@usp.br

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES - EACH/USP

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área da Gerontologia. Este projeto tem a possibilidade de dar apoio ao idoso na sua velhice, dando-lhe a oportunidade de refletir e enfrentar com maior efetividade os desafios desta fase da vida. O projeto está estruturado de forma adequada, sendo que os idosos participantes serão recrutados na UNATI da EACH-USP. Para sua operacionalização serão realizados ateliês biográficos de projeto, com doze idosos na Universidade aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Estas oficinas serão divididas em seis etapas (13 encontros): a) os dois primeiros encontros terão caráter explicativo e elucidativo das atividades que serão desenvolvidas ao longo do processo, b) quatro oficinas destinadas à produção da autobiografia, c) um encontro para socialização da narrativa de vida (autobiografia), d) quatro oficinas destinadas à produção do projeto de vida, e) um encontro para a socialização dos planos futuros (projeto de vida), f) um encontro de follow-up. As etapas podem sofrer alterações dependendo das particularidades do grupo e de cada um de seus componentes. A análise dos dados irá ocorrer a partir dos relatos autobiográficos (caminho percorrido por cada sujeito), dos diários reflexivos, e dos projetos de vida (planos de ação futuro), em nível prático (durante as oficinas) e posteriormente, utilizando a teoria de Gilberto Safrá para essa apreciação, uma vez que a mesma proporciona grandes contribuições no processo de constituição do ser humano, na maneira singular de ser de cada um, e na maneira como as pessoas sonham o futuro (devir).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados de forma adequada. O TCLE está adequado, constando inclusive a avaliação pelos dois CEPs (Psicologia e EACH da USP).

Recomendações:

Recomenda-se que os resultados sejam apresentados na apresentação geral da UNATI-EACH, quando outros idosos, cerca de 300 pessoas, poderão apreciar e conhecer o trabalho desenvolvido.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendência, sugiro a aprovação do projeto em epígrafe.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP **Município:** SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

CEP: 03.828-000

E-mail: cep-each@usp.br

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS
E HUMANIDADES - EACH/USP

Considerações Finais a critério do CEP:

Consideramos o projeto acima aprovado.

SAO PAULO, 24 de Abril de 2013

Assinador por:
Rosa Yuka Sato Chubaci
(Coordenador)

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-1046

CEP: 03.828-000

E-mail: cep-each@usp.br

Anexo C – Termo de consentimento livre e esclarecido

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº: SEXO: M ☐ F ☐

CPF:..... DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO

Nº..... APTO:..... BAIRRO:.....

CIDADE ESTADO..... CEP:.....

TELEFONE RESIDENCIAL: DDD (.....)

TELEFONE CELULAR: DDD (.....)

E-MAIL:

ESCOLARIDADE: RELIGIÃO:

DADOS SOBRE A PESQUISA

1. TÍTULO DO PROJETO: **ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO NUM CONTEXTO CLÍNICO INSTITUCIONAL – AUTOBIOGRAFIA E DE VIR NA TERCEIRA IDADE**
 PESQUISADOR: **FÁBIO ARAGAKI GISHITOMI.**

2. CARGO/FUNÇÃO: **PSICÓLOGO MESTRANDO DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.**

INSCRIÇÃO NO CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA Nº: **06/102413**

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

RISCO MÍNIMO	☒	RISCO MÉDIO	☐
RISCO BAIXO	☐	RISCO MAIOR	☐

4. DURAÇÃO DA PESQUISA: **MESES DE MARÇO, ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2013.**

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O presente estudo tem como objetivo desenvolver um modo de atendimento clínico baseado na maneira como cada participante se constituiu, utilizando para isso de relatos autobiográficos, e compreender o modo como cada um vê e organiza o próprio futuro, por meio de projetos de vida, produzindo assim, conhecimento a respeito das noções de devir (vir a ser) de pessoas da Terceira Idade.

Este estudo é uma pesquisa clínica, que utilizará metodologia de abordagem qualitativa, envolvendo o delineamento de pesquisa participante. Para sua operacionalização serão realizados *Ateliês Biográficos de Projeto* (Mombberger, 2006), com idosos na Universidade aberta à Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Ao todo serão 13 encontros de 120 minutos cada. Os ateliês serão divididos em seis etapas: a) os dois primeiros encontros terão caráter explicativo e elucidativo das atividades que serão desenvolvidas ao longo do processo, b) quatro oficinas destinadas à produção da autobiografia, c) um encontro para socialização da narrativa de vida (autobiografia), d) quatro oficinas destinadas à produção do projeto de vida, e) um encontro para a socialização dos planos futuros (projeto de vida), f) um encontro de follow-up. As etapas podem sofrer alterações dependendo das particularidades do grupo e de cada um de seus componentes. Ao final do processo, pretende-se que sejam produzidas autobiografias, um projeto de vida e um diário reflexivo.

A pesquisa apresenta **risco mínimo**, ou seja, os procedimentos não sujeitam os participantes a riscos maiores do que os encontrados nas suas atividades cotidianas (conversar com alguém, ser entrevistado, redigir uma carta, entre outras).

Como benefício você terá uma chance de compartilhar o seu percurso de vida na companhia de outras pessoas, e poderá refletir sobre um projeto futuro. Você não receberá nenhuma quantia em dinheiro, porém estará contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento científico, que no futuro poderá trazer benefícios a muitas pessoas, e outros estudos na área do envelhecimento humano, psicologia, autobiografia, e projetos de vida.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é o mestrando **FÁBIO ARAGAKI GISHITOMI**, que poderá ser encontrado pelo telefone: (11) 96655-1000, o professor orientador do mestrado (Andrés Eduardo Aguirre Antúnez IP- USP) poderá ser encontrado no telefone: (11) 3091-1946, e a professora responsável pelo projeto na EACH-USP (Rosa Yuka Sato Chubaci) poderá ser encontrada pelo telefone: (11) 3091-8142.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (IP-USP): Av. Professor Mello Moraes, 1721 - Bloco G - 2º Andar - Sala 27 - Cidade Universitária - CEP: 05508-030 - São Paulo - S.P. - E-Mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (EACH-USP): Avenida Arlindo Bettio, 1000 - Sala T14 I1 - Ermelino Matarazzo - CEP: 03828-000 - São Paulo - S.P. - E-Mail: cep-each@usp.br - Telefone: (11) 3091-1046.

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na Instituição.

O material e os dados coletados na pesquisa poderão ser utilizados em uma futura publicação acadêmica (mestrado, doutorado), em livro e/ou periódico científico. O sigilo está garantido e sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese.

Você possui o direito de se manter atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo **"ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO NUM CONTEXTO CLÍNICO INSTITUCIONAL – AUTOBIOGRAFIA E DEVIR NA TERCEIRA IDADE"**.

Eu discuti com o Sr. **FÁBIO ARAGAKI GISHITOMI** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concorde voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Assinatura do Sujeito Pesquisado

Data: ____/____/____

Assinatura da Testemunha

Data: ____/____/____

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente para a participação neste estudo.

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data: ____/____/____